

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

JANE ANTONIA SALES ROCHA AGASSIZ

O APAGAMENTO DA OCLUSIVA /d/ NO MORFEMA FORMADOR DE GERÚNDIO {-
ndo} NA FALA MANAUARA.

MANAUS- AM
2024

JANE ANTONIA SALES ROCHA AGASSIZ

O APAGAMENTO DA OCLUSIVA /d/ NO MORFEMA FORMADOR DE GERÚNDIO {-
ndo} NA FALA MANAUARA.

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Universidade Federal do
Amazonas, como requisito para obtenção
do título de mestra nesta instituição.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva
Coorientador: Prof^º. Dr. Orlando da Silva Azevedo

MANAUS- AM
2024

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

- A262a Agassiz, Jane Antonia Sales Rocha
 O apagamento da oclusiva /d/ no morfema formador de gerúndio {-ndo}
 na fala manauara / Jane Antonia Sales Rocha Agassiz. - 2024.
 144 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Raynice Geraldine Pereira da Silva.
 Coorientador(a): Orlando da Silva Azevedo.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa
 de Pós-Graduação em Letras, Manaus, 2024.
1. Dialetoлогия. 2. Pluridimensional. 3. Sociolinguística. 4. Morfema {-
 ndo}. I. Silva, Raynice Geraldine Pereira da. II. Azevedo, Orlando da
 Silva. III. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-
 Graduação em Letras. IV. Título
-

RESUMO

Este trabalho aborda as ocorrências das variantes morfofonológicas do morfema formador de gerúndio {-ndo} na fala manauara, tendo como fundamento a Dialetoologia Pluridimensional e relacional de Thun (1996), que contempla a variação linguística em diferentes dimensões (diatópica, diazonal, diagenérica, diageracional e diastrática) e a Sociolinguística Variacionista de Labov (1972). A coleta de dados foi realizada diretamente nos bairros da Zona Oeste (Glória, Santo Antônio, Compensa) e Zona Norte (Novo Aleixo, Nova Cidade, Monte das Oliveiras). Os dados serão coletados com a aplicação de um questionário fonético- fonológico-QFF, adaptado do questionário de Araújo (2019). Em tal pesquisa, objetivamos mapear áreas linguísticas na cidade de Manaus, mostrando as ocorrências das variantes de {-ndo}; identificar quais os grupos de fatores (intralinguísticos ou extralinguísticos), que estão influenciando a ocorrência das variantes morfofonológicas; definir a norma de uso da fala manauara. Serão selecionados 36 informantes, sendo 6 em cada ponto de inquérito, distribuídos em células sociais por sexo (mulher e homem); por faixa etária (de 18 a 30 anos, de 31 a 45 anos e de 46 a 60 anos); e por escolaridade (Ensino Fundamental Incompleto/Completo e Ensino Médio Incompleto/Completo). Os dados serão analisados de forma quantitativa com ajuda do programa estatístico Goldvarb X.

Palavras-chaves: Dialetoologia Pluridimensional, Sociolinguística, Morfema {-ndo}.

ABSTRACT

This study looks at the occurrences of phonetic variants of the gerund-forming morpheme {-ndo} in Manauara speech, from the perspective of Thun's (1996) multidimensional and relational dialectology, which considers linguistic variation in different dimensions (diatopic, diazonal, diagenetic, diagenational and diastratic) and Labov's (1972) variationist sociolinguistics. Data will be collected directly from the neighborhoods of the West Zone (Glória, Santo Antônio, Compensa) and the North Zone (Novo Aleixo, Nova Cidade, Monte das Oliveiras). The data will be collected using the phonetic-phonological questionnaire-QFF, adapted from Araújo's questionnaire (2019). In this research, we aim to map linguistic areas in the city of Manaus, showing the occurrences of variants of {-ndo}; identify which groups of factors (intralinguistic or extralinguistic) are influencing the occurrence of morphophonological variants; define the norm of use of Manaus speech. Thirty-six informants will be selected, six at each survey point, distributed in social cells by gender (women and men); by age group (18-30 years, 31-45 and 46-60 years); and by schooling (Incomplete/Complete Elementary School and Incomplete/Complete High School). The data will be analyzed quantitatively using the Goldvarb X statistical program.

Keywords: Sociolinguistics, Multidimensional dialectology, Morpheme {-ndo}.

Dedicatória

À minha família, em especial minha mãe (Laci) que nunca deixou desistir do curso de letras na Universidade Federal do Amazonas, as minhas filhas Clara e Aícia por suportar em muitos momentos minha ausência e ainda assim me amarem incondicionalmente, ao meu irmão Alcenir pelo amor incondicional dispensado quando estava hospitalizada, te amo, mano e sou eternamente grata! Ao meu professor (co-orientador) Dr. Orlando Azevedo, por me apresentar e contribuir com meu conhecimento na área da Sociolinguística, aos meus irmãos que amo tanto, por me ajudar a ser quem sou. Aos meus amigos e todos que contribuíram para a realização este sonho, obrigada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade a mim concedida, ao Espírito Santo, que esteve comigo em todos os momentos que me senti sozinha e consolou-me, fazendo acreditar que podia avançar mais um pouco e a Jesus que é e sempre será o meu inetrcessor junto ao Pai.

À minha mãe que é e sempre será minha maior incentivadora em minha trajetória acadêmica, ficou com minhas filhas enquanto eu ia para universidade e toda vez que pensava em desistir, sempre me aconselhava a prosseguir. Ao meu pai (in memorian) por seu amor por mim.

Aos meus irmãos Meire, Aldecy, Docarmo, Aldenir, Alcenir, Licéia e Alterley, vocês são para mim a personificação do amor eterno, da união e da certeza que existem boas pessoas aqui nesta terra. Se houver outras vidas, eu os escolho para serem meus irmãos em todas que virão.

Ao meu irmão Aldenir, por ter realizado as rodadas no programa Gold Varb X, além de ajudar a produzir os mapas desta pesquisa inseriu os resultados que constam no trabalho. Maninho, você é o cara mais inteligente que conheço, sou sua eterna admiradora. Toda vez que estou perto de você, posso comtemplar verdadeiramente a grandiosidade do amor e a capacidade que Deus coloca em um ser que Ele criou. Obrigada meu maninho querido!

As minhas irmãs Meire, Docarmo e Lícéia, por seu amor incondicional, apoio emocional e ajuda dispensada a mim e minhas filhas. Sempre serão exemplos para mim de força, sabedoria e coragem. Meu eterno amor e gratidão.

Ao meu orientador Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo, que me apresentou a sociolinguística, tornando essa caminhada divertida e prazerosa sob sua orientação. Sua humildade causou em mim, profunda admiração e o desejo em avançar nas minhas pesquisas, ampliando meu desejo de ir ao doutorado. Será sempre minha referência de humildade, profissionalismo e conhecimento sobre área que estudo. Meu mestre o senhor é querido e admirado porquem convive ao seu lado, gratidão eterna!

A minha orientadora Dra. Raynice Geraldine, que aceitou o convite de me orientar no final desta caminhada, minha gratidão e admiração por aceitar esse desafio e por suas preciosas contribuições.

À Profa. Dra. Ligiane Pessoa, Dra. Michele e Grace Bandeira por aceitarem o convite para participar da banca de qualificação e pelas preciosas contribuições naquele momento, que ajudou ampliar minhas idéias e fazer os ajustes necessários para o crescimento do meu trabalho.

Obrigada, Obrigada, Obrigada!

A minha amiga Gina Fróes, por seu amor e cuidado, pela amizade que cultivamos, pelo carinho que colhemos. Sou muito abençoada por tê-la nesta jornada. Obrigada por me emprestar sua casa para estudar e fazer uma boa apresentação.

A minha amiga Mariliza, que me faz um bem danado, por nossas gargalhadas em meio à tempestade, pelo carinho que cultivamos uma pela outra. Obrigada, por ceder sua casa para eu estudar em paz e assim conseguir escrever a minha pesquisa. Sua contribuição em minha vida é imensurável, amo-te para eternidade!

A minha amiga Clissia Rejane, por dividirmos momentos de sabedoria e ser uma presença calma em minha vida. Somos parecidas, acho até que fomos irmãs em outras vidas, brincadeira! Obrigada por seu amor, carinho e ajuda, você é uma pessoa cheia de luz, nunca se esqueça disso!

A minha amiga yete, receba toda a minha gratidão pelos gestos de bondade e por sua amizade, que amo tanto. Saiba que tem um lugar único no meu coração.

Ao meu querido amigo Luís, meu agradecimento eterno, você é um exemplo do que é ser verdadeiramente humano. Receba toda a minha gratidão pelos gestos de bondade e por toda a ajuda recebida. A sua vida faz do mundo um lugar melhor. Amo-te!

As minhas amigas Sarinha, Andréia Maida, Dalcilene, Etelma Britto, Rosa Asser (cerimonial da CMM), Carol, Fafa, Paula (prima), Josy (prima), Darceley (prima), Aparecida (tia), Zina, Sabrine, e aos amigos Vicente, Nélio, Dory Carvalho, Domingos Sávio, Cláudio Marques e Valdemir, por dividirmos momentos maravilhosos que me ajudaram a crescer e acreditar que dias melhores virão. Amo todos vocês, sempre!

À Aline D'Paula com quem divido esse sonho desde a graduação, vivemos muitas dificuldades e vencemos muitos desafios, mas vencemos, obrigada por seu amor e companherismo.

Ao meu chefe de trabalho, Wallace Oliveira por flexibilizar minhas saídas do trabalho para atender algumas exigências da universidade. Obrigada por seu apoio, por sua ajuda, por sua compreensão. Minha eterna gratidão!

Aos meus colegas do Mestrado, em especial ao meu amigo Francisco, Fabrício, Victor Serudo e João Marcelo, obrigado pela ajuda nos momentos em que precisei.

Aos meus colegas do Ensino Médio, quero expressar minha profunda gratidão por termos conseguido nos reencontrar depois de 25 anos. Foi um verdadeiro presente reviver as memórias do passado e lembrar os momentos que vivemos juntos no ensino médio. Ver cada

um de vocês trouxe uma onda de nostalgia e alegria. As risadas, as histórias compartilhadas e o carinho que sempre tivemos foram renovados de uma forma linda. É incrível como o tempo pode passar, mas as conexões verdadeiras permanecem. Espero que possamos manter esse contato e criar memórias juntos. Obrigado por cada momento especial e por fazer parte da minha história.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento deste estudo e para minha formação acadêmica. Que venham mais encontros e celebrações!

EPÍGRAFE

“A educação deve possibilitar ao corpo e à alma toda a perfeição e a beleza que podem ter.”

(Platão)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dialetologia Pluridimensional.....	33
Figura 2 – Estados contemplados com o Polo Industrial Comercial e Agropecuário da Amazônia Ocidental.....	55
Figura 3 – Distribuição populacional por área.....	60
Figura 4 – Obras do Prosamin na revitalização do igarapé do Franco, promessa de urbanização e de melhores condições de vida aos moradores.....	63
Figura 5 – Avenida Brasil, no bairro Compensa, margeia o igarapé do Franco: concentração de comércio.....	64
Figuras 6 – Igreja de Nossa Senhora da Glória.....	66
Figura 7 – Mercado Municipal	67
Figura 8 – Feira do bairro Santo Antônio.	70
Figura 9 – Bairro Monte das Oliveiras	74
Figura 10 – Vista aérea do Conjunto habitacional Nova Cidade e da Reserva Adolfo Ducke.....	75
Figura 11 – Asfaltamento do bairro Novo Aleixo.	77
Figura 12 – Ficha de identificação do informante	80
Figura 13 – Primeira rodada do Programa Gold Varb X.....	94
Figura 14 – Grupo de Fatores que favorecem a presença do fenômeno linguístico analisado.	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Funções do gerúndio em Latim	20
Quadro 2 – Uso do gerúndio no português contemporâneo.....	21
Quadro 3 – Formas nominais do verbo.....	23
Quadro 4 – Exemplos do gerúndio com núcleo de sentenças simples.....	24
Quadro 5 – Codificação das variáveis.....	92

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Zona Oeste de Manaus.....	62
Mapa 2- Zona Norte de Manaus	71
Mapa 3 – Mapa base da Dissertação.....	98

LISTA DE CARTAS MORFOFONOLÓGICAS

Carta morfofonológica 1 – Dados Gerais	99
Carta morfofonológica 2 -Terminação verbal de 1ª conjugação.....	105
Carta morfofonológica 3 -Terminação verbal de 2ª conjugação.....	106
Carta morfofonológica 4 -Terminação verbal de 3ª conjugação.....	107
Carta morfofonológica 5 -Extensão verbal: dissílabo.....	109
Carta morfofonológica 6 -Extensão verbal: trissílabo	110
Carta morfofonológica 7 -Extensão verbal: polissílabo.....	111
Carta morfofonológica 8 – Fator Extralinguístico: Sexo masculino/Feminino	113
Carta morfofonológica 9 – Fator Extralinguístico: Faixa Etária 18 a 30 anos	114
Carta morfofonológica 9 – Fator Extralinguístico: Faixa Etária 31 a 45 anos	116
Carta morfofonológica 9 – Fator Extralinguístico: Faixa Etária 46 a 60 anos	117
Carta morfofonológica – Fator Extralinguístico: Escolaridade Ens. Fund. Completo.....	119
Carta morfofonológica – Fator Extralinguístico: Escolaridade Ens. Med. Incompleto.	120
Carta morfofonológica – Fator Extralinguístico: Escolaridade Ens. Med. Completo.....	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorização das variáveis	93
Tabela 02 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema degerúndio: terminação verbal.....	108
Tabela 03 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema degerúndio: Extensão verbal.....	112
Tabela 4 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: faixa etária	118
Tabela 5 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: escolaridade	122

Sumário

INTRODUÇÃO	18
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
1.1 Contexto histórico da forma verbal no Gerúndio.....	21
1.2 O fenômeno do apagamento /d/ no morfema {-ndo} formador de Gerúndio.....	27
1.3 Dialetologia.....	31
1.3.1 Variação Diatópica	35
1.3.2 Variação Diageracional.....	36
1.3.3 Variação Diagenérica.....	37
1.3.4 Variação Diastrática.....	38
1.4 Sociolinguística	38
1.5 Norma de uso.....	40
1.6 Revisão bibliográfica.....	43
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	46
2.1 Cidade de Manaus: uma análise sobre o espaço urbano	47
2.1.1 Aspectos Históricos	48
2.1.2 A zona Franca de Manaus: realidade, organização e perspectiva	56
2.2 Pontos de inquéritos	58
2.2.1 Zona Oeste de Manaus	61
2.2.1.1 Bairro da Compensa	62
2.2.1.2 Bairro da Glória	65
2.2.1.3 Bairro do Santo Antônio.....	68
2.2.2 Zona Norte de Manaus.....	70
2.2.2.1 Bairro Monte das Oliveiras.....	71
2.2.2.2 Nova Cidade	73
2.2.2.3 Novo Aleixo	74
2.3 Caracterização dos informantes.....	76
2.4 Coleta dos dados	79
2.5 Definição das variáveis dependentes.....	80
2.6 Definição das variáveis independentes.....	81
2.6.1 Variáveis internas.....	82
2.6.1.1 Conjugação verbal.....	82
2.6.1.2 Extensão da forma verbal	82
2.6.2 Variáveis externas	83
2.6.2.1 Sexo	83

2.6.2.2 Faixa etária	85
2.6.2.3 Escolaridade	86
2.6.2.4 Zona	86
2.6.3 Codificação das variáveis.....	88
2.6.4 Variáveis dependentes	88
2.6.5 Variáveis independentes	88
2.6.5.1 Variáveis internas	88
2.6.5.2 Variáveis externas	89
2.7 Subsídio quantitativo.....	89
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	97
3.1 Constituição das variáveis	98
3.2 Condicionadores internos	99
3.3 Condicionadores externos.....	100
3.4 Análise e discussão dos dados	101
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
4.1 ANEXOS.....	131

INTRODUÇÃO

A pesquisa aborda as ocorrências morfofonológicas da variável {-ndo} na fala manauara, fundamentando-se na Dialetologia Pluridimensional e Relacional de Thun (1995) e na Sociolinguística variacionista de Labov (1972).

A Dialetologia e a Sociolinguística estudam a língua falada e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Essas duas áreas, portanto, não são excludentes entre si, mas se complementam. Sobre essa relação, Cardoso (2010, p.46) discorre:

A dialetologia tem o trabalho de estudar os letos diatópica e diastraticamente, como gramáticas internalizadas. À sociolinguística, o trabalho de estudar esses fenômenos no contexto social, preocupando se com as possibilidades de realização e a geolinguística, por sua vez, trata de descrever, mapear e catalogar essas diferenças (Cardoso, 210, p. 46).

Com essa correlação geossociolinguística, as pesquisas sobre os fenômenos variáveis na língua portuguesa ficam mais sistematizados e passíveis de uma análise linguística mais acurada, ou seja, esta analisa como diferentes comunidades linguísticas se comportam em diferentes regiões e como essas variáveis interagem.

A geossociolinguística é o estudo das variações linguísticas em relação ao espaço geográfico e ao contexto social. Examina como fatores geográficos (como localização e ambiente) e sociais (como classe, etnia e gênero) influenciam o uso da língua. Ao passo que a Dialetologia é o ramo da linguística que estuda os dialetos (Cardoso, 2010, p.56), ou seja, as variações regionais de uma língua, além de investigar as características fonéticas, lexicais e gramaticais que diferenciam os dialetos entre si, tendo como foco principal o mapeamento e descrição das diferenças linguísticas em regiões específicas, muitas vezes utilizando mapas dialetais.

Já a Sociolinguística, estuda a relação entre a língua e a sociedade, considerando fatores como classe social, idade, gênero e situação de fala. Ela investiga como esses fatores sociais afetam o uso da língua (Cardoso, 2010, p. 32). O objetivo maior é entender as práticas linguísticas em contextos sociais variados e como elas refletem questões de identidade, poder e interação social.

Estabelecemos essas correlações por entender que esse cruzamento de idéias é necessário para o bom andamento da nossa pesquisa, a saber: I) Interseção de Fatores: A geossociolinguística serve como uma ponte entre a dialetologia e a sociolinguística. Enquanto

a dialetologia foca nas variações regionais da língua. A geossociolinguística considera também os aspectos sociais que podem influenciar essas variações. (Cardoso, 2010, p.33). II) Análise Contextual: Ambas as áreas se beneficiam de uma análise contextual que considera tanto o espaço geográfico (dialetologia) quanto os fatores sociais (sociolinguística). Isso permite um entendimento mais completo das dinâmicas linguísticas. III) Estudos de Caso: Muitas pesquisas na área da sociolinguística utilizam dados dialetológicos para investigar questões sociais específicas, mostrando como os padrões de fala variam não apenas por região, mas também por classe social ou grupo etário. IV) Variações Linguísticas: Todas essas disciplinas reconhecem que a língua é um fenômeno dinâmico que reflete a diversidade cultural e social dos falantes. Assim, as variações podem ser analisadas sob diferentes ângulos. Logo, essas áreas se complementam para oferecer uma compreensão mais rica das complexidades do uso da língua em contextos variados. E os estudos continuam em processo de expansão e o nosso estado vem desenvolvendo pesquisas nesta área como criação do Atlas Linguístico do Amazonas.

Em 2004, foi elaborado em forma de tese o Atlas Linguístico do Amazonas, de autoria de Cruz, que registrou, em “107 cartas fonéticas e 150 cartas semânticos lexicais, os falares de nove municípios representativos das nove microrregiões do estado do Amazonas”. Outros trabalhos têm sido desenvolvidos em nossa região, como o de Azevedo, em 2013, sobre a variação semântico-lexical e fonético-fonológica das vogais pretônicas /e/ e /o/ no Baixo Amazonas e Médio Solimões. Dentro desta perspectiva, podemos dizer que estamos avançando em relação aos estudos dialetológicos em nossa região e permitirá conhecer como fatores linguísticos e intralinguísticos podem influenciar no modo de falar das pessoas que residem nestas localidades e como estas mudanças implicam mudanças.

Em se tratando desta pesquisa, pretende-se mapear áreas linguísticas na cidade de Manaus, mostrando as ocorrências das variantes de {-ndo}. Além disso, objetiva-se também: Descrever o fenômeno linguístico da queda de /d/ nas formas verbais de gerúndio nas zonas de Manaus; Identificar os fatores extralinguísticos como gênero/sexo, faixa etária, escolaridade e localidade, que estão influenciando a ocorrência desse fenômeno; Definir a norma de uso da fala manauara para a variável {-ndo}.

Abrimos uma observação para justificar a ausência de três itens na pesquisa. Durante as rodadas dos dados no programa estatístico Gold Varb X, o programa excluiu automaticamente dois bairros, pois ambos não apresentaram dados relevantes para ocorrência do fenômeno estudado, bem como um dos grupos correspondente da Escolaridade, não apresentou dados suficientes para identificação do apagamento da oclusiva /d/ em morfema de gerúndio. Essa

exclusão é normal, pois quando um grupo de fatores não apresenta relevância para o estudo, ele exclui automaticamente e trabalha somente com os que são produtivos.

Quanto à organização deste trabalho, estrutura-se em 3 capítulos, seguidas das considerações finais, referências bibliográficas, anexos, etc.

Na Fundamentação Teórica são expostos os constructos teóricos da pesquisa iniciamos com a Introdução, abstract, e apresentação do Capítulo I, onde consta o contexto histórico da forma verbal no gerúndio. Seguido do fenômeno do apagamento de /d/ no morfema {-ndo} formador do gerúndio. Vamos fazer um breve contexto histórico sobre a Dialetologia, Sóciolinguística, Norma de Uso e uma Revisão sobre trabalhos desenvolvidos na área da dialetologia.

O Capítulo II, vamos trazer os procedimentos metodológicos da pesquisa, abordando o contexto histórico da Cidade de Manaus: uma análise sobre o espaço urbano, caracterização dos informantes, coleta dos dados, definição das variáveis dependentes, definição das variáveis independentes e apresentação dos subsídios quantitativos.

O Capítulo III, iniciamos a análise dos dados, apresentando a constituição das variáveis, condicionadores internos e condicionadores externos, análise e discussão dos dados e por fim as considerações finais onde descrevemos sobre os resultados alcançados, as dificuldades apresentadas durante a trajetória, limitações da pesquisa e a possibilidade de continuar estudando o mesmo fenômeno futuramente.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Contextos históricos da forma verbal no Gerúndio

Historicamente podemos dizer que o gerúndio no latim era um substantivo verbal neutro caracterizado morfologicamente pelo sufixo -nd, de sentido neutro e que apresentava as terminações de acusativo, ablativo, dativo e genitivo singular, o que era uma característica dos nomes neutros da segunda declinação. Para Souza (2008, p. 48), o gerúndio latino era uma forma de natureza anfíbia, voltada ao mesmo tempo para a classe dos nomes e para a classe dos verbos. Listam-se abaixo exemplos dos usos do gerúndio latino para os quatro casos citados.

Quadro 1 - Funções do gerúndio em Latim.

Gerúndio Latino	Exemplo	Tradução
Gerúndio genitivo	(14) <i>Ars scribendi utilis est.</i>	(A arte de escrever é útil)
Gerúndio dativo	(15) <i>Amicus meus aptus est scribendo.</i>	(Meu amigo é apto a escrever)
Gerúndio acusativo:	(16) <i>Amicus meus domum rediit ad scribendum.</i>	(Meu amigo voltou à casa para escrever)
Gerúndio ablativo:	(17) <i>Amicus meus scribendo certiore me feci de adventu suo.</i>	(Meu amigo, por escrito, me informou da sua chegada.)

Fonte: Besselaar (1960 apud Carvalho, 2018, p. 98) (adaptado).

Nos exemplos supracitados, apresentamos as funções do gerúndio onde cada um assume uma função sintático-semântica distinta: no genitivo, o gerúndio acompanha adjetivos, substantivos e posições com sentido genérico, particularizando-os, sendo que há regras distintas de combinação a depender da classe da palavra que o gerúndio acompanha. No caso dativo, o gerúndio se associa a substantivos, adjetivos e também a verbos, dando sentido de finalidade quando ligado a nomes ou assumindo função de objeto direto quando ligado a verbos. No ablativo, o gerúndio assumia sentido de circunstância quando não preposicionado e sentido de simultaneidade, origem, e outros, quando preposicionado. No dativo, caso assumido em ocasiões em que o verbo acompanhado era preposicionado, a forma de gerúndio assumia função de objeto indireto. Segundo Campos (1972), o gerúndio como é conhecido hoje se originou da forma ablativa do gerúndio latino, que tinha valor adverbial e referia-se diretamente ao verbo da oração principal. No entanto, o gerúndio na língua portuguesa expandiu-se para além do ablativo latino para expressar outros significados e funções sintáticas além daqueles típicos dos

advérbios.

Salientamos que foram encontrados mais diversidade no uso do gerúndio no português contemporâneo do que em textos do português arcaico. Vejamos os exemplos:

Quadro 2 - Uso do gerúndio no português contemporâneo.

1) Gerúndio narrativo:	(18) A casa no escuro, os meninos em redor do fogo, a cachorra Baleia vigiando. (p. 158)
2) Gerúndio exclamativo:	(19) Ô diacho! E a gente precisando tanto de cobre, hem, Marcolino! (p. 161)
3) Gerúndio interrogativo:	(20) Leleco: Que é isso, Zé Gato? Dando pulo de costas por causa de uma violinha? (p. 162)
4) amplo emprego do gerúndio adjetivo;	Ex.: não demoraria a enxergar a lanterna vermelha do saveiro brilhando na noite do mar (p. 146)
5) o gerúndio coordenado, que até então se limitou às orações aditivas (a), estende-se às adversativas (b) e conclusivas (c);	Ex.: A velha correu logo para a Tia Maria, ajoelhando-se a seus pés...(p. 154) Agora, posso afirmar que os dirigentes do serviço voltaram atrás, apresentando, porém, uma série de dificuldades. (p. 155) ...submetidos à Assembléia, receberam aprovação unânime, sendo, portanto, eleitos... (p. 156)
6) gerúndio circunstancial encontra-se com certas partículas não registradas em outros textos, tais como embora, mesmo, só e nem;	Ex.: é um sujeito que, mesmo sendo obrigado a ajoelhar-se, mesmo reduzido aos pecados, continua sendo um homem digno... (p. 126)
6) desenvolvem-se as perífrases formadas com estar, em detrimento das com ir, que passam a se colocar em segundo plano em ordem de frequência; surgem também perífrases novas, tais como as formadas com sair, começar, terminar, continuar, viver entre outros.	Ex.: A cachorra Baleia saiu correndo entre os alaistrados e quipás, farejando a novilha raposa. (p. 193)

Fonte: Besselaar (1960 apud Carvalho, 2018, p. 98) (adaptado).

Para Cunha & Cintra (2001, p.490), na gramática tradicional o gerúndio pode se apresentar de duas maneiras: A primeira é a forma simples que expressa uma ação em curso (exemplo: lendo), que pode ser no mesmo instante, anterior ou posterior ou ainda simultaneamente pode ser a ação expressada pelo verbo principal. A segunda forma é a composta, que denominamos de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal, (exemplo: tendo ou havendo lido).

Chamamos a atenção para definição das formas verbais segundo alguns autores que iremos apresentar nos parágrafos seguintes. Para Rocha (2011, p. 66), o verbo expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres. É a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais. Estes acidentes gramaticais fazem que ele mude de forma para exprimir cinco ideias: modo, tempo, número, pessoa e voz. O modo caracteriza as diversas maneiras sob as quais a pessoa que fala encara a significação contida no verbo; distinguem-se três modos: indicativo, subjuntivo e imperativo. Ao lado destas três, têm os gramáticos vacilados em chamar modos: o infinitivo, o particípio e o gerúndio. Realmente, sem embargo de sua aparência de verbo, tais formas não possuem função exclusivamente verbal. O infinitivo é antes um substantivo: como este, pode ser sujeito ou complemento de um verbo, e, até, vir precedido de artigo. O particípio tem valor e forma de adjetivo: modifica substantivos com os quais concorda em gênero e número; apresenta o feminino em -a, e o circunstâncias de lugar, tempo, modo, condição, etc que exprime:

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o infinitivo, o particípio e o gerúndio, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (recordar é viver = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (homem sabido), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (amanhecendo, sairemos = logo pela manhã sairemos; água fervendo = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal. Bechara (2009, p. 186).

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por formas infinitas. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número): O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada: Infinito sem flexão, Infinito flexionado, Cantar: Cantar eu, Cantares tu, Cantar ele, Cantarmos nós, Cantardes vós, Cantarem eles. As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

-r: para o infinitivo: canta-r, vende-r, parti-r;

-do (ou -to, -so) para o particípio: canta-do, vendi-do, parti-do, acei-to, revol-to;

-ndo: para o gerúndio: canta-ndo, vende-ndo, parti-ndo

Observação: O verbo vir (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -do; mas, pelo desaparecimento da vogal temática i, apresenta-se igual ao gerúndio: vindo (por

vin-i-do) e vindo (vi-ndo).

Segundo Castilho (2019, p. 408), as formas nominais do verbo, dentre as quais está o gerúndio, encontram-se na fronteira entre os verbos propriamente ditos e os nomes, de modo que separando de um lado os verbos e do outro os nomes, as formas nominais do verbo ficam na coluna do meio. Conforme o quadro apresentado na obra deste autor:

Quadro 3 - Formas nominais do verbo

/+verbo/	/±verbo/	/•verbo/
Verbos	Infinitivo Particípio Gerúndio	Substantivo Adjetivo Advérbio

Fonte: Castilho (2019, p. 408) (adaptado).

Castilho (2019, p. 408) discorre que “basta você colecionar usos dessas formas para notar que infinitivo, particípio e gerúndio não são nem prototipicamente verbais, nem prototipicamente substantivos, adjetivos ou advérbio”. O autor afirma que, ao se dar conta desse aspecto não definido das formas nominais do verbo, os gramáticos latinos a puseram, sabiamente, na classe dos particípios; sendo que o termo particípio, do latim *partis + capio*, significa “tomar parte”. As formas nominais do verbo, portanto, tomam parte nas duas categorias: a dos nomes e a dos verbos. O termo “particípio” tenha sido bem empregado pelos latinos, foi restringido na nomenclatura gramatical tradicional, à forma que conhecemos hoje por particípio, aquela terminada em *-do/ -to* (Castilho, 2019, p. 408).

Sobre o verbo no gerúndio, o autor expõe que essa forma verbal pode ser usada de duas formas: Primeiro como estatuto categorial, ou seja, mais próximo à classe dos nomes e a segunda, mais próximo à classe dos verbos. Assim, o gerúndio pode funcionar como núcleo de sentenças simples, núcleo de sentenças subordinadas, adjunto adnominal e como adjunto adverbial. Seguem os exemplos:

Quadro 4 - Exemplos do gerúndio com núcleo de sentenças simples.

Sentenças Simples	Exemplo
Como núcleo de sentença simples (+ verbo)	<i>você sempre ameaçando!</i> <i>circulando, circulando!</i>
Como núcleo de sentença subordinada (+verbo)	<i>Dizendo/Tendo dito aquelas palavras, despediu-se.</i> <i>Fazendo-se tarde/Tendo-se feito tarde, saímos.</i>

Como adjunto adnominal restritivo (-verbo)	<i>Queimou-se com água fervendo. Vi seu pai tomando</i>
Como adjunto adnominal explicativo (-verbo)	<i>Lá vai o pelotão dos recrutas marchando sob as ordens do sargento. A luz do sol, passando pela fresta da porta, atingia o espelho.</i>
Como adjunto adverbial (-verbo)	<i>Saiu gritando. Durante aqueles dias nos distraímos brincando de pega-pega.</i>

Fonte: Castilho (2019, p. 409) (adaptado).

Há uma diversidade na unidade, e uma unidade na diversidade, apesar das barreiras, é necessário reconhecer a unidade linguística humana, principalmente respeitando a diversidade cultural que cada falante pertence, pois só assim será possível aceitar as novas variações e mudanças que ocorrem na língua.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um longo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas (Bechara, 2009, p. 36).

O nosso país é marcado pela diversidade, porém, quando se refere à linguagem e às línguas que aqui circulam, há um certo preconceito, principalmente quando esta língua se afasta do padrão estabelecido. E por isso torna-se complexa porque cada comunidade linguística tem várias normas (e não apenas uma), fazendo com que uma comunidade não se caracterize por uma única norma, e sim por um determinado conjunto de normas (Faraco, 2008, p. 37).

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se língua comum. No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada língua portuguesa ou, simplesmente, português. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se

francês, o de Florença (toscano florentino) italiano, o de Castela castelhano ou espanhol. Por isso é que se diz que entre língua e dialeto não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum.

Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a koiné grega. Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devanir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. Conforme Coseriu, (1973, p. 56) a modalidade a que chamamos de língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum é aquela normatizada intencionalmente. Coadunando com este mesmo pensamento o autor discorre:

[...] esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos (Bechara, 2009, p. 37).

Logo, podemos dizer que o nosso português sofreu influências de vários povos e resultou no que temos hoje como língua mater. E nisto que podemos chamar de língua mãe. Temos infinitudes de dialetos que se criaram ou já estavam aqui antes da invasão do nosso país. O nosso trabalho pauta-se na variação que vem sofrendo o verbo no gerúndio, especificamente o apagamento da oclusiva /d/ na forma {-ndo}.

Outra situação que contribuiu para esse processo de modificação da língua foram os povos indígenas e africanos, que não só tiveram que aprender um idioma novo, como se adaptar ao novo idioma que se apresentava, no caso o português de Portugal, surgindo assim novas palavras e expressões que hoje conhecemos e que fazem parte do nosso vernáculo. Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimentam as várias comunidades em questão.

Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta

melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas (Bechara, 2009, p. 36).

Para Rocha (2011, p.180), o verbo expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres. É a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais. Ao lado destas três, outras formas hão, às quais têm os gramáticos vacilado em chamar modos: o infinitivo, o particípio e o gerúndio. Realmente, sem embargo de sua aparência de verbo, tais formas não possuem função exclusivamente verbal.

Conforme Bechara, (2009, p.186), Formas nominais do verbo – Assim se chamam o infinitivo, o particípio e o gerúndio, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. Formas nominais do verbo – Assim se chamam o infinitivo, o particípio e o gerúndio, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O gerúndio por um advérbio ou adjetivo (amanhecendo, sairemos = logo pela manhã sairemos.

A variação e a mudança só se revelam em sua sistematicidade quando levamos em consideração o contexto em que o falante está inserido, ou seja, o meio social onde a língua é usada”. Neste sentido, para a Sociolinguística, a dimensão individual do uso da língua é reconhecida, porém é nos grupos de falantes que usam a mesma forma e que compartilham as mesmas normas a respeito do uso dessa língua que são reconhecidos (Coelho et al. 2018, p. 68).

Estudos sociolinguísticos apresentam que todos os níveis linguísticos (sintáticos, morfológicos, semânticos, fonéticos e fonológicos) apresentam variações, condicionados por fatores internos ou externos a língua, podendo contribuir na constituição de algumas variantes no falar de uma mesma comunidade de fala, ou de indivíduos de uma mesma região. Isso se confirma se levarmos em consideração a diversidade e extensão do Brasil, sempre haverá uma heterogeneidade linguística considerável. A seguir será explanado sobre o fenômeno do apagamento da oclusiva /d/ em morfema formador de gerúndio.

1.2 O fenômeno do apagamento /d/ no morfema {-ndo} formador de Gerúndio

A partir da Sociolinguística Variacionista de Labov (1978), norteamos este estudo sobre a supressão do fonema oclusivo dental /d/ em morfema de gerúndio {-ndo}, especificamente em verbos conjugados na forma verbal do gerúndio, como, por exemplo, na palavra falando, que admite duas possibilidades: I) pela presença da vogal U em substituição da vogal O,

pronunciada no final da frase (falandu) e a segunda possibilidade, quando temos a ausência de d e da vogal O, admitindo a variante (falanu). Essas possibilidades mostram o quanto a nossa língua é dinâmica, e o processo evolutivo é crescente e constante.

Apoiado nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 1972), nossa pesquisa se fundamenta na investigação do fonema oclusivo dental /d/ no morfema {-ndo}, especificamente em verbos conjugados no gerúndio, a fim de sabermos quais variáveis intralinguísticas e extralinguísticas possuem maior predisposição para ocorrência deste fenômeno. Estudos realizados sobre este fenômeno apontam que pode ocorrer através do processo de assimilação do fonema dental alveolar /d/ pelo fonema nasal dental /n/ nos contextos em que ocorre o grupo {-ndo}, ou seja, ocorre primeiro a assimilação de /d/ pelo /n/, só então ocorre o apagamento, assim ilustrado: nd- > -nn- > -n-.

O ouvinte atento pode confirmar que formas do tipo falano, dizem e partino, em que a oclusiva /d/ é apagada no morfema {-ndo}, são regularmente usadas em variação com as formas falando, dizendo e partindo, respectivamente, sem que haja prejuízo algum ao evento comunicativo.

Nascente (1953, p. 67), citando Coimbra (1950, p. 32), indica que, na assimilação de /também/ ~ /tammém/~ /tamém/, considera-se um alongamento do véu palatino, que não abaixa logo após a articulação do /m/ possibilitando que a o /b/ também seja nasalizado; em seguida simplifica o /mm/ duplo. O detalhamento desse processo também pode servir de base para a descrição do processo de apagamento do /ndo/ ~ /nno/ no morfema formador de gerúndio.

Nos estudos de Bagno (2007, p.78), a supressão da oclusiva dental /d/ em final de vocábulos como “estudando”, “pensando”, por exemplo, acontece porque o /n/ e o /d/ são consoantes que compartilham algumas semelhanças no ponto de articulação (as duas são oclusivas alveolar), ocorre o que é chamado nos estudos fonéticos, de assimilação, isto é, ocorre uma modificação em um fonema que o torna semelhante ao outro. Nesse sentido, o autor considera que: O /d/ que é assimilado pelo /n/. Disso resulta, primeiramente, uma consoante dupla /nn/, que logo se simplifica em /n/.

Esse é um traço gradual do português brasileiro, porque mesmo os falantes mais escolarizados tendem a pronunciar, na fala menos monitorada, a terminação dos gerúndios como [-ndu], com um /d/ muito fraquinho, ou fracamente como [-nu]. (Bagno, 2007, p. 214).

Além do processo de assimilação, encontramos alguns autores que atribuem a ocorrência do apagamento de {-ndo} em morfema formador de Gerúndio aos povos africanos, e esse

pensamento muitas vezes é descrito com tom preconceituoso, como podemos constatar na fala de Coutinho (1967, p. 326): “essas formas profundamente alteradas, esse vocabulário comum e rústico, essa construção viciadíssima, que caracteriza o falar do nosso roceiro, está a atestar, em grande parte, a sua procedência africana, indiana ou afro-indiana, como por exemplo, amô (amor); fio (filho); quano (quando); andano (andando); tamém (também)”.

Nas línguas de origem latina esse fenômeno comumente acontece, ou seja, essa variante reduzida não é exclusiva do português brasileiro, ocorre em outras línguas também, como os dialetos crioulos e espanhol. Mesmo ocorrendo em outras línguas, aqui no Brasil é visto com demérito, pois está intrinsecamente ligado ao falar caipira. (Molica e Mattos ano e p. 111).

Porém essa fala é totalmente contestada por outros estudiosos da sociolinguística, devido à instabilidade e heterogeneidade do sistema linguístico que estão condicionados por fatores sociais. Para Vieira (2011, p.10), “o apagamento da oclusiva dental /d/ não pode ser considerado um vulgarismo ou marca de um falar roceiro”, isso ocorre devido comutação da língua que é constante e contínua.

A redução do morfema {-ndo} nas formas verbais de gerúndio está, há muito tempo, documentada em estudos dialetológicos em nosso país. Amaral (1982 [1920]) já havia documentado tal fenômeno, ao descrever o dialeto caipira, já apontava o processo de assimilação de /nd/ > /n/ como marca presente no dialeto caipira paraibano. No PB, o processo de assimilação é um processo no qual um traço ou mais de um traço de um segmento é transferido para o segmento vizinho, quando os traços desses segmentos estão no mesmo plano. Alguns estudiosos usam o termo “assimilação” para explicar quando um segmento se torna semelhante a outro, adotando traços de um segmento vizinho.

Para Marroquim (1934, p.86) ao descrever a língua do Nordeste, especificamente Alagoas e Pernambuco foram constatados nesses dialetos, o fenômeno de assimilação nos grupos /rl/, /mb/ e /nd/, Ca[r]ro” (Carlos), ta[m]ém” (também), corre[no]” (correndo). Para alguns autores, a ocorrência deste fenômeno, operada no grupo /nd/ se dá pela forte influência dos povos africanos. No entanto, essa idéia é refutada pelo autor:

Os africanos teriam sentido dificuldade em pronunciar o grupo, e, por menor esforço, te-lo-iam modificado, como o simplificou pelo mesmo motivo o resto da população, sem que uns imitassem outros. No grupo dialetal aquilano-umbro-romano dá-se o mesmo fenômeno, outrora mais generalizado na Itália, sem suspeita de influência africana. (Marroquim, 1934, p.37).

Melo (1946, p.57) vai ainda mais longe, o autor descreve que a redução de /nd/ para /n/

sofre influência não só da língua africana como também da língua tupi como de outras línguas alheias à ação das línguas de contato. Como por exemplo: o latim vulgar. O osco e o úmbrio tinham *nn* quando o latim dizia *nd* (...). O Appendix Probi (214) corrige *grundio non grunnio*. São atestados ainda *agenna* em vez de *agendai*.

Em relação aos aspectos de mudanças na organização da sequência sonora do português de Belo Horizonte para investigar a interação entre processos fonológicos e os componentes morfológicos e sintáticos da gramática, Cristóvão Silva (1996, p.61) levou em consideração os pressupostos teóricos de Kaye (1988, 1995), de Kaye & Vergnaud (1990), nos quais foi constatado que em algumas variedades do português brasileiro ocorrem formas como: *fala[nu]*“ e *menti[nu]*“ (para falando e mentindo, respectivamente), em que a sequência de vogal nasal acentuada seguida de /d/ passa a /n/”.

Quando temos [falãdu] a consoante nasal cumpre o seu papel de nasalizar a vogal precedente e /do/ ocorre como a sílaba final. Quando temos [falãnu] a consoante nasal cumpre o seu papel de nasalizar a vogal precedente, mas a consoante nasal irá também ocupar a posição de consoante inicial da sílaba final. (Cristóvão Silva, 1996, p. 61).

Sobre esse fenômeno a autora é enfática ao discorrer que: (i) o processo de redução se aplica apenas às formas de gerúndio; (ii) esse processo se aplica com informação morfológica dada pelo componente fonológico e morfológico (forma de gerúndio); (iii) o processo não levará à reorganização lexical, ou seja, não haverá mudança de organização interna do léxico, visto que palavras contendo o mesmo contexto favorável à redução e que não portam informação morfológica de gerúndio não são afetadas pelo processo.

Outro estudo que vamos mencionar que é tão importante quanto a dos outros, mas, sob outra perspectiva, é o de Dalpian e Méa (2002), onde os mesmos tratam de questões de cunho fonético e fonológico da língua portuguesa por meio de uma perspectiva diacrônica e sincrônica, onde foi considerado tanto o passado latino como a realidade das linguagens populares do Brasil. Neste trabalho, é possível encontrar uma seção sobre os processos que consistem na troca de transformação de fonema, onde descrevem que na redução do morfema de gerúndio, há um processo de assimilação na troca do /nd/ por /n/, como em: *andando* > *anda[no]*, *falando* > *fala[no]*, *comendo* > *come[no]*, *fazendo* > *faze[no]*, *vendo* > *ve[no]*, *cantando*, > *canta[no]*.

Outro ponto importante a ser levantado por ele é sobre o fato de os fonemas dentais ou alveolares, [n] e [d] serem pronunciados na mesma zona de articulação, tornando-os iguais ou semelhantes, quanto ao modo de articulação. Dessa maneira, a forma *andando* passaria por dois

processos: anda[nno] > anda[no]: a primeira forma é uma assimilação em que o /d/ se transforma em /n/ (nd > nn) e a segunda é uma simplificação (nn > n). Para esses estudiosos, “a assimilação é um dos processos de transformação fonética mais produtiva da língua portuguesa, tanto no passado quanto no presente” (p. 12). Segundo Cagliari (2002), a regra de eliminação ocorre quando há a supressão de um segmento da forma básica de um morfema. Sendo assim faremos uma breve apresentação sobre os estudos que envolvem a sociolinguística para explicar o fenômeno do apagamento da oclusiva /d/ em morfema de gerúndio, a partir, de parâmetros sociais.

1.3 Dialetoлогия

O estudo sistemático das variações, sobretudo as de natureza geográfica, só veio a formalizar-se no século XIX, época em que as investigações no campo da linguagem, dominadas por ideias positivistas, se desenvolviam segundo métodos histórico-comparativos. (Brandão, 1991, p. 7). Dentro desse parâmetro podemos mensurar que um indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite ao interlocutor atento não só depreender seu estilo pessoal, seu idioleto, mas também filiá-lo um determinado grupo.

A entonação, a pronúncia, a escolha vocabular, a preferência por determinadas construções frasais os mecanismos morfológicos que lhes são peculiares podem servir de índices que identifiquem: a) o país ou região de que se origina; b) o grupo social de que faz parte (seu grau de instrução sua faixa etária, seu nível socioeconômico, sua atividade profissional); c) a situação (formal e informal) em que se encontra. (Brandão, 1991, p.6).

Estudando sobre os dialetos existentes em nosso país, encontramos um arcabouço metodológico que fundamentam nossa pesquisa sobre a dialetologia pluridimensional, voltado para a perspectiva dos veios sociolinguísticos, tais como: Variação diageracional, variação diagenérica, variação diastrática, variação diafásica, as quais serão constantes em nosso trabalho.

É importante salientar que no início dos estudos dialetais, as regiões se encontravam preservadas, ou seja, pouco explorada e em muitos pontos nunca desbravado. A dialetologia é um dos ramos dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. (Cardoso, 2010, p. 15).

É mister ressaltar que no processo dos estudos dialetais houve dois grandes eventos que marcaram a pesquisa como ciência que estuda a variação linguística no eixo horizontal, sendo assim, chamada de Dialetologia Tradicional ou Monodimensional: O primeiro refere-se ao levantamento de dados da realidade alemã feito por Georg Wenker, que fez pesquisa por correspondência, reunindo dados de aproximadamente 40.736 localidades, com um total de 44.251 respostas coletadas, sem, porém, atentar para o controle sistemático de variáveis sociais. O segundo trabalho de natureza dialetológica foi feito por Jules Gilliéron, que recolheram dados dialetais para a elaboração do Atlas Linguístico da França. Gilliéron revolucionou com o seu ALF (Atlas Linguístico da França), que resultou de sua constante 24 preocupações com questões dialetais.

A história tem mostrado que o interesse pela variedade dialetal ou preocupação com ela não se constitui tema unicamente da ciência da linguagem, nem se torna, por isso, patrimônio e apanágio dos linguistas. As diferenças dialetais têm sido explicitadas em diversidades manifestações, em momentos distintos e motivadas por razões as mais variadas e se têm constituído em alvo de interesse político, lato sensu, os mais diferenciados. Cardoso, (2010, p.27). Portanto a visão diatópica vem demonstrando que não está sozinha, mas acompanhada de uma perspectiva social no seu processo de construção seguida pela geolingüística. No Brasil, apesar do interesse expresso por Nascentes, Silva Neto, Cunha, entre outros, os primeiros resultados cartografados surgem com o Atlas prévio dos falares baianos (Rossi, 1963). É, portanto, no século XX que se consolidam os caminhos da geolingüística no mundo luso-brasileiro.

Esse estudo teve sua primeira manifestação conforme Cardoso (2010), a uma divisão ampla, de natureza dialetal sobre o português do Brasil, deve-se a Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, datada de 1826, e escrita a pedido do geógrafo Vêneto Aldrien Balbi. Esse estudo foi de caráter semântico-lexical, que é considerada como a primeira fase dos estudos dialetais em nosso país, dando origem a inúmeros glossários regionais e dicionários. Esta fase inicia-se 1826 e finaliza em 1920 com a publicação de O dialeto Caipira de Amadeu Amaral. Os trabalhos produzidos direcionam-se também as especificidades no português do Brasil.

A segunda fase inicia-se de 1920- 1952, onde temos conhecimentos dos primeiros passos para o sistemático desenvolvimento da geolingüística em território brasileiro. Essa fase é marcada pela produção monográfica de trabalhos de cunho monográfico voltado para observação de uma área determinada, buscando descrever fenômenos que caracterizam não só

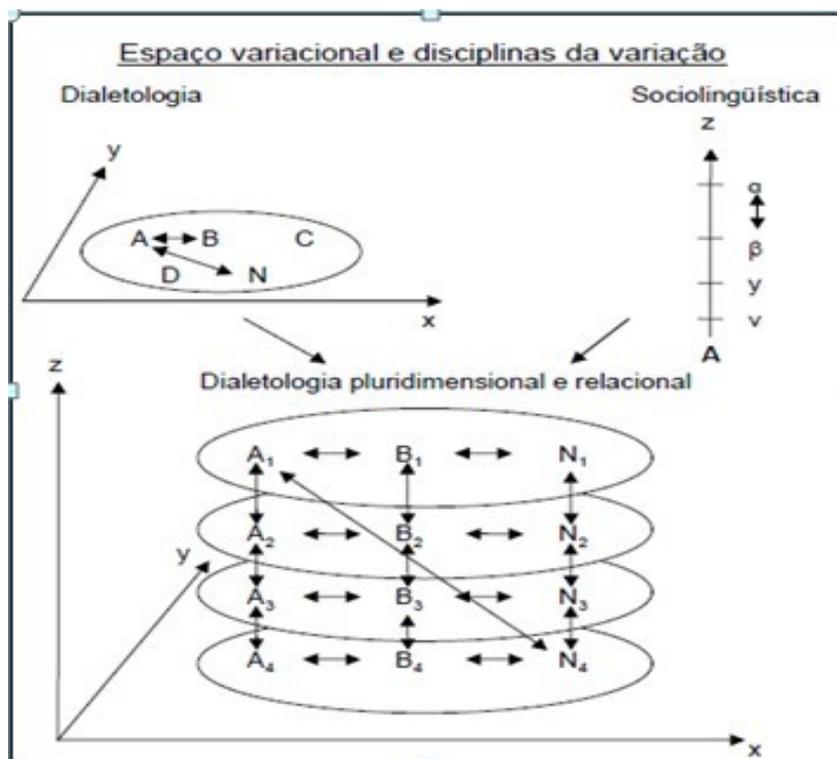
do ponto de vista semântico-lexical, mas também fonético-fonológico e morfossintático. Nota-se também uma preocupação com uma metodologia de abordagens dos fenômenos orientada para o exame da realidade observada in loco e considerada nos seus diferentes aspectos. Destaque para Nascentes, Amaral e Marroquim, obras iniciais desta fase, que imprimem uma nova ótica ao exame da realidade linguística brasileira, fornecendo dados nos diferentes níveis de enfoque da língua.

A terceira fase tem como marco um ato do governo brasileiro, o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, regulamentado pela portaria 536, de 26 de maio do mesmo ano. Essa legislação estabeleceu como função da Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa e elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, como consta no parágrafo 3º:

3º - A comissão de Filologia promoverá pesquisa em todo o vasto campo da filologia portuguesa – fonológica, morfológica, sintática, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetais, dialetológicas, bibliográficas históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências – sendo sua finalidade principal a elaboração de Atlas linguístico do Brasil (Cardoso, 2010, p. 138).

Em nossas pesquisas os recursos metodológicos serão acompanhados através dos estudos dialetais que está seguido a uma perspectiva social na construção deste trabalho seguida pela geolingüística. Essa atribuição é dada porque podemos focalizar o método de outras maneiras, ou seja, ampliando nosso campo de estudos e dados a serem buscados, levando a que se possa precisar os veios da diatopia e traços sociolinguísticos.

Figura 1 – Dialetoologia Pluridimensional



Fonte: Radtke e Thun (1996).

Apresentaremos o modelo no esquema de Thun (1996) – figura 1 – é considerado relacional por estabelecer relações entre o contato de língua ou variedades linguísticas na pesquisa e posteriormente na apresentação cartográfica dos dados a serem coletados. E pluridimensional por abranger as dimensões diatópicas (horizontal, com traços da dialetoologia tradicional, e dimensões sociais (verticais) evidenciadas pela sociolinguística convencional e algumas dessas dimensões são conhecidas como variáveis extralinguísticas.

Rossi (1967, p.88-89), referindo-se ao caráter contextual da dialetoologia, afirma que “o fato apurado no ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao conforto com o fasto correspondente – ainda por ausência – em outro ponto ou outra área.

A Dialetoologia vem buscar, prioritariamente, estabelecer relações entre modalidades de uso na língua ou de várias línguas, ou seja, pela identificação dos mesmos fatos, ou seja, pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas. Esse objetivo faz com que a dialetoologia se torne, de início, ciência da variação espacial. (Cosieru 1965,1982 apud (Cardoso, 2010, p. 45).

Se até a segunda metade do século XIX, as descrições de áreas dialetais eram intuitivas e fortuitas, inadequadas diante dos grandes avanços da filologia e outros estudos das línguas. Em referência aos estudos dialetais, vimos que não estão restritos a visão diatópica, mas intrinsecamente ligados as dimensões sociais que compõe a metodologia pluridimensional. Neste trabalho levaremos em consideração as seguintes dimensões e parâmetros dialetológicos: diatópica (ponte de pesquisa); diazonal (falantes da zona leste e zona sul); diastrática (escolaridade); diagenérica (sexo) e diageracional (faixa etária).

Dentro das dimensões sociais que se apresentam como parâmetro para nossa pesquisa vamos construir significados para tornar nossa compreensão mais ampla sobre o que iremos analisar. Fatores sociais, como idade, gênero, escolaridade, profissão, têm se construído um aspecto de variação que, de forma diferenciada e com graus distintos de focalização no possibilitará reunir dados para concretizarmos com êxito esta pesquisa.

1.3.1 Variação Diatópica

A variação diatópica (do grego, *topos* = lugar), ou seja, está relacionado ao ponto de pesquisa e aos processos de reconhecimento da norma linguística de uso do que possa ser aceitável em relação à língua padrão em diferentes regiões ou lugares distintos.

A preocupação diatópica, seja porque homens se situam, inevitavelmente nos espaços geofísicos, seja porque as línguas e as suas variedades, pelas implicações culturais a que estão sujeitas e dubitavelmente as refletem, têm um território próprio, ou seja ainda porque o homem é indicissociável no seu existir e no seu agir, no ser e no seu fazer, tem sido constante nos estudos dialetais. Ela nos possibilita através da fala identificar a origem de uma pessoa através dos usos peculiares de padrões lexicais, entonações e, principalmente os traços fonológicos diferenciáveis. (Cardoso, 2010, p. 48).

Se as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais é porque, na realidade dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e mais fácil percepção físicos, portanto, geográficos. São diversos os motivos pelos quais podem ser explicados: as regras linguísticas de uso dessa comunidade afastada não foram afetadas pelas regras que abalaram a norma padrão, o uso social da língua pode não ser o mesmo para todas as regiões, a interferência de outras línguas pode ter maior influência no centro do que na região mais afastada que adota a variedade não padrão, dentre outros. Temos um exemplo bem claro da variação diatópica que é o modo de falar rural e do falar urbano. A abordagem do espaço físico, porém tem sido orientada por enfoques diversificados: ora mais

geral, ora pelo regional e particularizante, ora pelas amplitudes maiores e sob perspectivas distintas.

Se a intenção de localizar os fatos linguísticos nos espaços geopolíticos é uma constante na história dos estudos dialetais, a preocupação com as características sociais dos informantes e as suas implicações no uso da língua não tem passado à margem da dialetologia, especificamente, da geografia linguística. Corroborando com o modo de pensar de Dubois (2006). Cardoso (2010) sustenta que a geolingüística como método da dialetologia serve para localizar espacialmente as variações em relação às línguas umas com as outras, situando seus falantes no meio social, cultural e regional. Esse “espaço social” recobre, pelo menos, a variação diageracional, variação diagenérica, variação diastrática e a variação diafásica.

1.3.2 Variação Diageracional

A preocupação com a idade dos informantes já aparece em Rousselot, que, em 1891, chamava a atenção para o fato de que “o conhecimento da idade dos falantes observados é indispensável para que possam comparar as divergências existências entre o falar dos jovens e aquele dos idosos, e determinar o seu ponto de origem”. (Apud. Pop. 1950, p.43).

Nesse interregno, Gilléron apresenta, selecionados pelo seu Edmond Edmont, um conjunto de informantes cuja idade se estende dos 15 aos 85 anos (apud Pop, 1950, p.129), sem, no entanto, trazer a sua identificação nas cartas linguísticas, o que levou Pop (1950, p. 125) a lastimar, afirmando que “é, entretanto, lastimável que possamos distinguir, nas cartas do Atlas, as respostas dadas por pessoas de idades muitas vezes bastante diferentes”.

A importância da variação etária é também assinalada por Gardette que, ao se referir à convivência de serem ouvidos vários informantes simultaneamente e em cada inquérito, destaca que esse comportamento metodológico “[...]permite documentar ao vivo as diferenças que separam gerações e por vezes os pequenos povoados de um mesmo município” (apud Pop, 1950, 217). É importante ressaltar que, a correlação das variantes linguísticas não deve tão somente fazer referência ao prestígio atribuído pela comunidade, como também, às dimensões externas, ou seja, a forma como essas dimensões sociais estão organizadas em uma determinada comunidade de fala.

Portanto, a variação etária ganha ao longo dos tempos ganha sua importância dentro do processo de pesquisa, porém foi preciso chegar ao século XX para vim dispor de cartas que documentem os fatos relacionados e identificados com informantes selecionados segundo a

faixa etária. (Cardoso, 2010, p. 51).

1.3.3 Variação Diagenérica

O gênero, assim como comprova em relação à variação diagenérica, se constitui, também em preocupação e interesse dos dialetólogos desde os primórdios dos estudos dialetais o que conduziu a que os linguísticos de homens e mulheres se tornasse objeto de documentação.

É o que se vê no ALF que, embora em proporção pouco significativa para as mulheres - 60 informantes de gênero feminino num total de cerca de 700 dos que foram inquiridos - documenta mulheres e faz delas, em 52 localidades, o informante principal (Pop, 1950, p. 128). Interpretação do seu papel faz Gauchat, já em 1905. Ao proceder à comparação entre a pronúncia dos homens e das mulheres, levando-o a declarar, a propósito de casos de inovação registrados na linguagem feminina:

Uma vez que a mulher aceitou a inovação, é do seu uso que passará à linguagem da juventude, porque as crianças seguem, principalmente, o exemplo das mulheres que passam muito mais tempo em casa, em sociedade, a cozinhar, a levar, a que falam mais que os homens, envolvidos com o trabalho do campo, no meio dos quais se apresentam taciturnos e muitas vezes isolados durante toda a jornada (Cardoso apud Pop, 2010, p. 194).

E completa o seu pensamento com uma afirmação reveladora do que pensa do papel das mulheres na constituição das línguas: “Não se fala, sem razão, de teto paterno, mas de língua materna”(Cardoso apud Pop, 2010, 195).

Muitos estudos nessa linha de investigação apontam que a mulher se mostra mais conservadora que o homem, ela tem preferência pelas variantes mais valorizadas socialmente. Vieira (2011) em seu estudo sobre o apagamento da oclusiva /d/ na perspectiva da sociolinguística, avaliando como a variável gênero (termo escolhido pela autora) se comporta em relação às variantes linguísticas usadas por mulheres e homens, chegou à conclusão que os homens têm uma tendência maior em apagar a oclusiva /d/, confirmando sua hipótese que o uso das variantes inovadoras é liderado pelos homens. Outro estudo relacionado à variável sexo que podemos considerar é de Mollica, Paiva & Pinto (1989) sobre a supressão da vibrante “r” nos grupos consonantais, como em: problema/pobrema; proprietário/proprietário, na fala carioca. Os resultados mostraram que a utilização da forma padrão (sem a supressão da vibrante) é mais por parte das mulheres.

Prete (2000, p. 27) afirma que “a oposição linguagem do homem/linguagem da mulher

pode determinar diferenças sensíveis, em especial no campo do vocabulário, devido a certos tabus morais (que geram os tabus linguísticos)”. No entanto, essa contradição aos poucos está perdendo sentido, principalmente nos grandes centros urbanos, onde os meios de comunicação em sua totalidade se apresentam de forma constante e as transformações dos costumes e padrões morais com a presença mais constante das mulheres em funções que até 37 então eram ocupados somente por homens, condições culturais mais evoluídas, os movimentos feministas, dentre outros.

1.3.4 Variação Diastrática

Ao tratar da escolha dos informantes, entre os critérios que deveriam ser levados em consideração, o abade Rousselot atribuía importância à condição social por reconhecer poderem existir, em um mesmo lugar, dois usos diferenciados “celui du peuple et celui des messieurs” (apud Pop, 1950, p. 43)

Variação diastrática (do grego *stratos* = camada, nível) está relacionada ao comportamento linguístico dos falantes adotados por determinados grupos sociais que os diferenciam de outros. Essas variações podem ser motivadas por fatores contíguos ao indivíduo (ou ao seu grupo), ou ao contexto ou a ambos sincronicamente. Tais condições podem ocorrer através de fatores contíguos ao indivíduo (ou ao seu grupo): grau de escolaridade; sexo; faixa etária; posição social; profissão, dentre outros.

Fatores relacionados à situação: ambiente onde ocorre a comunicação; lugar, tempo, grau de intimidade dos falantes e circunstâncias em que os atos de fala se concretizam; o teor do diálogo, ou seja, conteúdos que podem alterar as emoções do falante, tais como: morte na família, separação, momentos de euforia, etc.

Portanto é importante mencionar que: dependendo do lugar o falante apresenta modos distintos de falar, seja em um bar ou em um evento formal, em uma conversa entre amigos ou em uma exposição de trabalhos científicos. Isso significa que um mesmo falante se utiliza de meios linguísticos diversos para se comunicar, de acordo com o interlocutor e seu contexto de interação.

1.4 Sociolinguística

Em 1960, William Bright organizou um congresso na Universidade da Califórnia (Los

Angeles), onde participaram vários pesquisadores que apresentaram trabalhos sobre a relação entre linguagem e sociedade. Estavam presentes John Gumperz, Einar Haugen, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona e William Labov.

Foi neste grande evento que o termo Sociolinguística foi mencionado pela primeira vez e a proposta de Bright (1974) era demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às variações existentes na estrutura social desta mesma sociedade (Bright, 1974 apud Alkmim, 2001, p. 28).

Neste congresso, William Labov foi um dos que tratou o tema variação linguística, posteriormente introduziu novas discussões acerca da heterogeneidade da língua e que serviu de base para sedimentação a sociolinguística, considerada ramo da Linguística. Além da questão da variação, a Sociolinguística, de forma geral, também se preocupa com os temas relacionados ao preconceito linguístico, mobilidade e estigma social.

Bright (1974) definiu a diversidade linguística como sendo o objeto de estudo da Sociolinguística, estando tal objeto relacionado a fatores tais como: identidade social do emissor ou falante, identidade social do receptor ou ouvinte, o contexto social e o "julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre os outros, isto é, as atitudes linguísticas" (Alkmim, 2001, p. 29). Essa visão interdisciplinar da sociolinguística veio a partir dos estudos de Franz Boas, Edward Sapir e Benjamin Whorf, através das pesquisas na área da Antropologia Linguística.

Os pilares que compõem os estudos na área da sociolinguística estão sendo construídos e desconstruídos por abordagens não só qualitativa, mas, também quantitativa, estatísticas, ponto este que marca a relevância dos estudos variacionistas.

O exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável, não mero recurso interdisciplinar. Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico (Camacho, 2001, p. 50).

Analisar a linguagem dentro do contexto social é importante para solucionar os problemas intrínsecos da teoria da linguagem, ou seja, ter a percepção clara que a relação entre língua e sociedade é indispensável e não um mero recurso interdisciplinar. De acordo com Camacho (2001, p. 51), um sociolinguista considera a linguagem em última análise, um fenômeno social, ou seja, é necessário recorrer às variações derivadas de um contexto social para encontrar

respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico. Para Labov (2008), o objeto da sociolinguística como estudo da língua falada em relação ao contexto social, parte da comunidade de fala em relação ao contexto social, ou seja, parte da comunidade linguística, entendida como o conjunto de indivíduos que, além de interagirem verbalmente, também compartilham um conjunto de normas relativas aos usos.

Neste sentido, entendemos que separar do contexto social, do uso da língua, é dar a ela um tratamento mecânico, desligado da realidade dos indivíduos que a manejam. Aliás, não seria possível dispensar um tratamento social à língua, tal como se propõe a Sociolinguística, já que a língua é construída ininterruptamente pela coletividade. É importante salientar, que as análises linguísticas de um idioma e não no seu uso concreto, estão fadadas a não representar a realidade linguística, mas reconhecemos que a análise das frases contextualmente deslocadas é útil ao reconhecimento de padrões de normas, porém, não corresponde verdadeiramente ao uso linguístico cotidiano.

1.5 Normas de uso

As pessoas se comunicam diariamente e compartilham entre si traços linguísticos, empiricamente podemos dizer que uma língua é um conjunto de variedades que os falantes utilizam dia-a-dia para estabelecer a chamada comunicação verbal. Segundo Faraco (2008, p. 31), não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades de outro, como muitas vezes se acredita no senso comum: a língua é o próprio conjunto de variedades, ou seja, se trata de uma realidade completamente heterogênea. Talvez por isso, Faraco apud Whitney (2008, p. 31) relata que “ninguém pode definir, no sentido próprio desse termo, uma língua: uma língua é uma grande instituição concreta, um corpo de usos que prevalece numa determinada comunidade, e só pode ser mostrado e descrito”.

É importante esclarecer que em relação à linguagem verbal, uma língua é considerada uma entidade política e cultural e não propriamente uma entidade linguística, um exemplo claro, é o nosso português, que possui diferenças linguísticas e fonéticas em toda área geográfica. E apresenta uma realidade pluralista, nas quais inúmeras variedades reconhecidas histórica, política e culturalmente são conhecidas como manifestações de uma mesma língua por seus falantes. É claro que temos também suas exceções, como por exemplo, o chinês, onde falantes das variedades do mandarim, se consideram falantes de chinês tanto quanto os falantes das

variedades reunidas sob designação do 1cantonês, embora não haja entre eles mútua inteligibilidade)

Existem falantes que compartilham de variedades mutuamente inteligíveis, que por critérios linguísticos poderiam ser considerados partícipes de um mesmo contínuo dialetal, mas, que declaram falantes de línguas diferentes. No entanto, não há grupo social que não tenha sua norma, apesar de haver diferenças entre falantes quanto ao domínio das muitas normas sociais, não há falantes que falem sem o domínio de alguma norma. (Faraco, 2008, p.32)

Por isso definir a norma de uso de uma determinada sociedade é complexo, porque na verdade, cada comunidade linguística tem várias normas (e não apenas uma), ou seja, ela se caracteriza por um determinado conjunto de normas. Essa pluralidade linguística está diretamente ligada às relações heterogênicas que são estabelecidas no interior das comunidades que partilham normas e regras linguísticas.

A intenção nesta pesquisa não é determinar ou apresentar o que é certo e errado, mas mostrar que existem várias formas de falar a mesma palavra, como por exemplo, a palavra macaxeira, que também é conhecida como mandioca e aipim em outras regiões do nosso país. Destacamos também que neste estudo daremos ênfase à fala urbana, uma vez que a maioria dos estudos sobre variação lexical em nosso estado está voltada para fala interiorana, onde de fato é percebido as grandes mudanças no modo de falar dos indivíduos e isso se dá por vários fatores: idade, sexo, grau de escolaridade, área demográfica, etc.

Porém o nosso olhar se volta para o perímetro urbano, uma vez que muitas pessoas acreditam que os falantes que residem na grande metrópole apresenta uma fala mais conservadora, monitorada, mais prestigiosa, do que quem mora no interior, ou seja, que apresentam menor incidência para ocorrência das mudanças lexicais. Quando na verdade, a realidade é outra, a cidade também apresenta diferentes modos de falares, pois há um fluxo muito grande de pessoas entrando e saindo da capital, é parada oficial de quem vem para o norte do país, além de ser uma rota comercial importante, parada obrigatória para outros municípios. Afirmando essa assertiva Faraco (2008, p.46) discorre:

Considerando as características da urbanização do país (que, em menos de cinquenta anos, inverteu a distribuição da população entre o campo e a cidade, tornando o Brasil um dos países mais urbanizados do mundo, com aproximadamente 80% da população vivendo hoje nas cidades); e o alcance de seus meios de comunicação social (o rádio está praticamente em todos os lares brasileiros e a televisão, com produção e transmissão fortemente centralizada,

¹O cantonês é a forma padrão do Chinês Yue e é o idioma oficial de Hong Kong e Macau. É também uma língua franca em partes da China Continental, especificamente nas áreas de Guangdong e Guangzhou. O Cantonês também possui seis tons que podem alterar completamente o significado de uma palavra.

chega a mais de 90% deles), podemos dizer que as variedades que exercem, hoje, a maior força de atração sobre as demais são as faladas pelas populações tradicionalmente urbanas, situadas na escala de renda de média para a alta e que, por isso. Têm garantido para si, historicamente, bons níveis de escolaridade (pelo menos a educação média completa) e o acesso aos bens e a cultura. (Faraco, 2008, p.44)

E dentro deste contexto é possível afirmar que ocorrem impreterivelmente mudanças no modo de falar dos manauaras e registrar as ocorrências desses fenômenos é desafiador para o corpus desta pesquisa.

Ao longo da história, houve várias tentativas das classes dominantes de impor determinada variedade de língua que pudessem distingui-las das outras línguas que se apresentavam aqui no Brasil. E essa língua imposta aos índios, aos negros e camadas populares em situação de vulnerabilidade, era e é até hoje, como podemos presenciar no imaginário popular que supostamente “aquele que possui alto poder aquisitivo, que é formado em uma universidade, que viajou muito é considerado uma pessoa culta, que utiliza as palavras de alto prestígio no seu discurso”, e isso não é verdade.

As grandes transformações sociais, econômicas, políticas e culturais afetaram ferrenhamente o perfil elitista associado a certa variedade de língua. Porém, salientamos que os diferentes modos de falares, escrita, o vestuário, a arquitetura, decoração de casas, hábitos alimentares e lazer até os dias atuais ainda são marcas da nobreza.

A norma-padrão, enquanto realidade léxico-gramatical, é um fenômeno relativamente abstrato: há em sua codificação, um processo de relativo apagamento de marcas dialetais. É por aí que a norma-padrão pode se tornar uma referência suprarregional e transtemporal. Neste sentido, o padrão tem sua importância e utilidade como força centrípeta no interior do vasto universo centrífugo que caracteriza as línguas, em especial nas situações em que se busca alcançar certa uniformidade que atenua uma intensa dialeção.

O padrão não conseguirá jamais suplantar integralmente a diversidade porque, para isso, seria preciso alcançar o impossível (e o indesejável, obviamente): homogeneizar a sociedade e a cultura e estancar o movimento e a história. Mesmo assim, o padrão terá sempre, por coações sociais, certo efeito unificador sobre as demais normas.

Embora, o padrão não se confunda com a norma culta/comum/standard, está mais próximo dela do que das demais normas, porque os codificadores e os que assumem o papel de seus guardiões e cultores saem dos estratos sociais usuários dessa norma.

Se esse é um fator de aproximação, é também um fator de tensão porque o inexorável movimento histórico da norma culta/comum/standard tende a criar um fosso entre ela e o

padrão, ficando este cada vez mais artificial e anacrônico, se não houver mecanismos socioculturais para realizar os necessários ajustes.

Segundo Cristianini (2007), o uso comum da língua consiste em padrões que se são utilizados pelos grupos sociais. Para Barbosa (1989), em um grupo social, a norma se constitui em um conjunto de modelos linguísticos utilizados durante o uso real da língua, apresentando alta frequência e distribuição regular.

A frequência e a distribuição regular podem ocorrer em determinadas situações como: variante de alta frequência e distribuição regular em que as variantes são encontradas em número elevado em todos os pontos da localidade em análise; -variante de alta frequência e distribuição irregular– em que variantes são muito utilizadas, com índices podendo ser maiores que 75%, em um dos pontos (norma deste ponto apenas);-variante de baixa frequência e distribuição irregular –em que apenas um informante faz uso da variante. Para exemplificar a variação fonético-fonológica em nosso país, consideramos alguns estudos que foram realizados por pesquisadores em todo Brasil, apresentaremos a seguir.

1.6 Revisão bibliográfica

As pesquisas sobre variação fonético-fonológica pode oferecer várias contribuições significativas para futuras investigações no Brasil. Em nosso país existe uma rica diversidade linguística, com diferentes sotaques, dialetos e variações regionais. Estudar essa variação, ajuda a mapear e entender essas diferenças, promovendo uma compreensão mais profunda da língua portuguesa em contextos variados, ou seja, a compreensão da diversidade linguística existente em nosso país e principalmente no estado do Amazonas, onde há uma concentração muito grande de dialetos. Essas variações que ocorrem na língua, muitas vezes estão relacionadas a fatores sociais, como classe, idade, gênero e etnia. Estas pesquisas, ainda podem revelar como esses fatores influenciam a fala, contribuindo para estudos sociolinguísticos que abordam questões de identidade e pertencimento. A seguir, exemplos de pesquisas concluídas na área:

Margotti, Felício Wessling. Difusão Sócio-Geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil. Tese defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

Margotti (2004) sobre as seguintes variáveis: ditongo nasal tônico [õw ■], a consoante [r], a vogal [a] seguida de consoante nasal, a consoante [t] seguida de [i], a consoante [d] seguida de [i], a vogal átona final [e], a vogal átona final [o], a consoante [■] e a consoante [■]. As variantes portuguesas dessas variáveis diferem das variantes italianas. Por exemplo, quando a

variável for /t/ e /d/ diante de vogal alta [i], a pronúncia pode ser africada no português, realizando-se foneticamente como [t^h], [ts] e [d^h], [dz]. Diferentemente, no italiano realizam-se foneticamente como [t] e [d] categoricamente. Margotti (2004) concluiu que as variantes consideradas mais portuguesas são mais difundidas no grupo de informantes mais escolarizados e na faixa etária mais jovem, enquanto os informantes menos escolarizados e de idade mais avançada fazem uso das variantes mais italianas.

Cruz, Maria Luiza de Carvalho. Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM). 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

Devido à ausência de pesquisas dialetológicas desde a década de 80, este trabalho surge com o interesse de conhecer o modo de falar amazonense, servindo como um leque de perspectivas para outras pesquisas. Foram entrevistados 6 informantes por ponto de inquérito, totalizando 54 informantes, sendo um 1 homem e 1 mulher para cada faixa etária, distribuídos da seguinte forma: primeiro grupo (18-35 anos), segundo grupo (36-55 anos) e terceiro grupo (56 em diante). Quanto à escolaridade, foram selecionados informantes que tinham, no máximo, até a 4ª série do ensino fundamental (Batista, 2019, p. 45).

Além disso, eles deveriam ser naturais das localidades escolhidas; ter pais e cônjuges da região em estudo e não ter se afastado da localidade por mais de 1/3 de suas vidas. O questionário contou com 483 questões, divididas em duas seções: questionário fonético fonológico (QFF), com 156 questões e questionário semântico-lexical (QSL), com 327 perguntas. Foram também realizadas locuções livres e semidirigidas. O ALAM resultou em 257 cartas linguísticas, sendo 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais. Além disso, foram elaboradas 41 cartas especiais, denominadas de Derivadas (DER). Essas cartas são resultantes da reunião de respostas oriundas de questões do QFF, QFF e QSL, QSL e do QSL (meio biótico). Algumas delas registram diferentes itens lexicais para um mesmo conceito, outras retratam a diversidade biótica ou etnográfica regional (Batista, 2019, p. 45).

O Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM foi apresentado como tese de doutorado por Cruz (2004). A pesquisa foi desenvolvida na perspectiva da Dialectologia pluridimensional, a fim de controlar sistematicamente as variáveis: gênero e faixa etária. Desta forma, foram registrados os falares de nove municípios representativos de nove microrregiões do Estado do Amazonas.

Azevedo, Orlando da Silva. Aspectos dialetais do português da região Norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM). Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão,

UFSC, 2013. A pesquisa “Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)”, de Azevedo (2013), seguiu os princípios metodológicos da Dialetologia Pluridimensional e abordou as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e a variação lexical na região do Baixo Amazonas (PA), o qual teve como pontos de inquérito, o Igarapé do Juruti-velho e a vila do Juruti-velho, e na região do Médio Solimões (AM), de onde foram selecionadas as comunidades Ariri, Saubinha, Itapéua, Costa do Juçara, e as cidades de Coari, Codajás e Anamã.

Foram aplicados dois questionários: um fonético-fonológico (101 questões) e um semântico-lexical (192 questões). Em cada ponto de inquérito foram entrevistados 8 informantes controlados sistematicamente pela sua idade, gênero e escolaridade. No final, foram elaboradas 82 cartas fonéticas e 75 cartas lexicais. No que diz respeito ao léxico, Azevedo (2013) declara que “em se tratando da variação lexical, não houve variação expressiva em relação à maioria dos vocábulos nas duas regiões estudadas” (p.595). Desta forma, esta pesquisa colaborou para outras que surgiram posteriormente. (Batista, 2019, p. 47).

Araújo, Risonilde Clementino de. O apagamento da oclusiva /d/ em morfema formador de Gerúndio na fala envirense. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2019.

Neste trabalho, é possível verificar uma descrição minuciosa sobre o processo de apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio, sob a ótica da variação linguística em diferentes dimensões (diatópica, diazonal, diagenérica, diageracional, diastrática, dentre outras). Foram selecionados 16 informantes, sendo 8 em cada ponto de inquérito, distribuídos em células sociais por sexo (mulher e homem); por faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos); e por escolaridade (fundamental I – analfabeto ou no máximo o 5º ano e fundamental II – 6º ao 9º ano). Os dados foram analisados de forma quantitativa com ajuda do programa estatístico Goldvarb X e os resultados foram registrados em 13 cartas morfofonológicas. Utilizou-se um questionário morfofonológico (QMF) adaptação feita do questionário fonético-fonológico (QFF). O QMF é composto por 49 questões, abrangendo verbos gerundivos com o propósito de investigar o apagamento do morfema de gerúndio {-ndo} no contexto linguístico e extralinguístico. Sendo esta pesquisa basilar para construção do corpus da minha pesquisa.

Todos os trabalhos supracitados contribuem diretamente para o enriquecimento desta pesquisa, pois permitem conhecer as variações que pode melhorar práticas pedagógicas no

ensino de línguas e ajudar diretamente no desenvolvimento de métodos mais inclusivos que reconheçam e valorizem a diversidade linguística, facilitando um ambiente de aprendizagem mais eficaz. Além de contribuir na documentação de variedades linguísticas ameaçadas, contribuindo para esforços de preservação e revitalização de línguas menos faladas ou em extinção e assim informar políticas públicas que promovam a valorização da diversidade linguística, ajudando a combater preconceitos linguísticos e a promover o respeito pelas diferentes formas de falar. Esses aspectos demonstram que a pesquisa sobre variação fonético-fonológica não só enriquece o campo acadêmico, mas também tem um impacto direto na sociedade, promovendo um maior entendimento e respeito pela diversidade linguística presente no Brasil.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentaremos um panorama da Cidade de Manaus, que permitirá compreender o papel da cidade não somente enquanto produção, mas também de valor como construção social, destacando a influência linguística dos migrantes durante o ciclo da borracha e a abertura da Zona Franca de Manaus, dois fatos importantes que contribuíram para o crescimento e miscigenação dos povos amazônicos.

Iniciaremos a abordagem histórica mencionando esses dois grande marco que aconteceram em nossa cidade: I) o ciclo da borracha; II) a criação da zona franca de Manaus (Benchimol, 2010 p.47). Através destes dois acontecimentos a cidade de Manaus recebeu em suas terras um número expressivo de pessoas que vieram em busca de melhorias de vida. O primeiro, permite a chegada de migrantes de todo o Brasil, principalmente da região nordeste e o segundo influenciou a saída da população ribeirinha para a capital, vislumbrando crescimento na indústria, buscando na mesma proposta, o melhoramento de uma condição social mais estável. E essa mistura, de alguma forma vai ocasionar em choque cultural na capital, implicando não somente no meio social, econômico e político, mas no modo de falar dos manauaras.

O método e os instrumentos utilizados para coleta e análise dos dados também serão minuciosamente descritos nesta seção, para que o leitor compreenda a maneira pela qual alcançamos os resultados. Este conhecimento é essencial, pois dará unidade aos vários campos envolvidos na análise urbana, por meio da observação das diferenças semântica-lexicais na fala dos moradores manauaras, especificamente nas zonas Oeste que contemplamos os bairros

(Glória, Santo Antônio, Compensa) e Zona Norte, os bairros (Novo Aleixo, Nova Cidade, Monte das Oliveiras). A seguir apresentaremos um panorama geral sobre a cidade de Manaus, enfatizando os eventos do Ciclo da borracha e a criação da Zona Franca de Manaus, bem como uma descrição da cidade e dos pontos de inquéritos escolhidos para realização da pesquisa.

2.1 Cidade de Manaus: uma análise sobre o espaço urbano

Para os estudos sociolinguísticos, a cidade de Manaus é um campo fértil para composição deste trabalho de pesquisa, com uma população de 1.644.690 de habitantes, está localizada na região Norte deste país (IBGE, 2010). Manaus está situada à margem esquerda do Rio Negro, na confluência das águas dos rios Negro e Solimões. Ocupa uma área de 11.458,50 km² correspondendo a 0,72% da área total do Estado que é de 1.577.820,2 km². A sede municipal está situada a 92,0 metros cima do nível do mar, (Implurb, 2008, p.2).

De acordo com os dados do Implurb (2008, p.5), os aspectos físicos estão definidos da seguinte maneira: Limites - seus limites estão assim definidos; Ao Norte - com o Município de Presidente Figueiredo; Ao Sul - com os municípios de Iranduba e Careiro; A Leste - com os municípios de Rio Preto da Eva e Itacoatiara; A Oeste - com o município de Novo Airão.

Clima - o clima predominante é o equatorial quente e úmido, caracterizado, por duas estações - uma seca e outra chuvosa. A umidade relativa do ar é sempre alta, girando em torno da média de 80%, principalmente nos meses de maior incidência de chuva, entre novembro e abril. A temperatura média anual é de 26,7°C, com variações médias de 23,3°C e 31,4°C. A média de precipitação pluviométrica anual é de 2.286 mm, o que contribui para os fenômenos de cheia e vazante dos rios e igarapés da região. (Implurb, 2008, p.3).

Hidrografia - Manaus é banhada pelos rios Negro e Amazonas e entrecortada por diversos igarapés, destacando-se os igarapés do Quarenta, do Velho Chico, do Mindú, do Tarumã, do Franco, de São Raimundo e muitos outros. Seu sistema hidrológico é formado por rios de águas pretas e brancas. Existem vários rios afluentes dos rios principais no interior do Município, dos quais destacam-se os rios Tarumã - Açu, Tarumã - Mirim, Arara, Jaraqui, Cuieiras entre outros, bem como alguns lagos, dos quais destaca-se o lago Puraquequara.

Relevo e Solo - O município de Manaus é caracterizado, em sua maior parte com relevos planos e homogêneos e uma altitude média de 140 m. O solo predominante em Manaus é o 2Latossolo Amarelo. Planejamento – A série histórica do

² Latossolos - Solos constituídos por material mineral, apresentando horizonte B latossólico imediatamente

crescimento dos bairros é um instrumento de planejamento, pois permite monitorar o crescimento da cidade e dirigir os programas e ações da Prefeitura para as áreas em expansão urbana. (Implurb, 2008, p.2).

Os dados supracitados foram retirados do documento intitulado “Censo demográfico dos bairros” (2008), cedido pelo Instituto Municipal de Planejamento urbano- IMPLURB. Através destes dados tivemos a oportunidade de conhecer como se deu o processo de crescimento da cidade, conhecer também a história de cada bairro escolhido para realização da pesquisa, etc.

2.1.1 Aspectos Históricos

Trabalhando com a sociolinguística, é possível se desfazer de conceitos sobre a língua, principalmente sobre a questão da língua como estrutura pronta, acabada, que não é suscetível a variações e mudanças. E para que este estudo seja relevante, é necessário compreender que a realidade das pessoas que usam a língua – “os falantes”. Estes têm uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros (Coelho 2021, p.11). A cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas, agrega um universo de variantes apontados como típicos desta localidade pelo Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) e Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). (Araújo 2018, p.94). Para Pinheiro (2003, p.9), a nossa fala é mediada por outras falas que não chegamos sequer conhecer e o “novo” que ensejamos desesperadamente empreender, muitas vezes já foi dito de outra forma.

[...] na cidade, é comum, em conversas diretas ou entreouvadas em seus muitos espaços, a suscitação de dúvidas quanto ao uso de alguns termos, expressões e concordâncias, como, por exemplo: a indivíduo; a gente vamos; os pessoal chegaram; tu trouxe; eu vi ela; seja feliz, entre outras situações. Quando o manauara houve isso, perde-se em devaneios quanto à forma mais adequada e deve se questionar também acerca de quem fala assim e o porquê. Obviamente não se busca o certo e o errado, mas tão somente o perfil do falante; não há a intenção de julgar, mas sim de compreender o limite entre a língua e o dialeto – se é que ele exista na cidade - ou entre o dialeto e o socioleto e sua influência na perpetuação de variantes. (Araújo, 2018, p. 94)

abaixo de qualquer tipo de horizonte A, dentro de 200cm da superfície do solo ou dentro de 300cm, se o horizonte A apresenta mais que 150cm de espessura. Latossolos Amarelos – Solos com matiz mais amarelo que 5YR na maior parte dos primeiros 100cm do horizonte B (inclusive BA). Latossolos Vermelhos – Solos com matiz 2,5YR ou mais vermelho na maior parte dos primeiros 100cm do horizonte B (inclusive BA). Latossolos Vermelho-Amarelos – Outros solos com matiz 5YR ou mais vermelhos e mais amarelos que 2,5YR na maior parte dos primeiros 100cm do horizonte B (inclusive BA). (Oliveira, 1992, p.201).

Pensando na diversidade linguística que cerca nosso estado, resolvemos mapear a capital do Amazonas, Manaus, que passa por constantes mudanças, tanto social, quanto econômico e cultural e estas transformações culminou também em mudanças linguísticas. Elegemos dois grandes acontecimentos para nortear nossa escolha pela capital amazonense nos estudos sobre a variação lexical. O ciclo da borracha e a Zona Franca de Manaus, apesar de serem fenômenos econômicos distintos em períodos diferentes, compartilham algumas semelhanças importantes em relação ao desenvolvimento econômico da região amazônica e suas implicações sociais e ambientais, como mostraremos a seguir:

Impacto Econômico na Região: Ambos tiveram um impacto significativo na economia local. O ciclo da borracha, que ocorreu principalmente entre o final do século XIX e início do século XX, trouxe riqueza para a região amazônica, especialmente para Manaus. Da mesma forma, a Zona Franca de Manaus, estabelecida em 1967, buscou promover o desenvolvimento econômico da região por meio de incentivos fiscais e atração de indústrias.

Migração e Urbanização: Os dois períodos geraram grandes fluxos migratórios para a Amazônia. Durante o ciclo da borracha, muitos trabalhadores migraram para a região em busca de emprego nas seringueiras. Na era da Zona Franca, houve uma nova onda de migração, com pessoas se mudando para Manaus em busca de oportunidades de trabalho nas indústrias instaladas.

Relação com Recursos Naturais: Ambos os fenômenos estão intimamente ligados à exploração dos recursos naturais da Amazônia. O ciclo da borracha dependia da extração do látex das seringueiras, enquanto a Zona Franca aproveita a biodiversidade e os recursos regionais para desenvolver indústrias que produzem bens variados.

Desafios Ambientais: Tanto o ciclo da borracha quanto as atividades industriais na Zona Franca enfrentam desafios ambientais significativos. A exploração intensiva durante o ciclo da borracha levou ao desmatamento e à degradação ambiental, enquanto as atividades industriais atuais também levantam preocupações sobre poluição e uso sustentável dos recursos naturais.

Desigualdade Social: Em ambos os casos, há uma relação complexa com a desigualdade social. Apesar dos benefícios econômicos trazidos por essas atividades, muitas comunidades locais não se beneficiaram proporcionalmente das riquezas geradas. A marginalização e a pobreza persistem em várias áreas da Amazônia.

Identidade Regional: Tanto o ciclo da borracha quanto a Zona Franca contribuíram para moldar a identidade cultural e econômica da região amazônica. As práticas culturais, as tradições e até mesmo as dinâmicas sociais foram impactadas por esses ciclos econômicos.

Esses pontos em comum mostram como diferentes períodos históricos podem estar interligados na formação do contexto econômico e social de uma região tão rica e complexa como a Amazônia. A partir destas transformações e mudanças, percebemos que nos livros de histórias quando citam as mudanças ocorridas nestes períodos nunca é citada as mudanças linguísticas e este trabalho pode ser uma porta que se abre para o estudo destas mudanças que ocorreram na fala dos moradores desta região.

O Ciclo da Borracha, entre 1890 e 1911, representou o primeiro boom populacional em Manaus, quando o número de habitantes na cidade saltou de 20.000hab. para cerca de 100 mil habitantes. Neste período o fluxo de migrantes que se deslocavam para toda região produtiva atingiu índice nunca vistos, estimando-se que ali chegaram cerca de 300mil pessoas, em sua maioria dos estados do Nordeste. A participação de empresas inglesas foi importante para o surgimento de melhorias na cidade de Manaus, como luz elétrica, água encanada e rede de esgotos.

Segundo Daou (2000, p. 13), em meados do século XIX, a área onde se constituiu a província do Amazonas, era isolada das outras partes do país. Ao Barão de Mauá foi concedido o monopólio da navegação a vapor no rio Amazonas, onde passou a operar em conjunto com a Amazon Steam Navigation Company Limited em Londres, que favoreceu a circulação de pessoas e mercadorias e estreitou a ligação com exterior em relação ao escoamento da produção extrativista. Com isso, as mudanças não ocorrem somente no campo econômico e social, sobretudo no modo de falar destes povos. Com maior circulação de pessoas neste espaço, maior a probabilidade de mudança da língua também. Nordestinos, paraenses e tantos outros vieram para o Amazonas em busca de melhores condições de vida. E o contato entre esses povos vai implicar nas mudanças que vemos hoje em nossa língua. Para Labov (1972), nenhum falante, mesmo sendo do mesmo grupo social/ comunidade de fala, fala da mesma maneira que o outro.

Em relação a outras cidades que se desenvolveram a partir do descobrimento, como Bahia e Rio de Janeiro, Manaus teve uma origem relativamente recente, não se podendo falar a respeito, de uma cidade colonial, cujas dimensões e limitações do seu aparato "urbano" estavam nascendo neste período. No século XIX, a partir do processo de centralização das atividades comerciais do sertão amazônico, então em deslocamento do Rio Negro para o Rio Solimões, foi que a população veio crescer de maneira significativa.

Com a transferência da sede da antiga Capitania de São José do Rio Negro, depois Comarca do Alto Amazonas, de Barcelos para o Lugar da Barra (Manaus), temos a passagem em 1833, a termo de maior importância da Comarca, subordinando outros mais afastados do

Solimões, Madeira e Negro, e sujeitando Serpa (atual cidade de Itacoatiara), a qual estava submetida, e essas transformações possibilitou a expansão política na região, tanto que foi construído a Câmara Municipal. (Pinheiro, 2003, p.31)

Em 24 de outubro de 1848, foi atribuído o estatuto jurídico de Manaus, anos antes da elevação do Amazonas a Categoria de Província. As descrições nesse período são significativas, principalmente porque a região como um todo recebeu uma quantidade enorme de viajantes e naturalistas que deixaram registradas impressões pouco lisonjeiras, para não dizermos negativas e até mesmo preconceituosas. A partir do século XIX, essas mudanças significativas são perceptíveis, devido ao fluxo de pessoas oriundas de outros lugares, contudo, veio contribuir diretamente nas variedades de falares em nosso Estado.

Em geral, atribuíam-lhe um caráter mal disfarçado de aldeia, materializado nas poucas e deterioradas casas, na assimetria das ruas e na população rarefeita e desprovida de hábitos ocidentalizados. Em 1865, o casal Agassiz, não sem ironia, a descrevia nesses termos, conforme Pinheiro (2003, p.33):

Que poderei dizer da cidade de Manaus? É um pequeno aglomerado de casas, metade das quais parece prestes a cair em ruínas, e não se pode deixar de sorrir ao ver os castelos oscilantes decorados com o nome de edifícios públicos: Tesouraria, Câmara Legislativa, Correios, Alfândega, Presidências (Pinheiro, 2003, p. 33).

Com o crescimento da economia gomífera, a cidade ganhou um caráter cosmopolita, devido a matéria-prima alcançar preços máximos a nível mundial. Eduardo Ribeiro até então governador do estado do Amazonas, em memória de Manaus, começou a proclamar aos quatro ventos que se orgulhava de ter recebido uma aldeia e deixado em seu lugar uma cidade moderna, com ar europeu, cristalizada na produção historiográfica do nosso povo como Belle Époque.

Situada no centro da floresta amazônica, exatamente na confluência dos rios Negro e Solimões, Manaus floresceu em contato com o rio, por onde podia estabelecer suas trocas comerciais e comunicação. Ao longo de toda a metade do século XIX, foram realizados vários serviços de melhoramentos na cidade, ainda era tímido e gradual, porém já se percebia nas edificações, nos calçamentos e aterros, obras ligadas ao abastecimento, iluminação de ruas e praças, com objetivo principal de favorecer a entrada e saída de embarcações que vinham de várias partes do país e do mundo em busca da borracha. “Esta evidência não invalida o fato, também em si bastante expressivo, de que com a expansão da economia gumífera a cidade tenha sofrido uma transformação frenética, fazendo sobressair com mais vigor sua metamorfose. (Pinheiro, 2003, p. 34).

À época da instalação da Província do Amazonas (1852), o sítio urbano de Manaus

compreendia seis bairros (São Vicente, Costa d'África, Espírito Santo, República e Remédios) e estava restrito nos espaços compreendidos entre dois grandes igarapés, o da Cachoeira Grande e o da Cachoeirinha. A expansão geográfica da cidade tendeu, no princípio, a acompanhar a margem do Rio Negro, mas logo se esboçou, com os primeiros planejamentos urbanos, uma opção por dar as costas ao rio, fazendo crescer a cidade, então, no sentido norte-sul.

Logo, novos bairros foram surgindo e novas áreas habitadas. Do interior e de outros estados, Manaus abria-se aos visitantes através da abertura do comércio regional. A entrada na cidade era feita pelo ancoradouro situado em frente à praça da Imperatriz onde, à época, estava sendo construída a nova Igreja Matriz ou, em menor escala, pela rampa existente em frente à Igreja dos Remédios, localizada na área central. Esses eram também os espaços onde aportavam as catraias que traziam das vilas e lugarejos do interior gênero alimentícios e utensílios que eram ali comercializados, conforme Pinheiro (2003, p.37).

Em 1855, no mesmo local que funcionava como porto, foi criada por lei provincial a "Ribeira dos Comestíveis", para onde afluíam os habitantes da cidade no intuito de abastecerem-se de gêneros alimentícios. As intervenções iniciais do poder público no sentido do "aformoseamento" urbano ocorreram por volta da década de 1870 na praça da Imperatriz, onde também havia sido construído o primeiro cais da cidade, chamado de "Cais da Imperatriz". Sugestivamente, anos depois, estarão concentrados os grandes armazéns, demonstrando a força desta tradição de comercial na capital do Amazonas.

Tavares Bastos fazia um balanço bastante favorável do aumento das transações comerciais naquela praça que passava a responder, entre os anos 1864, por metade do comércio da Província, aumentando ano após anos. E essa expansão, permitiu na segunda metade do século XIX, a renovação dos prédios públicos, as cores monumentais, os aterros e desaterros, a abertura de ruas e avenidas foram acompanhadas pela incorporação, em alguns casos pioneiros, de tecnologias urbanas modernas como o sistema de bondes, a iluminação deles, comunicação telefônica, sistema de galerias para drenagem de águas e esgotos, além da abertura de espaços destinados ao lazer refinado, hipódromo, teatro, clubes etc.

Todas essas mudanças contribuíram para o deslocamento das zonas de extração de

³ catraia (ca·traia) nome feminino 1. [Náutica] Embarcação pequena e robusta, com remos e vela triangular, geralmente usada na pesca (ex.: catraia sardinheira). = CATRAIO 2. [Figurado] Construção ou fábrica de pouca importância.

⁴ Ato ou efeito de aformosear, de tornar formoso, com enfeites ou adornos; embelezamento, ornamentação.

⁵ Aureliano Cândido Tavares Bastos - pensador, um intérprete do Brasil, alguém que refletiu sistematicamente sobre as grandes questões nacionais oferecendo soluções para os problemas que assolavam o país, notadamente, a centralização político-administrativa - 1975.

borracha para o Alto Amazonas e os vales do Purus e Juruá. Com todas essas modificações, Manaus se tornou ponto estratégico para ampliação das e inúmeras casas aviadoras, importadoras e exportadoras, além de estreitar o financiamento e comercialização da borracha na região, fazendo chegar os implementos e capitais necessários à organização e funcionamento da vida econômica dos seringais, bem como recebendo deles, no final do período de extração, as remessas de borracha que, posteriormente seriam exportadas para a Europa e Estados Unidos.

A produção dos seringais estava enraizada na cidade, tanto a atividade portuária quanto o cotidiano da própria cidade refletiam o caráter sazonal da economia amazonense. Esta sazonalidade era sentida inclusive, através das variações dos cheiros, tendo o porto desempenhado um papel importante nesse sentido, como descreveu Thiago de Mello,

[...] O cheiro, perdão, os muitos, os inumeráveis cheiros do Roadway velho-de-guerra. O nosso cais flutuante tinha, é certo, um cheiro que lhe era essencial e próprio, composto de mistura de madeira, óleo de navio, graxa de máquina, brisa do rio, alguma fumaça de apito. Mas outros cheiros se acrescentavam e até predam de acordo com a carga que os barcos traziam ou com os produtos que eram embarcados. Cheiro de bacalhau que vinha, de pirarucu que saía. Cheiro de piaçava, de andiroba derramada. De dentro das caixas, o perfume das maçãs escapava pelas frinchas Navio estrangeiro a gente conhecia pelo cheiro, que nada tinha a ver com o dos nossos gaiol nem com os navios de Loide (Mello, 1983, p. 184).

Muitos navios atracavam no porto de Manaus, pois o escoamento da borracha alcançava grandes proporções e a cidade atraía pessoas de todos cantos do mundo, enchendo os hotéis impulsionando a economia local. Todo esse fluxo de pessoas atribuía a Manaus o status de terra alegre e festiva. E claro que, com a aproximação de culturas diferentes, o contato e a influência de outras línguas vão implicar em mudanças no modo de falar dos habitantes da cidade.

A movimentação neste período era notória, chegavam grandes contingentes de população pobre a procura de oportunidades de trabalho. Com poucos recursos, viam-se obrigados a se hospedarem nos hotéis de 3ª categoria e muitas vezes em lugares insalubres. A maioria destes trabalhadores já adquiriam dívidas antes mesmo de chegarem a Manaus, com promessas fantasiosas de enriquecimentos rápidos, deixavam suas famílias para trás em busca de melhores condições. Muitos trabalhavam sem cessar, porém, nunca conseguiam pagar o que estavam devendo, porque para sobreviver, tinham que contrair novas dívidas, ficando sempre nas mãos dos patrões. A insólita realidade era dura para esses os soldados da borracha, culminando na morte de muitos.

A cidade foi crescendo desordenadamente, sem planejamento, sem estruturas básicas de saneamento e em condições insalubres para sobrevivência humana. Com isso aumentou a criminalidade, sendo vista como consequência da:

[...] Afluência de aventureiros e do pessoal que desce dos seringais, por ser a época da safra, o que quer dizer época do dinheiro, vindo uns à procura de recuperar pelas distrações o tempo que passou no isolamento do interior do Estado, outros a procura de trabalho e finalmente alguns que veem exercer as suas habilidades e o aumento do convívio, as disfunções e a práticas do delito. (Pinheiro 2003, p. 42)

Em outras palavras, foi em função do contexto de expansão da economia gomífera que desde cedo se fez necessário dotar a cidade de uma infraestrutura adaptada às necessidades dessa nova configuração assumida por Manaus, uma vez que recebia influência europeia. Paris dos Trópicos, foi o nome recebido na gestão de Eduardo Ribeiro que transformou Manaus de uma vila em cidade em poucos anos. Durante sua gestão foi criado o primeiro plano diretor urbano de Manaus, além da implantação do primeiro sistema de água e esgoto, sistema de telégrafo, bondes e iluminação elétrica, além do Teatro Amazonas, Palácio do governo, Palácio da Justiça e o Porto Flutuante todo construído em ferro importado da Inglaterra, durante sua gestão também houve uma austera política de aumento da cobrança e bem como da arrecadação de impostos.

No século XX, os britânicos maiores compradores da borracha produzida em nosso estado, passaram a traficar milhares de mudas de seringueiras, para suas colônias na Malásia, uma região tropical com um clima muito semelhante ao da região amazônica, as mudas traficadas passaram a crescer lá, em menos tempo, e plantadas em série, coisa que era impossível de se fazer aqui. Os preços da borracha só aumentavam na Amazônia e os ingleses por sua vez, alavancaram suas vendas com preços mais baixos. Em 1913 foi marcado pelo início da exportação da borracha produzida na Malásia e o início da crise econômica da economia gomífera na Amazônia. Conforme afirma Daou (2000, p.83).

O rápido declínio fez desmoronar não apenas um ciclo econômico, mas uma sociedade inteira. Sem atenção do governo federal para a crise, e sem haver como competir com o látex malasiano os velhos e rudimentares seringais da Amazônia quebraram, e depois de décadas de absoluta ostentação, não havia nada que os governos locais pudessem fazer, ao longo de décadas os centros econômicos da região investiram muito mais em embelezamento das cidades ao invés de indústrias ou outras atividades econômicas, era tarde demais, a Amazônia estava quebrada, e permaneceria em um estado de abandono pelas seis décadas seguintes (Daou, 2000, p. 83).

Em 1967, tivemos uma outra grande proposta para alavancar a economia do nosso estado, desta vez a indústria ganha projeção como um modelo de desenvolvimento econômico implantado pelo governo com o objetivo de viabilizar uma base econômica na região amazônica, contribuindo para a promoção e integração produtiva e social da região norte do Brasil. O polo industrial de Manaus abriga cerca de 600 indústrias atualmente e é administrada pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA).

Com a promessa de tornar a região norte atrativa, contemplaram a Amazônia Ocidental, os seguintes estados: Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, através do Decreto Lei nº 356/1968, além das Cidades de Macapá e Santana, no Estado do Amapá através da Lei nº 8.387/1991.

Figura – 2 Estados contemplados com polo industrial, comercial e agropecuário da Amazônia Ocidental



Fonte: <https://www.gov.br/suframa/pt-br/assuntos/zfmabrangencia.jpg/view>

O projeto foi criado para estabelecer três frentes de trabalhos (polo industrial, comercial e agropecuário) que pudessem fortalecer a economia dos estados escolhidos para implantação deste projeto. Entre os atrativos estavam incentivos fiscais perdurarem por 30 anos. A proposta da Zona Franca de Manaus, ao reunir diversas grandes empresas, passa pela movimentação de faturamentos bilionários e gera mais de meio milhão de empregos diretos e indiretos. E com expansão e a solidificação das indústrias em Manaus, o êxodo rural surge como como esperança de melhoramento de vida para população interiorana. Os movimentos migratórios acontecem em várias partes do mundo e isso se dá por vários fatores, como por exemplo: situações de guerra, pobreza, busca por trabalho para melhorar as condições de vida.

2.1.2 A zona Franca de Manaus: realidade, organização e perspectivas.

A partir de 1930, os Estados Unidos criam o modelo conhecido como Foreign Trade Zones, com o objetivo de promover uma industrialização voltada à exportação, incentivada com isenções fiscais, na busca por novos mercados aos produtos acabados. Com a ampliação da influência das empresas multinacionais no sistema econômico internacional, as zonas francas tornaram-se opções viáveis de instalação de suas filiais em vários países, ao mesmo tempo em que inspiraram outros a adotarem o modelo com pequenas alterações.

Depois dos Estados Unidos e da China o Brasil, o nosso país foi o primeiro a criar um modelo de zona franca, no entanto, o modelo criado foi diferente, pois visava atender somente o mercado interno. Foi adotada como política pública da União para a Amazônia Ocidental no contexto da política da Industrialização de Substituição de Importações (ISI), adotada no País a partir da década de 1950 e, ainda, como diretriz da política externa que preconizava a defesa da Amazônia contra eventual intervenção internacional. O modelo logo transformou-se em estratégia de ocupação da região no âmbito da política estatal sob o mote de “integrar para não entregar”, da Operação Amazônia (J.Seráfico e M.Seráfico, 2005, p. 42).

Foi também uma resposta à região, até então alijada de todo e qualquer projeto de desenvolvimento regional. Baseado na indústria incentivada pelas isenções fiscais, o modelo de desenvolvimento, concentrado na capital do Amazonas, passa por um momento de projeção de cenários para sobreviver às mudanças no mercado internacional, valendo-se da excepcionalidade de isenções para também desenvolver produtos com matérias-primas da biodiversidade.

Cabe salientar, ainda, a excepcionalidade da localização da ZFM que está em área continental sem ligação por estradas, cujas linhas de transportes ocorrem pelas vias aérea e fluvial, o que eleva, além dos custos, o nível das críticas sobre a capacidade do modelo de tornar-se um polo realmente exportador. Dados dos indicadores da Suframa mostram que, de 1988 a 2010, as exportações para o exterior (e não para o mercado interno) cresceram de US\$ 59,6 milhões, em 1988, para US\$ 1 bilhão, em 2010. Ocorre que, na balança comercial, o déficit também aumentou no período, atingindo US\$ 9,1 bilhões, em 2010, ante os US\$ 400 milhões negativos de 1988.

Outra característica de proteção ao modelo amazônico encontra-se no plano político. Como política pública implantada pela União na Amazônia Ocidental, além dos benefícios fiscais previstos no Decreto-Lei 288/67 e demais leis posteriores, a ZFM foi inserida nos artigos das Disposições Transitórias da Constituição Federal de 1988, que a validou por 25 anos, prazo

que tem sido prorrogado constantemente e cuja mais recente prorrogação, ocorrida em 2014¹³, deu sobrevida ao modelo até 2073¹⁴. Essa proteção constitucional é alvo de críticas de outros setores industriais sediados fora da Amazônia e motivo de disputa e barganha política a cada período quando se aproxima o prazo de expiração do modelo.

Instalada às margens do Rio Negro, tributário que forma o Rio Amazonas, a Zona Franca de Manaus concede incentivos fiscais regidos por leis federais e do Estado do Amazonas. O Polo Industrial de Manaus (PIM) foi instalado numa área dotada de infraestrutura, na capital, onde atualmente está em operação cerca de 600 empresas, com destaque para os polos eletroeletrônico, duas rodas, farmacêutico, termoplástico e químico.

A principal exigência do governo federal às empresas é a apresentação do Processo Produtivo Básico (PPB) para cada produto, que consiste em um “conjunto mínimo de operações, no estabelecimento fabril, que caracteriza a efetiva industrialização de determinado produto”. Cabe aos ministérios de Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) e da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), em conjunto com a Suframa, publicarem as portarias interministeriais com as regras para os PPBs, suas análises e aprovação ou indeferimento.

Os seguintes incentivos fiscais são concedidos na Zona Franca de Manaus:

Suframa:

- Imposto de Importação (II): Redução de 88% sobre os insumos destinados à industrialização ou proporcional ao valor agregado nacional quando se tratar de bens de informática;
- Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI): isento
- Programa de Integração Social (PIS) e Contribuição para Financiamento da Seguridade Social (COFINS): alíquota zero nas entradas e nas vendas internas inter-indústrias e de 3,65% nas vendas de produtos acabados para o resto do país.

Sudam:

- Imposto sobre a Renda (IR): Redução de 75% do Imposto sobre a Renda e adicionais não restituíveis, exclusivamente para reinvestimentos. Comum para toda a Amazônia.
- Pelo Governo do Estado do Amazonas:
- Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS): crédito estímulo entre 55% a 100%. Em todos os casos as empresas são obrigadas a contribuir para fundos de financiamento ao ensino superior, turismo, P&D e às pequenas e microempresas.

Aprovada oficialmente pelo Decreto 288- 28/02/1967, foi apontada pelo governo federal

como alternativa de integração econômica regional, dada a desigualdade em nível de desenvolvimento entre as regiões Norte e Sudeste, por exemplo, principalmente após o declínio do comércio da borracha, entre meados do século XIX e início do século XX. A Constituição Federal de 1988 incluiu os incentivos fiscais nos artigos das Disposições Transitórias, condição que oferece segurança jurídica ao modelo e cujas prorrogações garantiram sobrevida até 2073.

Evidenciamos os dois 8 decretos que implicaram em mudanças expressivas, como o estabelecimento de quotas de importação para o comércio e indústria, a obrigação de índices mínimos de nacionalização dos produtos industrializados e a redução do Imposto de Importação na razão direta do índice de nacionalização. Também dividiram o modelo em três: Zona Franca Comercial de Manaus (nos moldes iniciais de importação); Zona de Processamento Industrial e Substituição de Importações de Manaus (o distrito industrial); e Zona Franca de São Paulo (onde eram produzidos os componentes com incentivos fiscais também).

2.2 Pontos de inquéritos

A seleção dos Pontos de inquéritos ocorreu a partir das características levantadas em cada local, considerando os parâmetros dos estudos dialetais realizados no Estado do Amazonas, tais como do Araújo (2019) e do projeto ALIB (2009).

Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 24), para escolher o local onde ocorrerá a investigação da variação dialetal, é necessário levar em consideração o campo linguístico, histórico, geográfico e social, por que através deste conhecimento será possível identificar os processos de mudanças pelos quais passou e vem passando a localidade.

Em resumo, os estudos devem permitir traçar, a história da região, a partir da análise de trabalhos específicos, voltados não só para história, mas também para a geografia, a economia e a sociologia. Esse conhecimento mais generalizado e amplo permite ao investigador ter sob controle aspectos extralinguísticos que funcionam como instrumentos subsidiários à análise e a conclusões de ordem linguística.

É importante mensurar os estudos linguísticos voltados para área de atuação, de natureza similar e também voltados para área em diferentes regiões. Este conhecimento permitirá ao pesquisador um maior conhecimento da problemática, as dificuldades enfrentadas por outros pesquisadores e uma das coisas que são de fundamental importância: os instrumentos que foram utilizados para coletar os dados dos fenômenos investigados e como foi realizada a análise para obtenção dos resultados.

Escolhemos duas zonas para realização da nossa pesquisa, dada suas diferenças sociais e culturais, a saber: Oeste, compostas pelos bairros (Glória, Santo Antônio, Compensa) e Zona Norte (Novo Aleixo, Nova Cidade, Monte das Oliveiras). Avaliando as prerrogativas para os estudos dialetais, levamos em consideração a situação geográfica, a situação econômica, área demográfica (quando for o caso).

A escolha foi realizada propositalmente, onde optamos por três bairros antigos (entre 43 a 107 anos de existência) e próximos a zona central. Vericamos que há um fluxo intenso de pessoas que transitam por este lugar e também acontece que geralmente quando pessoas que vem de outro estado ou país optam sempre por habitar esses locais: 1) primeiro: por não conhecer a cidade; 2) pela economia: uma vez que estão localizados próximos da área comercial da cidade. E claro, dentro destas transformações, ocorre à mudança linguística. A outra zona foi a Norte, onde elegemos três bairros considerados relativamente novos (entre 20 a 25 anos existência), são eles: |bairro Novo Aleixo, Monte das Oliveiras e Nova Cidade. Esses bairros, estão localizados longe do centro comercial da capital amazonense, além da maioria das pessoas que residem nestes locais vinheram do interior do estado em busca de melhores condições de vida. Então, nós temos duas populações: I) as que vinheram de outros estados/países; II) as que vinheram do interior. Ambas com objetivo comum: “melhorar suas condições de vida”.

Conforme Ferreira e Cardoso (1994, p. 25), em qualquer situação, é importante dispor de um estudo socioeconômico minucioso e geográfico- histórico da área para que se possa eminentemente justificar e definir a opção, tendo em vista: a história da área, a começar da sua fundação e das diferentes etapas que caracterizam o seu desenvolvimento;

b) o grau de isolamento da área, nada obstante reconhecer-se que, no mundo moderno, o isolamento é sempre relativo e parcial, em face do aperfeiçoamento do sistema viário, principalmente entre nós o rodoviário, da ação dos meios de comunicação, sobretudo do rádio e da televisão, e da própria facilidade com que se deslocam habitantes de uma região para outra; a antiguidade da região, que definirá a que estágio do processo de povoamento do território brasileiro se prende; a natureza do desenvolvimento econômico que fornecerá a posição da localidade na região, conceituando-a como mais destacadamente difusora ou receptora das mudanças, embora se saiba que toda área é, em parte, centro de produção e de recepção de transformação; o estabelecimento de uma rede a ser inquirida na qual se verifique a intensidade de pontos condizentes com a densidade demográfica da área, refletindo a equidistância entre eles, de modo a vir a recobrir harmonicamente toda a região pretendida. A maioria dos estudos que conhecemos é voltada para área rural e interiorana, e a região metropolitana foi por muito

tempo excluído destas pesquisas, motivo pelo qual, realizaremos nossa pesquisa na área urbana de Manaus. As condições demográficas mostram a necessidade do desenvolvimento de estudos na capital, devido ao fluxo de pessoas que transitam pela Capital do estado, além de ser parada obrigatória para outros municípios. E esse contato com a população local implica em mudanças não só linguística, mas, econômica, política e cultural. Outro fator que citamos é o próprio processo migratório que ocorre da população rural para as grandes capitais, deixando muito claro o esvaziamento das áreas rurais e o superpovoamento das áreas urbanas.

A proposta desta pesquisa é realizar uma descrição minuciosa dos pontos de inquéritos escolhidos para obtenção dos dados que irão compor as cartas morfofonológicas deste estudo. Foram colocadas também algumas figuras, objetivando mostrar as transformações que ocorreram nas áreas citadas. Além de descrever a história de cada lugar, que vai ajudar na compreensão da análise dos dados e das escolhas que fizemos para consubstanciar nosso trabalho, conforme veremos a seguir:

Na figura abaixo, podemos verificar a base dos resultados percentuais obtidos entre 1940 a 1980, onde podemos observar o declínio por decênio de 17, 65% para população rural, enquanto a população urbana cresce para 71,13% (Ferreira e Cardoso, 1994, p. 28).

Figura 3 - Distribuição populacional por área.

Anos	Distribuição da População	
	Área rural (%)	Área urbana (%)
1940	68,76	31,24
1950	63,84	36,16
1960	54,92	45,08
1970	44,08	55,92
1980	32,43	67,57

Fonte: Ferreira e Cardoso (1994, p.27)

A constituição da rede de pontos se completará, pois, com a inclusão de grandes centros urbanos, o que vem permitir, com base na geolinguística, o estabelecimento de paralelos e a análise comparativa de mais amplitude.

A constituição de zonas em uma cidade é um elemento fundamental para o planejamento urbano e a organização do espaço. Esse processo envolve a delimitação de áreas específicas para diferentes usos, como residencial, comercial, industrial e recreativo. A zonificação visa promover um desenvolvimento ordenado e sustentável, garantindo que as diversas atividades

urbanas coexistam de maneira harmoniosa.

Uma das principais funções da zonificação é evitar conflitos entre usos incompatíveis. Por exemplo, áreas residenciais são geralmente separadas das zonas industriais para minimizar o impacto de ruídos e poluição na qualidade de vida dos moradores. Além disso, a criação de zonas comerciais em locais estratégicos pode estimular a economia local, facilitando o acesso a serviços e produtos. (Ferraz, 2005, p.42)

Outro aspecto importante é a preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico. Zonas verdes são frequentemente designadas para parques e áreas de lazer, contribuindo para a saúde física e mental da população. Já as zonas históricas podem ser protegidas por regulamentações que preservem a arquitetura e a cultura local. A constituição de zonas também deve levar em consideração a mobilidade urbana, permitindo que as pessoas se desloquem com facilidade entre diferentes áreas da cidade. Isso pode incluir a criação de ciclovias, calçadas acessíveis e transporte público eficiente.

Por fim, a participação da comunidade no processo de zonificação é essencial. Consultas públicas e debates ajudam a garantir que as necessidades e desejos dos moradores sejam considerados, promovendo um planejamento urbano mais inclusivo e representativo.

Em suma, a constituição de zonas em uma cidade é uma ferramenta crucial para o desenvolvimento urbano equilibrado, que busca atender às necessidades sociais, econômicas e ambientais da população. A contexto histórico de cada bairro escolhido nas respectivas zonas para composição desta pesquisa. Iniciaremos esta etapa abordando sobre a zona oeste e os três bairros eleitos para realização da coleta de dados. A zona Oeste, é uma das seis regiões em que se divide a área urbana do município, ocupa uma área de 128,29 km², sendo a segunda mais extensa entre as regiões da cidade de Manaus, de acordo com o censo demográfico realizado pelo Instituto de Geografia e Estatística, Cardoso (2010).

2.2.1 Zona Oeste de Manaus.

Mapa 1 – Mapa da Zona Oeste de Manaus



Fonte: Implurb, (2008, P. 133)

Nesta região, encontram-se o Estádio Ismael Benigno (Colina), no São Raimundo; as sedes da Prefeitura de Manaus e do Governo do Estado do Amazonas, na Compensa; a Câmara Municipal de Manaus no Santo Antônio; o Parque Rio Negro, no São Raimundo; o Zoológico do CIGS, no São Jorge, entre outros. A Zona Oeste é a região mais próxima da Ponte Rio Negro, que liga Manaus à Iranduba na Região Metropolitana. Escolhemos três bairros desta zona para compor o corpus de nossa pesquisa, a saber:

2.2.1.1 Bairro da Compensa

Este bairro surgiu na década de 60, a partir de uma invasão de famílias removidas da Cidade Flutuante, cuja área pertencia da família Borel. A história do bairro da Compensa se mistura com a história de Maria do Nascimento Galvão Borel, hoje com 93 anos, mais conhecida por Viúva Borel, nascida na comunidade de Janauacá (interior do estado do Amazonas), a 150 km da capital, chegou com 13 anos em Manaus e, aos 19, casou-se com o comerciante pernambucano Oscar Martinez Borel, com quem teve dez filhos. Oscar comprou

o terreno nas proximidades do bombeamento de águas da cidade de uns alemães que saíram da cidade após a Segunda Guerra, onde o casal foi morar até em 1968, quando ele morreu, dona Maria ficou com os dez filhos, todos pequenos.

Figura 4: Obras do Prosamin na revitalização do igarapé do Franco



Fonte: Implurb, (2008 p. 112)

O terreno media aproximadamente 240 metros de frente, contornando as margens do Rio Negro, por 1.300 metros de fundo, com final onde hoje é a rua Prosperidade, local onde a Viúva Borel tem uma pequena casa, em um terreno com cerca de seis metros de frente, por trinta de fundos. Um ano após a morte de seu esposo, portanto em 1969, a viúva Borel viu o começo da invasão de suas terras e nada pôde fazer para conte-la. “Ou eu cuidava dos meus filhos ou cuidava da invasão”, diz a mulher que foi dona de toda a região onde hoje se estende o bairro.

Com o acelerado processo de urbanização da cidade de Manaus, nos anos 60, o grande êxodo rural impulsionou a ocupação desordenada. Na expectativa do anunciado milagre econômico e sem casa, muitas famílias se fixaram na orla do Rio Negro, formando a Cidade Flutuante. Essas famílias foram retiradas da área a partir de 1964, pelo governador Arthur Cezar Ferreira Reis, que ofereceu terras na outra margem do rio para que morassem, mas essas pessoas vieram de longe para tentar “vida melhor” na capital e não aceitaram a proposição. O governo também entregou algumas casas, porém não abraçava nem 1/3 das pessoas. Elas então se dirigiram para as localidades mais próximas à orla do rio, como os bairros de Educandos, São Raimundo, Raiz, Petrópolis, mas principalmente para o terreno pertencente à família Borel.

O bairro foi batizado primeiro como Vila de Sapé, porque as casinhas eram cobertas de palhas, depois passou a ser chamado de Cidade das Palhas, porque a ocupação já havia crescido bastante, e por último o atual nome de Compensa, referência a uma antiga serraria que produzia lâminas de compensado. Atualmente o bairro da Compensa abriga um dos empreendimentos mais visitados na cidade de Manaus.

Figura 5 – Avenida Brasil no bairro da Compensa



Fonte: Implurb, (2008, p. 135)

A Compensa abriga hoje o poder político do Amazonas, ao concentrar a sede Prefeitura Municipal de Manaus e a do Governo do Estado, ambas transferidas do Centro da cidade para o bairro, que conta ainda com Pronto Atendimento ao Cidadão (PAC), onde são oferecidos serviços dos correios, agência bancária, Detran e várias outras instituições. Não tem um lugar específico para o comércio, apesar de possuir no entroncamento da avenida Brasil e entrada na rua São Pedro um mini shoppings e a Feira Modelo da Compensa, sua área comercial está espalhada por todo o bairro. Em relação à oferta comercial, os moradores não têm o que reclamar, pois é possível encontrar na Compensa de açougue a consultório dentário. A Avenida Brasil funciona como a principal artéria de comércio, onde são mais frequentes lojas de materiais de construção, dentre outras, onde fica também o Conjunto Rio Xingu I e II. Na área da saúde, o bairro conta com o Centro de Atendimento e Integração da Criança (Caic) e com o Pronto Socorro da Criança da Zona Oeste. Ao lado do pronto-socorro, existe o Centro de Atendimento Integral à Melhor Idade (CAIMI). Do outro lado da avenida Brasil foi inaugurada a maternidade Moura Tapajós em 2005. Na mesma avenida, funciona o 8º Distrito Policial.

No setor de lazer e entretenimento o bairro tem campos futebol, o Centro Desportivo da Compensa, casas de shows, centro social urbano Maria Fernandes, além de várias escolas estaduais e municipais. Esta região apresenta dentre os principais problemas, a falta de uma política social que iniba a prostituição infantil, o tráfico de entorpecentes e uso indiscriminado de drogas, torna-se urgente, além do baixo nível de escolaridade, o que faz com que a comunidade não reivindique melhorias.

No campo da religiosidade, o bairro tem 13 igrejas católicas, ficando sob-responsabilidade dos Jesuítas, que realizam trabalhos sociais nas pastorais, além de vários templos evangélicos: Deus é Amor, Batistas, Universal do Reino de Deus, Assembleia de Deus, entre outros. O bairro da compensa do século XXI ainda vive o estigma de violência, tráfico, criminalidade e, mesmo com as edificações importantes e o incremento comercial do bairro, a parte social deixa muito a desejar, pois ainda existem famílias vivendo em condições desumanas nos rip raps, que são palafitas sob o igarapé poluído do Franco. O igarapé que corta a Avenida Brasil, já foi utilizado por lavadeiras nas décadas de 60 e 70 e serviu também para o lazer de moradores da Compensa e de outros bairros. Porém, hoje, o igarapé é um córrego poluído, mas recebe as obras do Prosamin, que está retirando as moradias construídas em seu leito e promete revitalizar este importante afluente do rio Negro.

Inicia no entroncamento da Avenida dos Expedicionários c/a Estrada da Compensa; segue por esta até a rua Pe. Agostinho Cabalero Martin, segue por esta até encontrar a rua São José; daí por uma linha reta no sentido norte/sul até o Rio Negro; segue pela margem esquerda deste até encontrar o limite oeste do terreno do Estaleiro São João, segue por este até a Estrada do Bombeamento, segue por esta até a Av. Rio Negro, segue por esta até a rua 08, segue por esta até a Estrada da Estanave, segue por esta até a Av. Brasil, segue por esta até a Av. dos Expedicionários, segue por esta até a Estrada da Compensa.

A população geral é de 75.525, sendo homens 37.175, acima de 16 anos 21.913, acima de 60 anos 1.606 e mulheres 38.350, acima de 16 anos 22.683, acima de 60 anos 1.808.

2.2.1.2 Bairro da Glória

Em meados do século XX, o bairro da Glória, ficou conhecido na época apenas por Matadouro, pois em 1912, foi instalado no local o matadouro municipal dando, portanto, o primeiro nome à comunidade. A área, como ainda não era habitada, serviu para habitação dos operários destas indústrias, que passaram a morar próximo ao emprego. A partir de 1953, com

a chegada dos interioranos fugidos da grande enchente, o bairro começa a crescer, então, os padres que serviam na paróquia de São Raimundo iniciaram a assistência aos desabrigados onde envolveram toda a comunidade para ajudar os novos integrantes.

Outro marco importante, foi a construção da igreja, pois os moradores em forma de mutirão, ergueram a igreja de Nossa Senhora da Glória e, em homenagem à santa, o bairro passou a se chamar Glória.

Figura 6 - Igreja de Nossa Senhora da Glória



Fonte: Implurb, (2008, P. 142)

O bairro, por ser próximo ao Centro, teve logo suas ruas principais asfaltadas e água encanada. Nas décadas de 80 e 90, com o advento da Zona Franca de Manaus, o bairro, como muitos outros, sofreu transformações urbanas, como por exemplo, a construção do Mercado da Glória, da Quadra poliesportiva e urbanização da praça, que é muito conhecida pelos festejos do dia da Santa, como também por festas com apresentações de danças típicas, nacionais e internacionais, sendo muito frequentada pelos moradores dos bairros vizinhos.

No dia 15 de agosto deste ano a Glória completará seus 64 anos de registro como bairro, porque já era habitado por alguns moradores bem antes.

Por muitos anos foi temido por conta da onda de violência que dominava o local e por jovens entrando no mundo das drogas. Mesmo o bairro não possuindo uma associação de moradores representativa, a igreja vem desenvolvendo trabalhos nas pastorais, com o auxílio das principais lideranças e já conseguiu reduzir o índice de criminalidade e de juventude nas drogas, dando um pontapé inicial para uma fase de desenvolvimento humano na comunidade.

Embora muitas mudanças tenham sido feitas, o sistema de transporte e a questão do saneamento básico ainda são precários, pois o bairro não possui um sistema de esgoto adequado.

O bairro conta também com o mercado municipal, que fica ao lado do tradicional campo do Sul América, com boxes de venda de pescado e mercadorias de consumo. O lugar onde antes funcionava o matadouro, hoje cedeu lugar para as instalações da Fundação Nacional de Saúde (FVS).

Figura 7 – Mercado Municipal



Fonte: Implurb, (2008, P. 148)

A quadra de esporte foi construída na praça, que possui ainda uma área coberta abrigando lanchonetes e uma banca de revista. Na rua principal, Lourival Muniz, também tem um complexo de lanchonetes, um posto de gasolina, várias lojas, drogarias, escolas de ensino infantil, cartório e o Posto de Saúde Deodato de Miranda Leão. O bairro também conta com as escolas estaduais Joana Rodrigues Vieira, para deficientes visuais, Antônio Bittencourt, na rua Presidente Dutra, e com a escola Nossa Senhora da Glória, na Lourival Muniz.

A Associação dos Amigos de Soropositivos foi transformado em Pastoral de DST/ Aids em 2002, quando surgiu o Centro de Convivência Dom Jackson, em homenagem ao ex-arcebispo de Manaus Dom Jackson Damasceno. A irmã Anália Maria de Paula trabalha há três anos com a Pastoral da DST/Aids e se empenha em coordenar o Centro de Convivência e em organizar as atividades, juntamente com a irmã Maria Cecília. A irmã Anália explica que não é um centro para tratamento, mas de convivência com pessoas que tenham o mesmo problema e assim encontrar força e alento. Ela também explica que o centro não é muito conhecido e que faz distribuição mensal de cestas básicas para os frequentadores.

Em 2002 foi criado o Centro de Convivência que atualmente atende 160 pessoas portadoras de HIV tanto de Manaus quanto do interior, sendo que só 80 delas participam

efetivamente de todas as atividades, como encontros, palestras, orações, reflexões, terapia grupal e lanches que acontecem semanalmente na casa localizada na rua da Glória, próximo à Igreja Nossa Senhora da Glória, aonde funciona também a sede da Pastoral da Aids da Região Norte. Segundo a irmã, além desse trabalho, a Pastoral se preocupa também com ações educativas e de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

2.2.1.3 Bairro do Santo Antônio

O bairro do Santo Antônio, abençoado pelo santo casamenteiro tem uma história diferente da maioria dos bairros da cidade, tendo surgido de loteamento e não de invasão. Receberam antes do atual nome, mais dois nomes, Uirapiranga e Morro do Bode. Possui como bairros adjacentes os bairros da Glória, Compensa e São Raimundo, e pela sua proximidade do Centro, não demorou a sentir os impactos das transformações em Manaus.

Delimitação:

Começa no entroncamento da Av. Presidente Dutra c/a rua São José; desta até a Estrada Pe. Agostinho Cabalero Martin; desta até a Estrada da Compensa; segue por esta até a Av. Brasil; segue por esta até o Igarapé de São Raimundo seguindo por este até a Av. Presidente Dutra; desta até a rua São José.

A população geral é de 19.301, sendo homens 9.528, acima de 16 anos 5.811 e acima de 60 anos 744. Já a população as mulheres somam-se 8.991, acima de 16 anos 6.383, acima de 60 anos 556. A história do bairro começa a partir da década de 1950, quando a sua área foi loteada e vendida por Joaquim Geraldo de Araújo, o famoso empresário amazonense mais conhecido por J.G. De Araújo, e por Isaac Benzecry. O terreno que ficava à direita da atual rua São José era de posses de J.G. e o do outro lado, era de Issac Benzecry, que pretendiam plantar seringueiras nesse local, porém o apogeu da borracha já entrara em declínio, então lotearam as terras e as venderam.

Na época, muitos ribeirinhos vieram para a cidade em busca de melhores condições de vida e, com a falta de planejamento urbano, ficaram às margens do rio Negro, formando um amontoado de casas sobre balsas que flutuavam no rio, a “Cidade Flutuante”. Depois, estas famílias foram retiradas das margens do rio e migraram para os bairros do Educandos, Compensa, Raiz, Petrópolis e algum para o Santo Antônio, na época denominado loteamento Uirapiranga, que em tupi-guarani significa terra do pássaro vermelho.

Ainda na década de 1950, o senhor Augusto Firmo de Souza, que era uma espécie de

líder comunitário, conversando com o então prefeito Paulo Pinto Nery, conseguiu trocar a iluminação do bairro, que antes era de candeeiro, para iluminação elétrica. Assim, o Santo Antônio passa a ser um dos primeiros bairros a ter luz elétrica, principalmente por estar próximo ao Centro da cidade, local onde primeiro se recebeu os resultados do avanço urbano.

O loteamento Uirapiranga logo mudou de nome, pois o bairro passou a ser conhecido por Morro do Bode, tudo porque um dos moradores, seu Sabino, criava bovinos e caprinos em áreas de declive, próximas à ponte Presidente Dutra, mais conhecida como ponte do São Raimundo, inaugurada em 1950. Os demais moradores do loteamento não gostaram do apelido inusitado, dados por habitantes de bairros vizinhos, como Glória e São Raimundo, e incomodados com o apelido resolveram, no dia 13 de junho de 1950, fazer uma reunião com o padre Francisco, na casa do seu Zuza, para decidir que o bairro iria ter o nome de Santo Antônio, uma vez que a dita reunião foi feita justamente no dia do santo. Sendo assim, o nome foi levado ao poder público para se tornar oficial, evitando assim, as chacotas.

Há muito tempo, os moradores dividiram o bairro em duas etapas, dando nome a cada uma delas de acordo com suas características: o Santo Antônio Manda Brasa era a parte do bairro próxima da antiga casa de show “Manda Brasa”; o Santo Antônio Igreja é a área próxima a igreja e Santo Antônio Areal, era em um local com muita areia.

A primeira construção social da comunidade foi uma pequena capela de palha, chamada de Santo Antônio, que hoje é a paróquia, depois foi inaugurada a escola estadual Lauro Bittencourt e, próximo a ela, foi instalada uma delegacia de polícia, uma associação de pais e mestres, exatamente aonde hoje é a escola estadual Liberalina Well. A partir de então muitas outras construções foram realizadas.

Nesses mais de 56 anos de história, o bairro desenvolveu um comércio diversificado, sem, contudo, ter uma rua específica que concentre as atividades comerciais, que estão espalhadas por todo o bairro. Mas tem a sua rua principal, a São José, como ponto de referência, com lojas de materiais de construção, padarias, farmácias, uma gráfica, distribuidoras de bebidas, escola infantil, bares, mercadinhos, lanches, etc. Uma construção que marca o aspecto físico do bairro é a Feira do Produtor do Santo Antônio, localizada na rua principal e inaugurada em 1997, quando a feira que se situava no estádio Vivaldo Lima foi retirada de lá, em 1996, transferindo e muitos feirantes migraram para o santo Antônio.

Figura 8 - Feira do bairro Santo Antônio



Fonte: IMPLURB, (2008, P. 44)

Outro ponto importante é a mini vila olímpica, essa mais recente, de 2004, cujo nome é Centro de Esporte e Lazer do Santo Antônio Jair Sampaio, em homenagem a um velocista do bairro, que correu na São Silvestre. O 5º Distrito Policial é um importante avanço para o bairro, como também a Câmara Municipal de Manaus, cuja sede foi construída ao lado da feira.

O bairro conta com a política assistencialista, que ao longo de dez anos vem aplicando dinheiro do povo para o próprio povo. Hoje o bairro tem o “shopping comunitário”, onde funciona centro de eventos comunitários, presta serviços funerários (velódromo) e fornecimento de água. Existe também o SOS Comunidade, que presta socorro com ambulâncias para locomover pessoas do bairro e de bairros adjacentes.

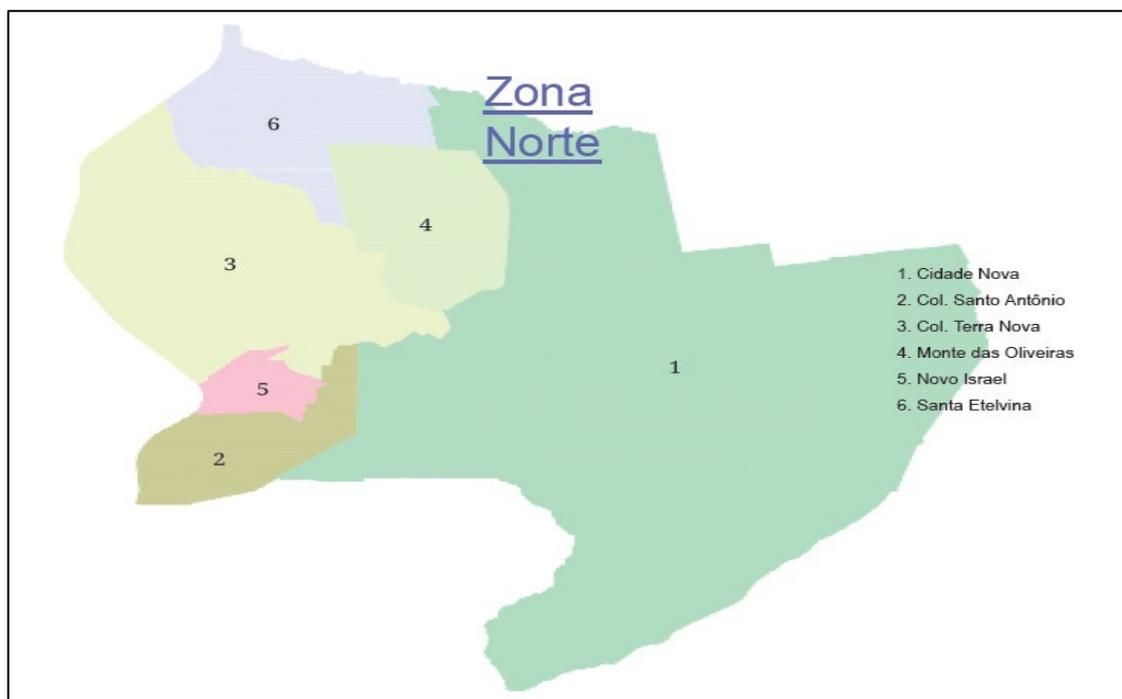
2.2.2 Zona Norte de Manaus

A escolha dos bairros pertencentes da zona norte se justifica por ser uma região administrativa estabelecida pela prefeitura de Manaus que engloba 10 bairros. Forma com a Zona Leste a macro-zona conhecida como "zona de expansão". De acordo com estimativas de 2019 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população era de 606 924 e a renda média por habitante era de R\$ 891,40 no ano de 2010

É a região mais populosa da cidade a que mais cresceu na última década em termos populacionais, abrigando diversos conjuntos residenciais populares, sendo o mais recente, o Conjunto Viver Melhor. Ocupa a terceira maior área do município de Manaus, no total de 98,76 km² do município. Existem bairros bastante valorizados como a Cidade Nova e Nova Cidade, bairros com comércio popular muito movimentado como o Santa Etelvina, bairros estritamente

residenciais e bairros com população de baixa renda como o Monte das Oliveiras, Nova Cidade, Colônia Santo Antônio, Lago Azul, Novo Aleixo, Novo Israel e a Colônia Terra Nova.

Mapa 2 - Zona norte de Manaus



Fonte: IMPLURB, (2008, P. 183)

2.2.2.1 Bairro Monte das Oliveiras

A população geral é de 18.108, sendo homens (9.117), acima de 16 anos 4.711 e acima de 60 anos 224. Já a população feminina são mulheres 8.991, acima de 16 anos 4.762, acima de 60 anos 219.

O bairro Monte das Oliveiras, Zona Norte de Manaus, foi fruto das invasões que vinham acontecendo nas regiões próximas como Novo Israel e Colônia Terra Nova, que datam desde 1986. A comunidade recebeu de início o nome de Colônia das Oliveiras, mas o martírio dos moradores foi tanto, causado por sucessivas invasões e desapropriações a base de mandados de reintegração de posse, que optaram por batizar o lugar como Monte das Oliveiras, em alusão ao local onde Jesus anteviu sua crucificação e depois foi preso pelos romanos.

A ocupação do bairro foi realizada por pessoas que queriam um espaço para morar. Foi à determinação dos moradores que garantiu a posse dos terrenos ocupados, uma vez que ocorreram muitas tentativas de despejos com auxílio de tropas da Polícia Militar, em

cumprimento de mandados judiciais. Sob a liderança da irmã Helena Walcott, missionária que organizou e ajudou a implantar grande parte dos bairros de Manaus originados de ocupações, cem famílias ocuparam o local. Eram pessoas que vinham dos bairros das adjacências e que não encontravam terras suficientes para fazer uma casa. Com isso, começaram a ocupação e distribuição dos terrenos a partir de loteamentos, que foram separados para as famílias e distribuídos para a construção de prédios públicos como escolas e delegacias.

Os moradores contam que a maior tensão ocorreu no mês de julho de 1992, ocasião em que mais de mil casas foram derrubadas e queimadas por determinação judicial, atendendo pedidos de reintegração de posse dos supostos proprietários das terras. No entanto, foram às cenas de desespero dos moradores tentando resistir à ordem de despejo, transmitidas pelos meios de comunicação, que resultou no apoio da primeira-dama da época, Maria Emília Mestrinho, e este se mostrou decisivo para a consolidação do bairro. Maria Emília visitou o local, novamente ocupando alguns dias depois, e garantiu o compromisso do então governador Gilberto Mestrinho para a desapropriação das terras e a conseqüentemente doação aos moradores.

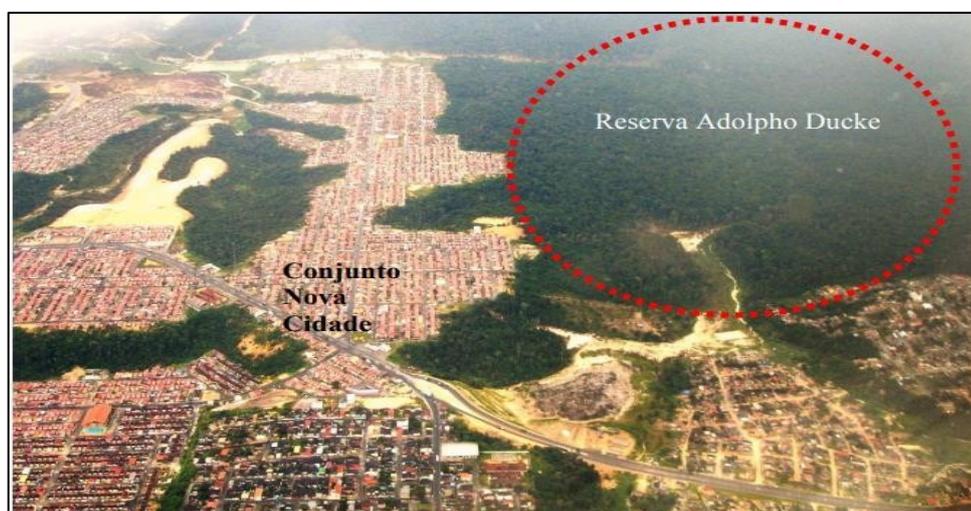
Outra situação apontada foi em relação ao compromisso de ficar nos lotes. Com a promessa de desapropriação das terras, os moradores firmaram o compromisso inédito, em se tratando de loteamento invadido, de que as terras seriam ocupadas por pessoas realmente carentes, evitando assim a prática da indústria das invasões, na qual os moradores vendem os lotes logo após a consolidação da comunidade. Com o bairro enfim consolidado, os moradores iniciam o processo de reordenação das ruas e criam a primeira associação comunitária, definindo a data de fundação do Monte das Oliveiras em 18 de novembro de 1992. A partir dessa data, os moradores resolveram comemorar o aniversário do bairro com um bolo de um metro.

No dia primeiro de janeiro de 1993, o Monte das Oliveiras é oficialmente criado, pelo então governador Gilberto Mestrinho, fazendo a entrega simbólica dos títulos de posse dos terrenos para alguns moradores. Porém, as melhorias para o bairro começaram a chegar somente em 1996, como o asfalto e energia elétrica, que era tão solicitada. "Os moradores daqui tinham energia elétrica à base dos famosos "gatos" (luz elétrica adquirida de maneira irregular), vindos principalmente da Colônia Terra Nova".

A situação atual do bairro, apesar de melhorias, ainda necessita de atenção por parte dos governantes. Existem poucos órgãos para atender à população, sendo que o poder público se faz presente no Monte das Oliveiras através do funcionamento do CAIC (Centro de

O Conjunto habitacional Nova Cidade, está localizado na Zona Norte de Manaus, Surgiu em 1996, por um projeto do governador do Amazonas, para abrigar migrantes vindos do Nordeste, Sul e Sudoeste do Brasil. Foi um bairro bem planejado e dispõe de uma ótima rede de ônibus coletivo, água encana, uma rede comercial bastante diversificada, além de possuir de uma série de construções públicas, como delegacia, postos de saúde, unidade básica de saúde e escolas públicas municipais e estaduais as quais atendem desde as séries iniciais até o ensino médio.

Figura 10- Vista aérea do conjunto habitacional Nova Cidade e da Reserva Adolfo Ducke.



Fonte: Amaral Aguiar (2008)

De acordo com a Superintendência de Habitação do Amazonas - SUHAB (2001), o conjunto habitacional Nova Cidade foi construído pelas construtoras Engeplan, J. Nasser, Baukraft, Capital e Rayol objetivando proporcionar aos futuros moradores uma infraestrutura completa de equipamentos urbanos, tais como, serviços públicos de água, esgoto, energia elétrica e rede de telefonia, assim como também os equipamentos comunitários de educação, cultura, saúde e lazer, não esquecendo também áreas comerciais e áreas verdes. O projeto inicial previa construção de 12 mil casas, mas somente 9,5 mil casas foram construídas e finalizadas. As casas finalizadas foram entregues mediante sorteio apenas para funcionários públicos do Estado que possuíam cadastro na SUHAB. Em 2001 foram entregues 4 mil unidades, em 2002, 2 mil unidades, em 2003, 3 mil unidades (idem). E o terceiro bairro que compõe a base para colhimento de dados da nossa pesquisa é o bairro do Novo Aleixo, segue a baixo.

2.2.2.3 Novo Aleixo

O bairro novo Aleixo, está localizado na zona norte de Manaus, faz fronteira com outros bairros bem conhecidos da cidade, tais como: São José Operário, Coroado, Cidade Nova, Parque 10 de Novembro, Jorge Teixeira, Aleixo, Flores. É considerado um bairro relativamente novo, pois a partir de 1994, Imobiliária Vieiralves, detentora da propriedade das terras e inaugurou o loteamento. Dentro desta área, existe loteamentos como Parque das Garças e Águas Claras. Possui uma ampla área comercial, com rede de supermercados, materiais de construção, farmácias, restaurantes, aliás esse é um dos carros chefes do bairro, pois são muito bem frequentados pela população em geral. Também possui unidade básica e posto de saúde.

Este local é bem centralizado, pois permite acesso tanto para zona leste, quanto para área central da cidade, mais a frente temos a avenida das torres que acessibiliza a travessia da cidade numa linha reta, permitindo chegar a até a BR AM- 010, que dá acesso a vários municípios do estado, como Rio preto da Eva, Silves Itapiranga, Itacoatiara, etc. Todas essas vias têm acesso descomplicado, permitindo uma fácil locomoção pela cidade, sendo um grande benefício para a mobilidade. Não é à toa que esse é considerado um dos melhores bairros em Manaus.

É considerado por muitos uma excelente opção para investimento. Além de ser um dos melhores bairros de Manaus para morar, é o terceiro maior da capital. Em relação ao custo de vida, atende a várias classes sociais, pois no bairro possui muitos condomínios fechados de alto padrão, além dos loteamentos que abriga pessoas de classe média e as áreas mais periféricas que abrigam pessoas com menor poder aquisitivo. Em relação questão da segurança, o bairro não possui nenhuma delegacia, porém as rondas policiais são frequentes.

Figura 11- Asfaltamento do Bairro Novo Aleixo.



Fonte: Implurb, (2008, P. 196)

A Educação na região de Novo Aleixo, não deixa a desejar, temos várias escolas tanto da rede municipal quanto da rede estadual e escolas particulares espalhadas pelo bairro, dentre as principais, destacamos: CEPAC, CEIMA, Centro Integrado Municipal de Educação (CIME) Lucia Melo Ferreira Almeida, Escola Municipal Prof.^a Ruth Costa, Escola Municipal Prof.^a Jarlece da Conceição Zaranza, Recanto da Criança Interativo, Centro Educacional Sarah aniel, etc. Nas áreas vizinhas de Novo Aleixo, também há oportunidades para investir no Ensino Superior. Na região, estão os polos educacionais das universidades e faculdades: Estácio, Unopar, Fametro Unidade Leste e Universidade Nilton Lins. Essa expansão da rede educacional, possibilita aos moradores desta área maior inserção no mercado de trabalho, além de contribuir para diminuição de evasão escolar da nossa cidade, ou seja, quanto mais próxima a escola, mais chance do aluno frequentar a escola assiduamente.

Próximo do bairro existe vários locais para lazer, como: shopping Sumaúma, Shopping Grande Circular e Shopping Leste que contam lojas de moda e beleza, além de praça de alimentação e cinema, parque de diversões, entre outras. Dentro do próprio bairro é possível encontrar um espaço para passear com os amigos, familiares e pets no tempo livre, pois também conta com ambientes ao ar livre e rodeado da natureza. O Parque da Juventude Nascentes das Águas Claras I é um excelente exemplo de lugar para fazer caminhada, piquenique e o parque de golfe que faz parte da colônia japonesa que fica próximo.

2.3 Caracterizações dos informantes

O perfil do informante, de quem se quer apurar dados, convém ser claramente delineado com vistas a estabelecer-se um perfeito controle de variáveis que permitam, com menor margem de desvios, a intercomparação dos dados recolhidos (Ferreira e Cardoso 1994, p. 27). Nesta pesquisa contamos com 36 informantes, de cada bairro sugerido na pesquisa com faixa etária que variam de 18-30 anos, 31-45 anos e 46-60 anos. A escolha dos informantes se depara, entre outras, com questões do tipo: o número ideal a ser inquerido; a identificação – naturalidade, vinculações familiares. Inserção social; características sociais – a idade. Gênero/sexo, a escolaridade. (Cardoso, 2010, p. 91).

Assim, um conjunto de pontos precisa estar sob controle: naturalidade, com precisão do local de nascimento; grau de escolaridade; profissão, domicílios e período de permanência em cada um deles; viagens efetuadas e duração de cada uma delas; naturalidade dos pais e do cônjuge; profissão dos pais e do cônjuge; outras atividades que desempenha; estado civil; número e idade dos filhos. A estes se acrescentam outros que, pela natureza da área, precisem ser mantidos sob controle, com os que passam a exigir regiões marcadas pelo contato linguístico e pela existência de grupos bilíngues. (Ferreira e Cardoso 1994, p. 27)

A seleção de informantes, a depender do objetivo que se vise alcançar com a investigação, pode orientar-se no sentido de definir-se uma rede de informantes com diferenciação sociocultural, mas diatopicamente distribuídos, ou tomar por base informante de diferentes estratos sociais, de faixa etária variada, distribuídos ou não por áreas geográficas distintas. A escolha do procedimento dependerá do fato de pretender-se ou não aliar à diferenciação diatópica outras como as de natureza diastrática ou diafásica.

Assim, interessa à dialetologia o registro dos fatos de uma língua numa dada região, não lhe cabendo, necessariamente, mostrar o percurso da variação que se registra e caminho histórico que tal ou qual fato persegue. Dessa forma, os dados de cunho dialetal devem levar a se poder afirmar se tal fenômeno/fato se documenta na área em observação, sem, no entanto, ter o compromisso de definir sua natureza – variação estável ou mudança de curso -, de quantificar seu uso, fornecendo percentuais de ocorrência, ou de qualificar os fatos segundo o tipo de usuário, levando em conta variáveis sociais – idade, gênero/sexo, escolaridade.

Durante a pesquisa teremos o cuidado de trabalhar os aspectos sociais como eixo horizontal sabendo que estes fatores de fato podem influenciar no modo de falar dos indivíduos. E que apenas um indivíduo já traz, por si só, informação validada, ou seja, podemos afirmar se

existe tal ou qual Realização ou se usa tal ou qual lexia para preencher esse ou aquele conceito. (Cardoso, 2010, p.92). Esse entendimento é que permite à sociolinguística trabalhar com quantidades de informantes estabelecidas sem definição obrigatória de um número rigidamente fixado, porém em nosso trabalho estabelecemos um quantitativo de 36 informantes.

Delineamos o perfil para os informantes que participaram da nossa pesquisa, para estabelecer um perfeito controle de variáveis, para logo a seguir, enunciar um conjunto de pontos a serem considerados nessa escolha, como discorre Ferreira e Cardoso (2010, p. 93):

[...] naturalidade, com precisão do local de nascimento; grau de escolaridade; profissão, domicílios e períodos de permanência em cada um deles; viagens efetuadas e duração de cada uma delas; naturalidade dos pais e cônjuge; profissão dos pais e do cônjuge; outras atividades que desempenha; estado civil; número e idade de filhos. A estes se acrescentam outros que, pela natureza da área, precisem ser mantidos sob controle, como os que passam a exigir regiões marcadas pelo contato linguístico e pela existência de grupos bilíngues.

A seleção dos informantes deve, assim, atender aos objetivos da investigação pretendida que podem voltar-se, prioritariamente, para a identificação da diversidade espacial ou visar à conjugação desse fator a outros, de cunho sociocultural. No momento da seleção as características de fonação, atentando-se para problemas fonoarticulatórios (por exemplo, gagueira), não integridade do aparelho fonador (ausência de dentes) e o tipo reflexo que acarreta na sua elocução para, em caso de interferência, não serem tomados para investigação linguística. Por fim, é necessário manter sob controle, as características psicológicas – tímido, vivo, arguto, sarcástico, agressivo, reveladas no discurso do inquirido, bem como a espontaneidade da elocução.

Ferreira e Cardoso (2010, p.29), em sua obra intitulada “A Dialetologia no Brasil” apresenta uma sugestão de ficha de identificação do informante, conforme apresentaremos a seguir:

Figura 12 – Ficha de Identificação do informante

FICHA DE CATALOGAÇÃO DO INFORMANTE	
Nome completo	
Alcunha	
Sexo..... Idade..... Estado civil.....	
Local de nascimento	
Domicílio atual	
Domicílios e tempo de permanência fora da localidade	
Naturalidade do pai.....	
Naturalidade da mãe.....	
Naturalidade do cônjuge.....	
Profissão principal	
Onde a exerce.....	
Outras profissões (que exerce ou já exerceu).....	
Profissão do pai	
Profissão da mãe	
Profissão do cônjuge	
Nível de instrução escolar	
Serviço militar	Não prestou?
Onde prestou?	Duração
Aparelho fonador.....	
Sem defeito visível.....	
Irregularidades visíveis (descrevê-las).....	
Características psicológicas aparentes	
Tímido?	Vivo?
Sarcástico?	Inteligente?
Esponaneidade da elocução	Agressivo?
Total?	Grande?
Outras observações:	Média
Recinto e circunstâncias do inquérito	Fraca?
Data da aplicação	
Assinatura do inquiridor.....	

Fonte: Ferreira e Cardoso (2010, p. 29)

Essa ficha de identificação norteará com mais precisão o perfil do informante, fica bem mais prático a realização de um diagnóstico sobre a pessoa que fará parte do estudo e assim poder direcionar as perguntas e a conversa para garimpar o máximo de informações inerente ao fenômeno estudado.

Conforme Tarallo (1985, p.21), o pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo. Seja qual for a natureza da situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho a comunidade. Após a seleção dos seus informantes, o pesquisador precisa ser o mais natural possível em suas ações, e isso pode ser alcançado se ele decidir apresenta-se como aprendiz-interessado na comunidade dos falantes e em seus problemas e peculiaridades.

2.4 Coleta dos dados

A coleta dos dados da pesquisa *in loco*, obedecerão aos critérios que priorizam a escolha do sujeito de ser natural da localidade ou residir no local um terço da sua vida, número ideal de informantes (seis por ponto de inquérito, totalizando tinta e seis), características sociais como faixa etária, sexo e escolaridade foram a escolha para o desenvolvimento do estudo. Os informantes selecionados foram divididos em quatro níveis de escolaridade: Ensino Fundamental Completo e Incompleto e Ensino Médio Completo e Incompleto. E para confrontar os dados, escolhemos três bairros da Zona Oeste (Glória, Santo Antônio, Compensa) e Zona Norte (Novo Aleixo, Nova Cidade, Monte das Oliveiras).

É mister, ressaltar, que na sociolinguística o que interessa é a língua em uso nas diversas situações comunicativas, especialmente na fala cotidiana, mais que o indivíduo, o que interessa é o grupo social (Coelho, 2021, p.100). Dentro deste contexto, sabemos que para entrarmos no grupo, primeiro, é preciso manter um contato direto com indivíduos envolvidos na ação, que são os informantes, eles que irão fornecer os dados que precisamos para composição da pesquisa.

Escolhemos o questionário morfofonológico, reproduzido da Dissertação de Mestrado apresentado pela acadêmica Risonilde Clementino de Araújo, cujo título é o APAGAMENTO DA OCLUSIVA DENTAL /d/ NO MORFEMA {-ndo} FORMADOR DE GERÚNDIO NA FALA ENVIRENSE. Ressaltamos que o questionário serviu como base, pois tivemos que acrescentar outras perguntas para suprir a necessidade da nossa proposta na pesquisa. As gravações foram realizadas na residência dos informantes, e em lugares estratégicos que permitiram uma melhor compreensão das questões indicadas no questionário morfofonológico.

2.5 Definições das variáveis dependentes

O processo de mudança precisa ser compreendido como um sistema “inerentemente variável”, refutando a idéia de um sistema abstrato e homogêneo, porque as línguas variam em diferentes aspectos estruturais e aspectos externos: região, característica dos usuários (idade, sexo gênero, classe social, entre outras) e, ainda, estilo/registo de fala. Para Mollica e Júnior (2016, p. 24), isso significa dizer que, além de regras categóricas, como a que prevê que artigos precedem o nome que especificam, existem muitos casos em que o mesmo significado pode ser expresso por mais de uma variante, como exemplifica a conhecida alternância entre nós e a gente na indicação de primeira pessoa do plural (Omena, 2003 p.13). Formas alternativas com

o mesmo significado podem estar em concorrência e, gradualmente, uma delas pode ampliar seu uso e se instalar em toda uma comunidade de fala, acarretando o desaparecimento da sua rival. Ainda que essa caracterização seja um tanto simplificadora, ela traduz bem o princípio central de que toda mudança linguística implica variação que pode durar por longos períodos. Vale ressaltar que nem tudo que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre em variação e mudança é variação. (Tarallo, 1985, p.63)

Para Labov, o termo variável, se refere ao fenômeno em variação, que denominamos variável dependente. Em nossa pesquisa denominamos como variável dependente {-ndu} e sua variante [-nu]. Portanto, a variável em estudo é o morfema {-ndo} responsável por formar o gerúndio nos verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugações na língua portuguesa. Para Silva (2017), a variável é o fenômeno em competição entre duas ou mais formas linguísticas intercorrências ou variantes em uma determinada comunidade de fala.

2.6 Definições das variáveis independentes

As variáveis independentes são basicamente qualquer tipo de fator linguístico ou social que influencie a variação, isso só será concretizado depois que o linguista levantar vários tipos de fatos para investigar e descobrir qual deles estão influenciando o fenômeno da variação que ele quer estudar/compreender. As variáveis independentes elas podem ser de dois tipos: 1) Linguístico, ou seja, fatos linguísticos que podem influenciar no uso de uma variante ou de outra variante; 2) natureza Social, característica da estrutura da sociedade que podem está influenciando esse fenômeno. Essas variáveis independentes se apresentam sob a forma de grupo de fatores, porque sempre são mais de uma. Em nossa pesquisa, definimos pela estrutura social das comunidades as seguintes variáveis: variável sexo: (i) masculino ou (ii) feminino, isso quer dizer que em toda comunidade haverá pessoas desses gêneros; escolhemos também uma variável muito recorrente que é a da Faixa etária, neste trabalho selecionamos três, são elas: (i) 18-30 anos, (ii) 31-45 anos, (iii) e 46-60 anos; outra escolhida foi a variável Escolaridade: (i) Ensino Fundamental Incompleto, (ii) Ensino Fundamental Completo, (iii) Ensino Médio Incompleto, colocamos aqui esses exemplos, mas o recorte específico de cada idade, faixa etária/ escolaridade, variam de pesquisa para pesquisa.

Segundo Ribeiro (2013, p. 62), entende-se como variável independente um conjunto de fatores que podem influenciar um fenômeno em variação. Essas variáveis são fundamentais

para o resultado da pesquisa. Conforme Mollica (2015), elas podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer restrição na frequência de ocorrência fazendo com que aumente ou diminua seu uso. (Araújo, 2019, p.88)

2.6.1 Variáveis internas

As variáveis internas selecionadas para construção desta pesquisa, sobre o apagamento o apagamento de {-ndo} na fala manauara foram: 1) Conjugação Verbal: 1ª conjugação com terminação em -ar, 2ª conjugação com terminação em -er e 3ª conjugação com terminação em -ir, onde estudamos se o contexto é um dos principais fatores para o seu condicionamento.

Extensão Verbal, principalmente as ocorrências de verbos dissílabos, trissílabos ou polissílabos.

2.6.1.1 Conjugação verbal

Para Rocha Lima (2011 p. 171), conjugação é um conjunto dos acidentes gramaticais do verbo. Os verbos portugueses se distribuem por três conjugações. A terminação de cada uma delas é formada pelo consoante r (desinência do infinitivo), precedida de uma vogal que caracteriza a conjugação: A, para a primeira; E, para a segunda; I, para a terceira. As vogais A, E, I aparecem sistematicamente em várias formas de cada conjugação, entre o radical do verbo e as desinências de modo, tempo, número e pessoa. Chamam-se vogais temáticas.

Em nossa pesquisa, na variável conjugação verbal, foi observado se a redução do morfema formador de gerúndio é influenciada pela conjugação a qual pertence o verbo. Partimos da hipótese de estudos já realizados por Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), onde constataram que o processo é desfavorecido quando antecedido de /i/, ou seja, verbos da 3ª conjugação. No entanto, no trabalho de Araújo (2019), a pesquisadora apresentou outro resultado, onde a 1ª e 3ª conjugação favorece, de maneira sutil, o apagamento da oclusiva [d] em morfema de gerúndio, refutando a hipótese de que só a 3ª conjugação seria um fator determinante para o apagamento do /d/ em morfema de gerúndio.

2.6.1.2 Extensão da forma verbal

Para esta pesquisa, partimos do pressuposto que a extensão do vocábulo pode influenciar

no apagamento da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio. Seleccionamos os casos de verbos em dissílabos, trissílabos ou polissílabos para constatação desta hipótese. Em alguns trabalhos podemos verificar a confirmação desta idéia levantada para questionamentos, como por exemplo em Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), estudos anteriores informam que quanto maior a extensão do vocábulo maior é o apagamento da oclusiva no morfema formador de gerúndio. Na pesquisa de Sousa (2009) e de Vieira (2011), o apagamento da oclusiva no morfema /-ndo/ obteve maior produtividade para ocorrência do fenômeno. Em Araújo (2019, p. 116), trabalho basilar para construção desta pesquisa, foi confirmado que quanto maior a extensão do verbo, maior será a probabilidade da ocorrência do fenômeno do apagamento em morfema formador do Gerúndio.

2.6.2 Variáveis externas

Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico (Camacho, 2001, p. 50). Como já apontamos, a abordagem da língua pode se dar numa dimensão interna e/ou numa dimensão externa. Os fatores sociais em fenômenos de variação e mudança desempenham um papel fundamental nos estudos sociolinguísticos. Da mesma forma que a fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode refletir diferentes características sociais dos falantes, que Coelho (2021, p.40) dá o nome de variação social ou diastrática e nesta pesquisa usamos como principais condicionadores sociais que usualmente são correlacionados a variação linguística ao grau de escolaridade, sexo/gênero, faixa etária, conforme apresentação a seguir.

2.6.2.1 Sexo

Para Labov (1972), as características sociais, numa pesquisa sociolinguística, transformam-se nos fatores condicionadores extralinguísticos.

Quanto à variação social relacionada a sexo/gênero dos informantes, Paiva (2008) levanta a seguinte questão: Como explicar os padrões regulares depreendidos em diferentes pesquisas e a natureza das possíveis diferenças linguísticas entre homens e mulheres?

Para Labov (2008, p.281), em relação a fala monitorada, as mulheres usam menos

formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio. Esses resultados, segundo Paiva (2008, p. 35) requerem cautela, afinal, os papéis feminino e masculino, nas diversas sociedades, estão a todo o momento sofrendo transformações. É bem possível que a explicação sobre as diferenças linguísticas entre os sexos/gêneros esteja relacionada com o papel que a mulher tem na vida pública das sociedades.

Uma vez que a mulher aceitou a inovação, é do seu uso que passará à linguagem da juventude, porque as crianças seguem, principalmente, o exemplo das mulheres que passam muito mais tempo em casa, em sociedade, a cozinhar, a lavar, e que falam mais do que os homens, envolvidos com o trabalho do campo, no meio dos quais se apresentam taciturnos e muitas vezes isolados durante toda a jornada (Cardoso, 2010, p. 52).

O comportamento conservador é muitas vezes espelho da história particular e das histórias culturais das diferentes regiões, “não se fala sem razão, de teto paterno, mas de língua materna” (Cardoso, 2010, p. 52). As mulheres nas sociedades ocidentais como Europa, EUA, Canadá e América Latina são mais conservadoras do que os homens, mas em sociedades como Índia e na Ásia – em que não têm um papel de destaque – reagem menos fortemente às normas da cultura dominante. Paiva sugere que uma atitude mais adequada seria, portanto, a de correlacionar sempre a variável sexo/gênero com a faixa etária da população e, se possível, com a história social das diferentes comunidades investigadas, para que as transformações culturais e as mudanças comportamentais das faixas mais jovens da população possam ser levadas em consideração também.

Neste estudo, abordamos o desempenho linguístico da variável sexo (mulheres e homens), para verificar se a mulher utiliza com mais frequência a variante padrão, e conseqüentemente, as formas linguísticas inovadoras ou estigmatizadas e se essa produção é realizada com frequência ou não.

Nos estudos sobre a Sociolinguística, Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) confirmam que homens e mulheres apresentam traços de comportamentos linguísticos distintos. Na pesquisa de Araújo (2019, p. 118), percebemos que a fala dos homens favorece o apagamento de [d] no morfema de gerúndio, enquanto as mulheres há um índice relevante de desfavorecimento, confirmando que os homens tendem a inovar, enquanto as mulheres evitam mais as formas consideradas pela sociedade “estigmatizadas”. As pesquisas realizadas no campo da sociolinguística e dialetologia nos faz compreender que o sexo é um dos favorecedores no condicionamento para o apagamento da oclusiva no morfema de gerúndio e que homens estão mais sujeitos para ocorrência do fenômeno estudado do que as mulheres, a

proposta da nossa pesquisa é constatar ou refutar essas hipóteses, uma vez que o campo da pesquisa são comunidades urbanas.

2.6.2.2 Faixa etária

A questão da relação entre variação linguística e idade do falante tem suscitado muitas reflexões entre os sociolinguistas no Brasil e no mundo, pois, em geral, entra em jogo a questão da mudança linguística. Para Coelho (2021, p.45) alguns estudos que levam em conta esse fator têm tentado responder as seguintes questões: Variação e mudança; Variação implica duas ou mais formas que concorrem para expressar um mesmo significado, enquanto mudança implica processo de substituição gradual de uma forma por outra.

Pagotto (2001), realizou um estudo onde a faixa etária se mostrou um condicionador relevante para os estudos sobre a pronúncia de consoantes oclusivas alveolares diante de /i/ na fala de florianopolitanos, considerando três variantes: a não africada (como em [t]ia), a africada não palatal (como em [ts]ia) e africada palatal (como em [g]ia), sendo que as duas últimas variantes são consideradas "inovadoras" e a primeira é a mais antiga e é também considerada uma marca de identidade de Florianópolis. Os resultados mostraram que à variante [t]: os falantes de 15 a 23 anos a realizaram em 42% das ocorrências, os falantes de 25 a 50 anos em 66% das ocorrências, e os falantes com mais de 50 anos em 69% dos dados. É possível notar, nesses resultados, uma tendência dos falantes mais velhos a preferirem a forma mais antiga, ao passo que os mais novos preferem a forma nova.

Em nossa pesquisa trabalhamos com a hipótese de que os mais velhos possuem maior predisposição para o acontecimento do fenômeno do apagamento de /d/ em morfema formador de gerúndio. De acordo com Labov (2008, p.205), os falantes com mais idade tendem a preservar as formas mais tradicionais. Já Ferreira (2010) concluiu que quanto mais velho, menor será a realização da aplicação do apagamento. Mollica (1989) comunga com o mesmo pensamento de Ferreira ao confirmar que os falantes mais jovens empregam mais a variante de prestígio em relação às outras faixas etárias. No entanto, com relação ao grupo de fatores “faixa etária”, nossa pesquisa busca verificar qual faixa etária favorece a regra do apagamento, mas, como estamos falando de área urbana, podemos ou não obtermos novos resultados.

As três faixas etárias selecionadas para composição da pesquisa são estas:

1) Faixa 01: 18-30

2) Faixa 02: 31-45

3) Faixa 03: 46-60

2.6.2.3 Escolaridade

Para Coelho (2021, p. 41), essa variável é um fator determinante para identificação de fenômenos linguísticos estudados sob a ótica da sociolinguística e dialetologia. A autora acrescenta que por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso das variedades cultas da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como "nós vai" ou "a gente vamos", que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem "nós vamos" e "a gente vai".

Em nosso estudo selecionamos a variável escolaridade, pois muitos estudos de cunho sociolinguísticos discorrem que a escola influencia na maneira como determinado indivíduo fala e escreve, uma vez que ao frequentar a escola entra em contato com outras culturas e principalmente o contato com a variedade padrão e formal que vai implicar automaticamente em mudanças de comportamento linguístico significativo. Escolhemos, portanto, quatro níveis de escolaridade: Fundamental Incompleto, Ensino Médio Incompleto e Ensino Médio Completo. Desse modo, acreditamos que através do controle desses fatores concluiremos o favorecimento a aplicação da variável estudada. Ferreira (2010) comprovou em seus estudos que o baixo nível de escolaridade favorece o apagamento da oclusiva em questão. Nossa hipótese, diante de tudo que foi exposto, é que quanto menor o nível de escolaridade de um falante, maior chance de favorecimento da aplicação da regra apagamento da oclusiva /d/.

2.6.2.4 Zona

Para composição deste estudo, as zonas foram escolhidas minuciosamente, bem como os respectivos bairros. Estabelecemos alguns critérios para seleção, como por exemplo: 1) zona oeste procuramos selecionar os três bairros mais antigos, e próximos da área central, são eles: Santo Antônio, Bairro da Glória e Compensa, e também por serem um dos primeiros a surgir em nossa cidade. 2) zona Norte, o critério foi oposto, os bairros teriam que está localizado longe da área central, a criação/surgimento teria que ser “relativamente novo”, a partir de 20 anos de existência.

Partimos da idéia que os bairros localizados na primeira zona são mais desenvolvidos, e recebem maior fluxo de pessoas oriundas de outras regiões e de outros países, e esse contato

geralmente não estabelece relações duradouras, porém, ainda que seja superficial, de alguma forma acaba influenciando o modo de falar dos habitantes destas áreas. Já os que residem longe da área central, da movimentação, propriamente dita, são as pessoas que migraram de outros de outros municípios em busca de novas oportunidades e se estabeleceram permanentemente nestas áreas e ocasionalmente influenciarão no modo de falar dos manauaras, como no seu próprio modo de falar. E desse confronto de variantes inovadoras haverá uma luta para que se estabeleça qual variante será a mais usada pela comunidade de fala. Para Tarallo (1985, p.34), as variantes adversárias entrarão em um campo de batalha, onde, lutarão em um jogo de morte e a grande vencedora será usada com maior frequência pelo maior número de falantes da comunidade.

O critério da seleção tem o objetivo de mostrar a composição deste novo espaço urbano, com suas diferenças sociais, culturais e linguísticas, pois sabemos que assim como existem diferenças entre as regiões do nosso país, existem diversidades entre as zonas, entre as comunidades de fala, grupos sociais e até mesmo entre os indivíduos, pois ninguém fala igual ao outro, cada um possui a sua maneira de falar e dependendo das situações em que esse indivíduo esteja exposto, vai se adequando seja de maneira mais formal ou de maneira informal conforme a necessidade, ou seja, vai se comportar de acordo com cada circunstância, monitorando ou não sua fala.

Os falantes de uma mesma língua, mas de regiões diferentes, têm características diversificadas. Nesse sentido, cabe à Dialetologia o estudo das relações entre o espaço geográfico e o emprego de formas linguísticas, considerando o contexto histórico, social e cultural da localidade a ser estudada. É a variação diatópica, também conhecida por regional ou, ainda, geográfica, a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa através do modo como ela fala. (Cardoso, 2010, p. 45)

As diferenças espaciais são perceptíveis, pois é possível saber quando o falante não é da nossa região, assim como se formos para outro lugar será notada a diferença do falante através do modo de falar, ou seja, da mesma maneira que conseguimos identificar um falante gaúcho, mineiro, paulista ou mesmo uma falante do Nordeste, outros falantes de outros lugares também identificarão e assim sucessivamente. No caso dos pesquisadores o que irá permitir fazer essa distinção é o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística que nos equipa para que possamos sair de um nível impressionístico (e, às vezes, caricato) da variação geográfica e descubramos quais são exatamente as marcas linguísticas que caracterizam a fala de uma região em relação à de outra. Em geral, itens lexicais particulares, certos padrões entoacionais e, principalmente, certos traços fonológicos respondem pelo fato de que falantes de localidades

diferentes apresentem dialetos diferentes de uma mesma língua.

A seleção se deu por duas zonas (oeste e Norte) localizada no município da cidade de Manaus para investigar qual variante [-ndu] ou [-nu] é mais usada pelos falantes como norma padrão de uso destas localidades.

2.6.3 Codificação das variáveis

A pesquisa em estudo será realizada com base em análises quantitativas, visto se tratar da sociolinguística variacionista e da dialetologia pluridimensional. E para nos auxiliar na interpretação dos dados quantitativos utilizaremos uma codificação para cada fator de cada grupo. Scherre e Naro (2012, p. 158) afirmam que: “quanto mais detalhada a codificação, maior a possibilidade de múltiplas análises”. Assim, codificamos variável, variante e fatores sociais. (Araújo, 2019, p. 91).

2.6.4 Variáveis dependentes

A variável dependente diz respeito à realização ou não do fonema oclusivo dental no grupo “ndo”. A codificação para as variáveis dependentes escolhidas foram:

1. [-nd];
2. [-ndu].

2.6.5 Variáveis independentes

As variáveis independentes são constituídas pelo uso de uma ou outra variante que é influenciada por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguístico). Desse modo, apresentamos em sequência.

2.6.5.1 Variáveis internas

Com a seguinte codificação:

Conjugação verbal:

A para terminação em -ar;

E para terminação em -er;

I para terminação em -ir.

Número de sílabas da forma Verbal

D para verbo Dissílabo;

T para verbo Trissílabo:

P para verbo polissílabo.

2.6.5.2 Variáveis externas

Os estudos sobre a relação linguagem e sociedade considerando os fatores extralinguísticos só começaram a ser investigados na década de 60. Um dos estudiosos mais importantes nessa área de investigação é Labov (2008) por relacionar a variação linguística a diferentes classes sociais, sexo, atitude profissional e etnia, visando uma investigação das fronteiras existentes entre linguagem e sociedade. Assim, os fatores extralinguísticos mais frequentes nas pesquisas sobre variação linguísticas são:

Faixa etária: J para – 18-30; 2) M para – 31-45; V para – 46-60

Escolaridade: X para Ensino Fundamental I; Y para Ensino Médio Incompleto; Z para Ensino Médio Completo;

Sexo: H para homem; M para mulher

Região: O para Zona Oeste; N para zona Norte.

Bairros: 1 para Novo Aleixo; 2 para Monte das Oliveiras; 3 para Nova Cidade; 4 para Compensa; 5 para Glória; 6 para Santo Antônio.

2.7 Subsídios quantitativos.

O esteio basilar para análise dos dados desta pesquisa se deu através do programa estatístico computacional GoldVarb X, desenvolvido para análise de regra variável. Ao se debruçar sobre a língua em uso, o linguista inevitavelmente se depara com a variação linguística. Um dos principais fundamentos dos estudos sociolinguísticos é a premissa de que existe variação linguística, verificada em todas as línguas, em todas as comunidades e, em última instância, na fala de um mesmo indivíduo. A variação linguística não só é inerente, como também é ordenada, e é possível ser observados padrões que podem ser descritos e analisados pelo estudo da língua em uso. A observação desses padrões, no entanto, requer a análise de uma grande quantidade de dados, isso porque dificilmente se poderia chegar a conclusões confiáveis sobre quais falantes tendem a empregar uma ou outra forma, em quais contextos (linguísticos

ou sociais) se fossem analisados com poucas ocorrências. Para ser possível a análise no GoldVarb X, é necessário desenvolver um sistema de codificação, de modo que cada variável possa ser lida e interpretada, ressaltamos que próprio programa exige que faça essa codificação.

O questionário morfofonológico, usado neste estudo, foi adaptado do questionário fonético-fonológico já existente (QMF) em Araújo (2019), porém acrescentamos outras perguntas para suprir a necessidade da proposta da nossa pesquisa. O colhimento dos dados de fala foi realizado nas casas dos informantes para que não causasse impacto e pudéssemos colher os dados, o mais natural possível. Para o registro das entrevistas, utilizamos apenas um celular Motorola – G30, 128GB de memória. O armazenamento dos dados de gravação se deu em pendrive, HD e notebook, onde abrimos pastas e organizamos conforme as zonas. Após essa etapa, dos dados coletados e organizados, realizamos escuta dos áudios, um a um de maneira minuciosa, repetidas vezes para que pudéssemos colher fielmente o som da fala de cada informante. Organizamos os dados, codificamos, categorizamos, processamos para então, começar a realizar a seleção dos resultados, em seguida foram transcritos para o programa Excel para transformarmos os resultados em gráficos e posteriormente em cartas morfofonológicas.

O GoldVarb X é a última versão do Varbrul para o ambiente Windows. O programa tem a vantagem de trabalhar com quantidades ilimitadas de fatores em cada variável independente e sem limites de células. No entanto, o GoldVarb X só realiza análise de pesos relativos de duas variantes (binominal). No que se refere ao peso relativo, ele não possui o módulo de três ou mais variantes (Scherre, 2012). Sankof, Tagliamonte e Smith (2005), criaram essa versão com o propósito fundamental de tratar os fenômenos variáveis. Para as rodadas foram necessárias uma codificação dos fatores por categoria, pois os códigos facilitam a leitura dos resultados evitando problemas nas análises, pois como declara: Scherre e Narro (2012, p. 158): “quanto mais detalhada a codificação, maior a possibilidade de múltiplas análises”.

Existem muitos métodos analíticos quantitativos além do Varbrul, porém Guy e Zilles (2007) apresentam três vantagens que fazem do GoldVarb uma boa opção para os sociolinguistas. São elas: ele é dedicado à estruturação dos dados que encontramos na linguagem natural; muitas das células numa rodada típica do Varbrul não têm nenhum dado, ou se têm é apenas um. Esse programa tolera muito bem esses desvios; por fim, ele vem com rotinas que permitem recodificação e outros manuseios dos dados (Tabosa, 2016, p.57).

Em linhas gerais, o programa fornece resultados, em termos de frequência e probabilidade, dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam ou não o uso do fenômeno em estudo. Cada variável deve ser representada por um caractere, que pode

ser letra ou número, conforme sugestão do próprio programa GoldVarb X codificamos logo a variável dependente e só depois os demais fatores linguísticos e extralinguísticos pela ordem de relevância que juntos forneceram subsídios para nossa análise (Araújo, 2019, p.96). O quadro apresenta de forma mais detalhada a codificação de acordo com os grupos de fatores.

Quadro 5 – Codificação das variáveis

Grupo de Fatores	Variantes	Código
G1: Variável Dependente	Manutenção (-ndu)	1
	Apagamento [-nu]	2
G2: Conjugação Verbal	1ª Conjugação	A
	2ª Conjugação	E
	3ª Conjugação	I
G3: Extensão Verbal	Dissílabo	D
	Trissílabo	T
	Polissílabo	P
G4: Gênero	Masculino	M
	Feminino	F
G5: Faixa Etária	18 a 30 anos	J
	31 a 45 anos	M
	46 a 60 anos	V
G6: Escolaridade	Fundamental Incompleto	X
	Fundamental Completo	Z
	Ensino Médio	W
	Completo	
G7: Região	Norte	N
	Oeste	O
G8: Bairro	Novo Aleixo	1
	Monte das Oliveiras	2
	Nova Cidade	3
	Compensa	4
	Glória	5
	Santo Antônio	6

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

O programa GoldVarb X, só permite que as rodadas sejam realizadas se organizar os

códigos por categoria, além disso é necessário, obedecer as especificações: utilização de um parêntese, cuja função é obrigatória, pois sinaliza o começo de um dado. Posteriormente, inserção do código da variável (binário), em nossa pesquisa usamos os símbolos (1) para manutenção do /d/ em morfema de gerúndio, representado por [-ndu], e (2) para representar [-nu]. A partir da terceira até a sétima coluna, é possível verificar como se deu a codificação dos fatores linguísticos e sociais da nossa pesquisa, como por exemplo: Conjugação verbal, Extensão do verbo, gênero, Faixa etária, escolaridade região e bairro. Faremos uma pequena observação em relação ao uso do parêntese no quadro baixo (categorização de variáveis): “não se fecha o parêntese, pois a partir de três espaços em branco, o programa entende que finalizou a codificação” (Araújo, 2019, p.97).

Tabela 1 – Categorização das variáveis

Transcrição Grafemática	1. NDU 2. NU	Conj.Verbal 1ª (A) 2ª (E) 3ª (I)	Ext.Verbal Dis.(D) Tri (T) Pol (P)	Gênero: M/F	Faixa Etária 18-30 anos (J) 31-45 anos(M) 46-60 anos (V)	Escolaridade Fund.Comp.(X) E.M.Inc. (Z) E.M.Comp.(W)	Região Norte (N) Oeste (O)	Bairro NA(1),MO(2), NV(3), Co(4),Gl(5), AS(6)	Categorizaçã o
ComeNDU	1	E	T	M	V	X	N	1	(1ETMVXN 1
FedeNDU	1	E	T	M	V	X	N	1	(1ETMVXN 1
DoeNDU	1	E	T	M	V	X	N	1	(1ETMVXN 1

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa

Apresentaremos agora dois fragmentos dos arquivos de dados das Primeira e segunda rodadas, para mostrar com mais detalhes a análise realizada pelo programa GoldVarb X:

a) Primeira Rodada

Na primeira etapa, organizamos todos os dados coletados na pesquisa de campo para então tabularmos, foram organizados no programa Excel. Essa etapa é muito trabalhosa porque é feito um a um, com muito cuidado e responsabilidade, ou seja, inserimos as informações de cada informante da pesquisa. Por conseguinte, a análise feita pelo programa GoldVarb X, é realizada de acordo com a inclusão dos dados da tabulação. Na primeira rodada o programa contabilizou 1.800 (mil e oitocentas) ocorrências conforme demonstrado na figura abaixo

Figura 12 – Primeira rodada do Programa GoldVarb X:

7 (8)		1	2		
1	N	280	20	300	16.7
	%	93.3	6.7		
2	N	260	40	300	16.7
	%	86.7	13.3		
→3	N	300	0	300	16.7
	%	100.0	0.0		* KnockOut *
5	N	299	1	300	16.7
	%	99.7	0.3		
4	N	299	1	300	16.7
	%	99.7	0.3		
→6	N	300	0	300	16.7
	%	100.0	0.0		* KnockOut *
Total	N	1738	62	1800	
	%	96.6	3.4		

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

Na primeira rodada é possível identificar que em dois grupos de fatores houve knockOut, (G3 e G6 conforme a seta aponta). O grupo 3, representa a variável Conjugação Verbal e o grupo 6, representa a variável Escolaridade, isso significa que o programa GoldVarb X, seleciona tanto os grupos que possuem maior relevância para a ocorrência do fenômeno do apagamento de /d/ em morfema de gerúndio, quanto elimina os que não possuem grande valor para ocorrência do fenômeno, e quando isso ocorre, faz a identificação com a palavra knockOut, que traduzido para o português significa suprimir (eliminar, extinguir). Em seguida o pesquisador faz a eliminação dos dados que foram apontados pelo programa, para iniciar a segunda rodada.

Na segunda rodada, foram excluídos os bairros que deram knockOut (3, 6), bairro 3 corresponde ao Nova cidade, localizado na Zona Norte e 6 para o bairro Santo Antônio.

Figura 14: Grupos de fatores que mais favorecem a presença do fenômeno linguístico analisado.

Name of condition file: Untitled.cnd		7 (8)	1	2		
(1	N	280	20	300 25.0
(1)			%	93.3	6.7	
(2)		2	N	260	40	300 25.0
(3)			%	86.7	13.3	
(4)		4	N	299	1	300 25.0
(5)			%	99.7	0.3	
(6)		5	N	299	1	300 25.0
(7)			%	99.7	0.3	
(8 (1 (COL 8 1))		Total	N	1138	62	1200
(2 (COL 8 2))			%	94.8	5.2	
(/ (COL 8 3))		TOTAL	N	1738	62	1800
(4 (COL 8 5))			%	96.6	3.4	
(5 (COL 8 4))						
(/ (COL 8 6))						
)						

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

Na Figura 14, podemos ver o resultado que mostra os grupos de fatores que mais favorecem a presença do fenômeno linguístico analisado. Foram observadas 1.800 (mil e oitocentos) ocorrências, onde observamos o resultado para a manutenção [-ndu] e o apagamento [-nu] em verbos no gerúndio. A seleção das ocorrências é feita da seguinte maneira: Fazemos a descrição dos dados de cada um dos informantes, no caso da nossa pesquisa foram 36, sendo 18 homens e 18 mulheres, de faixas etárias, escolaridade e zonas diferentes no programa Excel. Cada informante respondeu 50 (cinquenta) perguntas, então esse valor é multiplicado pelo número de informantes (36, trinta e seis) que participaram da pesquisa (Ex.: $36 \times 50 = 1.800$ (36 = número de informantes; 50 número de perguntas e 1.800, o resultado desta multiplicação)). Evidenciamos que o programa não faz a seleção por número de informantes e sim pelo número de perguntas que cada um respondeu, por isso, essa quantidade apresentada.

Análise de Stepping Down/Stepping up

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: ~~6~~ Best stepping up run: #25

Best stepping down run: #38

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 5 7 1 4 3

Best stepping up run: #25

Run # 25, 99 cells:

No Convergence at Iteration 20 Input 0.998

Group # 1 -- E: 0.839, I: 0.528, A: 0.320

Group # 3 -- M: 0.194, F: 0.781

Group # 4 -- V: 0.253, M: 0.878, J: 0.291

Group # 5 -- X: 0.185, W: 0.401, Z: 0.868

Group # 7 -- 1: 0.192, 2: 0.148, 4: 0.887, 5: 0.755

Log likelihood = -122.729 Significance = 0.004

Run # 38, 99 cells:

No Convergence at Iteration 20 Input 0.998
 Group # 1 -- E: 0.839, I: 0.528, A: 0.320
 Group # 3 -- M: 0.194, F: 0.781
 Group # 4 -- V: 0.253, M: 0.878, J: 0.291
 Group # 5 -- X: 0.185, W: 0.401, Z: 0.868
 Group # 7 -- 1: 0.192, 2: 0.148, 4: 0.887, 5: 0.755
 Log likelihood = -122.729 Significance = 0.072

Conforme análise realizada no programa Goldvarb X, a melhor execução apontada para a análise deste estudo, estão no stepping up Run #25 e stepping down Run #38, que apresentam no melhor nível de análise, um input de 0.998 e significance = 0.004, mostrando uma probabilidade para o favorecimento para a manutenção [-ndu]. A Série mostra que os cinco fatores que foram incluídos na análise (Grupos 5, 7, 1, 4 e 3, nesta ordem) têm um efeito estatisticamente significativo ($p < 0,05$) na ocorrência da variável dependente. A figura também mostra a probabilidade de log (log likelihood) que foi de -122.46.

A variável faixa etária foi a primeira que o programa o Goldvarb X selecionou, o que significa dizer que é a mais relevante para uso do [-ndu]. A faixa etária de 30-45 anos, com peso relativo de 0,764, é a que mais favorece a manutenção [-ndu], mostrando-se bastante produtiva.

A segunda variável selecionada foi Região: que é a que mais favorece o uso do [-ndu]. A Região Sul é a que mais favorece o uso da variante [-ndu] com peso relativo de 0,648 e a que menos privilegia o uso são as Regiões Leste e Oeste, com pesos relativos 0,424 para ambos. Observamos também que quanto mais distante do Centro ou menos elitizada a região, mais frequente é o uso da variante [-nu].

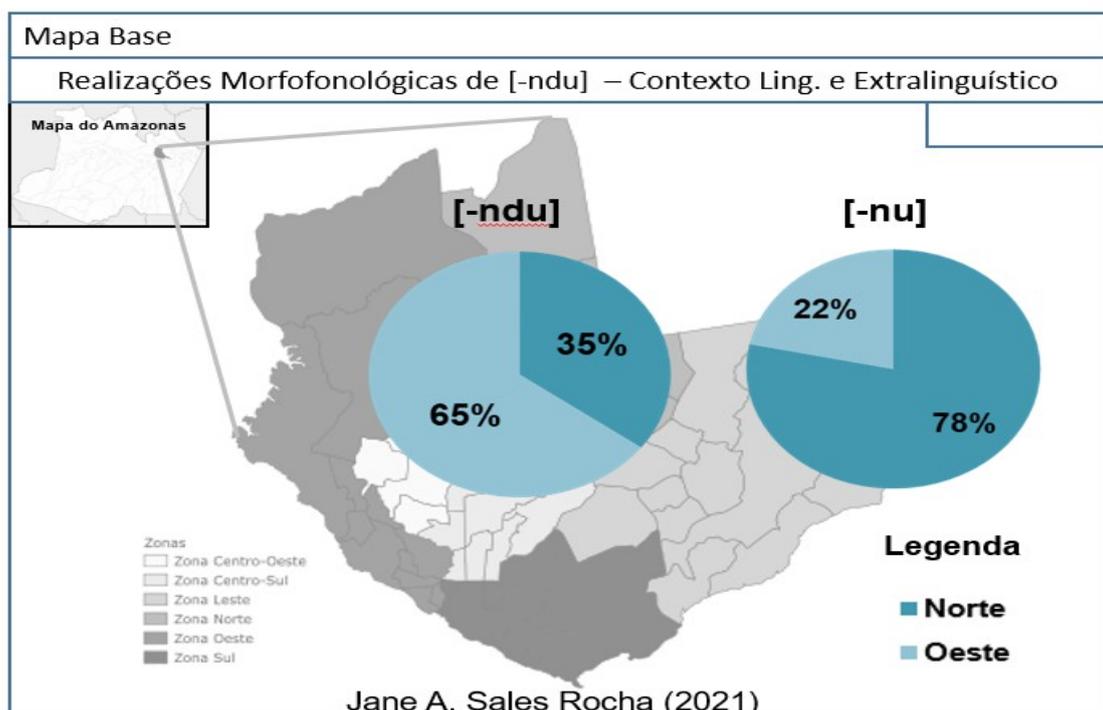
Na terceira selecionada, foi a variável diagenérica (Sexo), com suas frequências discriminadas na tabela 6, onde mostra o sexo masculino, com peso relativo de 0,535, e o fator sexo feminino um peso relativo de 0,483. Mostrando uma diferença significativamente relevante entre a ocorrência da variável dependente de acordo com o gênero M ou F. Os pesos dos fatores mostram que a variável dependente é mais usada em tokens codificados M, em 75.0% das ocorrências. No caso dos tokens codificados como F o percentual foi de 70.4%. Mostrando que as mulheres são mais conservadoras e mais resistentes as mudanças, que pode ser inferido através de seu peso relativo (0,400), enquanto, os homens se mostram menos tradicionalistas e sujeitos as mudanças linguísticas. A seguir apresentaremos o mapa base da

nossa pesquisa.

Na edição do mapa base da dissertação, trabalhamos com o programa Excel 2016, onde realizamos a tabulação dos dados e em seguida geramos os gráficos em formato de pizza com os dados totais e valores percentuais para menos e para mais da quantidade analisada. Após essa etapa, inserimos os dados na carta através do software Adobe Ilustrador cc2019, programa específico para este tipo de trabalho e assim, construir as cartas morfofonológicas presentes neste trabalho. A seguir apresentamos o mapa usado como base para inserção dos dados da pesquisa.

É através deste mapa que apresentaremos as realizações morfofonológicas da nossa pesquisa. Iniciamos, categorizando uma variável por vez. Primeiro, selecionamos as variantes linguísticas: terminação verbal (-ar, -er, -ir); extensão do verbo (dissílabo, trissílabo e polissílabo), depois selecionamos as variáveis extralinguísticas em diferentes dimensões: Diatópica (Bairro da Glória, Santo Antônio, Compensa, Monte das Oliveiras, Nova Cidade e Novo Aleixo); Diazonal (Zona Oeste x Zona Norte) ; Diagenérica (Homem e mulher); Diageracional (18-30; 31-45; 46-60) ; Diastrática (Ensino Fundamental Incompleto, Ensino Fundamental Completo, Ensino Médio Incompleto e Ensino Médio Completo). Todas essas informações podem ser apresentadas através de vários recursos, como por exemplo: cartas, cartogramas e os mapas, que é comum nos estudos da Dialetoologia Pluridimensional.

Mapa 3 - Mapa base da Dissertação

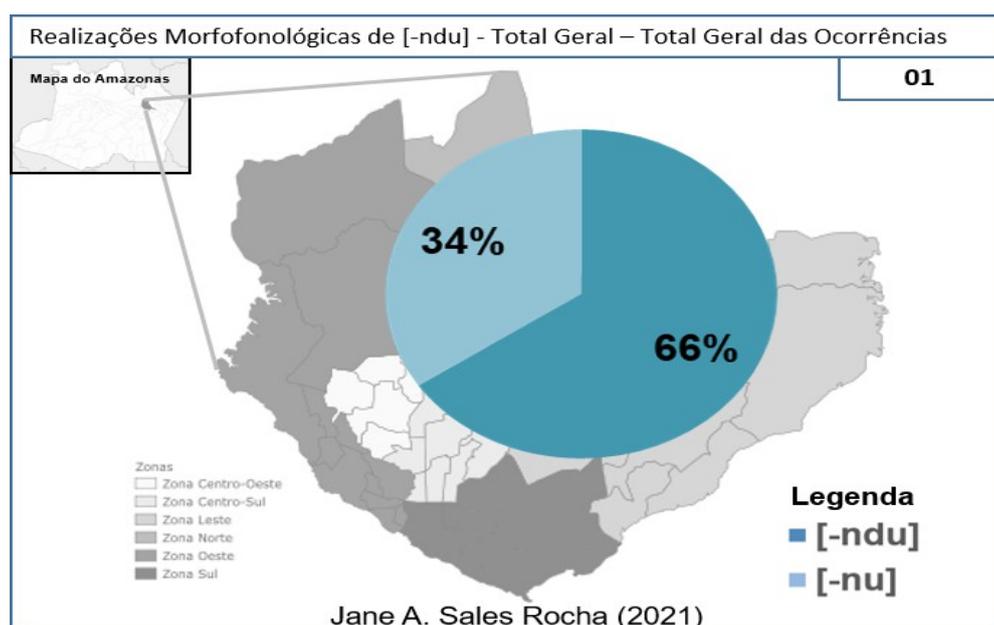


Contudo, a cartografia é a área do conhecimento que se preocupa em estudar, analisar e produzir mapas, cartogramas, plantas e demais tipos de representações gráficas do espaço. Trata-se, portanto, de um conjunto de técnicas científicas e até artísticas que visa à elaboração de documentos que representem de forma reduzida uma determinada localidade. Para Backer (1995, p. 23), existe uma distinção entre carta e mapa, apesar de muitas vezes existir uma dificuldade em separar um termo do outro, devido sua origem histórica, porém o termo “carta” é o mais utilizado. Então, usaremos o termo carta para designar um documento com maior exatidão e mapa para designar ilustração com informações limitadas, ou seja, mapa é um caso específico de carta. Conforme especificação, serão apresentados os ciclos de comunicação da informação cartográfica que podem ser atingidos durante os procedimentos adotados pelos autores.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, serão apresentadas as análises dos resultados do fenômeno do apagamento de /d/ em morfema de gerúndio: na subseção (3.1), apresentamos a constituição das variáveis; na subseção (3.2), discorreremos sobre os condicionadores internos; na subseção (3.3), tratamos dos condicionadores externos; e na subseção (3.4), realizamos a análise da regra variável. Segue a análise e apresentação dos dados.

Carta morfofonológica 1 – Dados Gerais



Fonte: Dados da pesquisa

Na carta 01, é descrito o total geral de ocorrências das realizações morfológicas de {-ndo} de nossa pesquisa. Podemos verificar que 34% dos informantes utilizam a variante [-NU] em seu discurso natural de fala, enquanto, 66% dos informantes entrevistados fazem uso da variante [-NDU], na cidade de Manaus, que denominamos “fala urbana”. Os estudos dialetológicos geralmente são voltados para fala interiorana, pois se acredita que as pessoas que residem em locais distante dos centros urbanos utilizam com menos frequência à norma culta.

Amaral (1920), Marroquim (1934) e Silva Neto (1956), descrevem que o fenômeno do apagamento do [d] em morfema de gerúndio, acontece geralmente por pessoas que residem distante da cidade e que não tiveram acesso à educação. Eles os classificam como aqueles indivíduos que possuem um falar “caipira” ou “roceiro”, sendo um falante com pouco ou sem nenhum contato com a norma culta da língua, portanto carregam sobre si uma carga preconceituosa. Mas é importante lembrar que toda comunidade de fala em que os indivíduos estão inseridos, possuem sua maneira de falar, utilizam variantes que acabam sendo marca identitária daquele determinado grupo social e que não falar dentro das normas gramaticais não configura “falar errado” e sim um jeito diferente de falar a variante considerada de prestígio pela sociedade.

A proposta da nossa pesquisa é justamente mostrar que a mudança linguística pode acontecer em qualquer lugar, que existem várias formas de se falar a mesma coisa e que determinados fenômenos não são inerentes às pessoas com baixa escolaridade ou que vivem nos interiores do nosso estado, mas, pode acontecer dentro da cidade, uma vez que pessoas migram tanto de um estado para o outro ou do interior para capital em busca de melhores condições de vida e esse choque cultural implicará diretamente no modo de falar da comunidade na qual eles irão participar, surgindo assim, uma troca de falares e contribuindo para o aparecimento de novas variantes que serão usadas pelos falantes daquelas comunidades de fala. E sendo utilizada com maior frequência pelas pessoas que se encontram naquele determinado grupo social.

3.1 Constituição das variáveis

Esta pesquisa foi constituída a partir das observações que realizamos em relação ao uso das variantes na comunidade de fala, e, dentro desse contexto, controlamos os fatores internos e externos à língua, que podem influenciar no modo de falar dos indivíduos, dentre ele, podemos destacar: Fatores internos: terminação verbal e extensão verbal. Em relação aos fatores externos

destacamos: 1) a quantidade de informantes para cada ponto de inquérito estudado (no caso seis indivíduos), sendo 1 mulher e 1 homem para cada faixa etária (18 a 30 anos, 31 a 45 e 46 a 60 anos) e para cada nível de escolaridade (Ensino fundamental incompleto, Ensino fundamental completo e Ensino Médio Completo e Ensino médio incompleto). Consideramos também, em relação aos perfis dos informantes, as seguintes características: ser morador nato da região selecionada; não ter se afastado do lugar por mais de 1/3 de suas vidas; ter pais e cônjuges moradores da região estudada.

A seleção da amostra para pesquisa se deu através de um questionário morfofonológico que adotamos da dissertação da Professora Mestra Risonilde Clementino, contendo 49 questões, acrescentamos mais uma pergunta para facilitar a contagem dos dados. Fizeram parte dessa composição os seguintes verbos: escrevendo, jogando, peneirando, pescando, tocando, voando, dando, fedendo, escondendo, terminando, nadando, caminhando, doendo, tarrafeando, rindo, vindo, vendo, brigando, entrevistando, varrendo, andando, vestindo, ouvindo, cantando, indo, mexendo, subindo, engolindo, entendendo, segurando, diminuindo, casando, costurando, descendo, saindo, atendendo, caindo, abanando, misturando, namorando, sangrando, fritando, rezando / orando, trabalhando. (totalizando cinquenta verbos no gerúndio).

Justificamos nossa escolha por amostra de fala pela ocorrência do fenômeno linguístico estudado se revelar vigente como regra variável de ordem morfofonológica na fala dos informantes dos pontos estudados. Adotamos, neste estudo, o conceito de regra variável já adotado em outros estudos como o de Mollica (1998) e Martins (2001) em que, no caso do fenômeno em questão, o falante ao realizar o gerúndio, faça a alternância entre a forma reduzida [-nu] e a forma preservada [-ndu]. Além disso, levamos em consideração a teoria de Labov (1972) cuja proposta é a relação ente linguagem e sociedade, com a finalidade de analisar e explicar a sistematização dos eventos linguísticos. Dessa forma, com a aplicabilidade dessa amostra, procuramos fazer um estudo aprofundado no contexto real de uso dos informantes selecionados desta pesquisa.

3.2 Condicionadores internos

Primeiro fizemos a seleção dos condicionadores intralinguísticos: 1) Terminação Verbal, onde classificamos conforme a ordem da língua portuguesa (-ar; -er; -ir), como nos exemplos a seguir, verbos amar, vender e partir. Desenvolvemos a seguinte hipótese para investigar esse fator: Qual terminação verbal influencia o fenômeno do apagamento de /d/ em

morfema de gerúndio? Na pesquisa de Araújo e Carvalho (2013), eles identificaram que o desfavorecimento era mais recorrente, quando antecedido de /i/. No entanto, em nossa pesquisa queremos investigar que a terminação não é um fator determinante para ocorrência do apagamento de /d/ em morfema de gerúndio e se caso for, em que terminação ocorre com mais frequência. 2) Extensão Verbal, com os verbos dissílabos, trissílabos e polissílabos. Iremos verificar a hipótese que Vieira (2011), testou em sua pesquisa: Os verbos polissílabos tendem a favorecer o apagamento da oclusiva /d/ em morfema de gerúndio?

3.3 Condicionadores externos

Para composição desta pesquisa escolhemos os condicionadores extralinguísticos de acordo com as seguintes dimensões: diagenérica, diageracional, diastrática e diazonal. Abaixo descreveremos cada uma delas:

Dimensão Diagenérica: sexo

Para compor nosso estudo do gênero/sexo, selecionamos representantes da comunidade de fala analisada, sendo 3 mulheres e 3 homens para cada ponto de inquérito, totalizando 6 informantes para que pudéssemos coletar uma amostra heterogênea do fenômeno em estudo. Evidenciamos que estudos já realizados mostram que as mulheres tendem a preservar mais a linguagem formal, enquanto, que os homens estão mais sujeitos as mudanças, logo, possuem maior predisposição para ocorrência do apagamento de /d/ em morfema formador de gerúndio. Nos estudos de Ferreira (2010), os homens apresentaram maior ocorrência para uso da variante [-nu], enquanto as mulheres preservam a linguagem mais tradicional, são mais monitoradas, com isso mais resistente as mudanças linguísticas. A hipótese que iremos trabalhar em nossa pesquisa será: o gênero/sexo é um fator condicionador para o favorecimento do apagamento da oclusiva no morfema de gerúndio?

Dimensão Diageracional: Faixa Etária

Para este grupo, selecionamos três faixas etárias: Primeira (18-30 anos), segunda (31-45 anos) e terceira (46-60 anos), assim poder investigar qual destes grupos está mais sujeito a regra do apagamento de /d/ em morfema formador de gerúndio, se os mais velhos, se os de idade mediana ou os mais jovens. Na pesquisa de Ferreira (2010), foi verificado que os falantes mais jovens usam com maior frequência a forma [-ndu], se tornando pouco produtivo para regra do apagamento. Este resultado refuta por exemplo, o resultado da pesquisa de Labov (1972), onde os falantes mais velhos se mostraram mais conservadores as mudanças e os jovens mais

abertos ao uso de novas variantes, ou seja, mais inovadores. Iremos testar nossa hipótese de que os mais velhos favorecem o apagamento da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio {-ndo}.

Dimensão Diastrática: Escolaridade

A escolha desta variável é importante, vários estudos na área da sociolinguística apontam que a escolaridade influencia diretamente no modo de falar do indivíduo, pois ao frequentar a sala de aula tem acesso a uma linguagem mais rebuscada, começa a monitorar a fala de uma maneira padrão e formal, que implicará em mudanças de comportamento linguístico de uma maneira significativa. Neste trabalho foram selecionados quatro níveis de escolaridade, conforme descreveremos a seguir: Ensino Fundamental Incompleto, Ensino Fundamental Completo, Ensino Médio Incompleto e Ensino Médio Completo. A hipótese apresentada foi que quanto menor o nível de escolaridade de um falante, maior chance de favorecimento da aplicação da regra variável do apagamento da oclusiva /d/. Para ratificar essa hipótese Ferreira (2010), comprovou em sua pesquisa que o baixo nível de escolaridade foi o que mais favoreceu o apagamento da oclusiva em morfema de gerúndio.

Diazonal: Zona Urbana da Cidade de Manaus (Zona Oeste x Zona Norte)

Escolhemos dois pontos de inquéritos para realizar este estudo, sendo 3 bairros de cada Zona, totalizando 6 bairros respectivamente. A maioria dos estudos na área dialetológica está voltado para fala interiorana e nesta pesquisa privilegiamos a fala urbana por entender que na capital os falantes estão sujeitos as mudanças linguísticas tanto quanto no interior, dado o tanto de pessoas que circulam em nossa cidade, tanto de outros estados, quanto do interior. Nosso objetivo é investigar em qual zona (Oeste e Norte) a regra do apagamento se apresenta com mais frequência. Os pontos de inquéritos foram definidos propositalmente pelas atividades desenvolvidas, localidade e tempo de fundação, no entanto, procuramos obedecer aos critérios e características dos referidos locais. Com a apresentação das características dos condicionadores intralinguísticos e extralinguísticos, passaremos para análise e discussão dos resultados obtidos em nossa pesquisa.

3.4 Análise e discussão dos dados

Com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística de Labov (1972) e da Dialetologia Pluridimensional (Thun, 1988). Iniciaremos a análise variacionista dessa regra na variedade falada em duas zonas localizadas na cidade de Manaus. De forma genérica, analisamos 1.800 (mil e oitocentos) ocorrências como mencionado acima, o

cálculo é realizado da seguinte maneira ($36 \times 50 = 1800$), ou seja, 36 informantes multiplicados pelo número de perguntas contido no questionário que se somam-se 50 (cinquenta cada um). Essa multiplicação resulta o valor de 1.800 ocorrências. A contar de agora, será apresentado os resultados da pesquisa, separamos por categorias, em 13 cartas morfofonológicas, começando pelos fatores internos e depois os fatores externos.

Através destes resultados, podemos observar a norma de uso e frequência em que essas variações ocorrem nas zonas estudadas da cidade de Manaus. A aplicação da regra nesta pesquisa refere-se ao uso de princípios e métodos para analisar a variação linguística que estamos investigando nesta pesquisa. A dialetologia é o ramo da linguística que estuda os dialetos, suas características e como eles se diferenciam entre si. Reunimos amostras de fala de diferentes falantes em seis bairros localizados em duas zonas da cidade de Manaus. Faremos uma análise fonética e Fonológica, ou seja, vamos examinar as diferenças na pronúncia e no som das palavras, considerando o contexto sociolinguístico, ou seja, verificando os fatores sociais, como o sexo, idade e escolaridade, que podem influenciar as variações dialetais. Essas aplicações ajudarão a entender melhor como a língua se manifesta em diferentes contextos da fala urbana, revelando a riqueza da diversidade linguística.

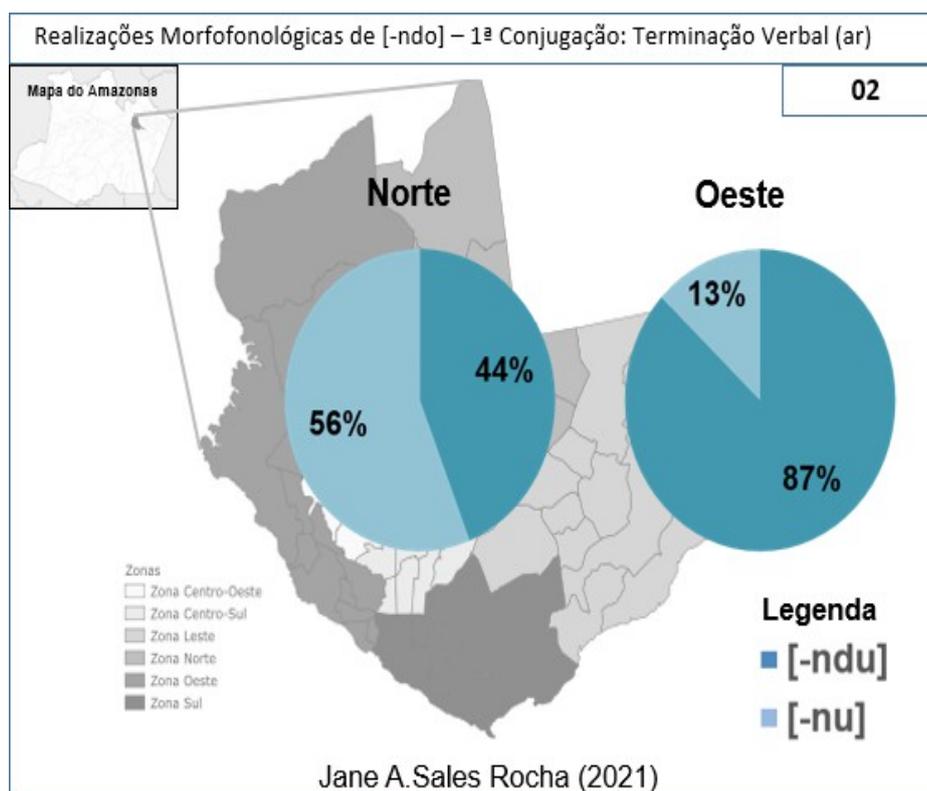
A vocalização do "o" no final de sílaba, fazendo com que soe como uma semivogal "u", é um fenômeno que pode ocorrer em algumas variedades do português, especialmente em contextos informais, nesta pesquisa privilegiamos a fala manauara, pois capital amazonense recebe inúmeras pessoas de outros municípios, estados e países e além das transformações econômicas, sociais, culturais, haverá mudanças linguísticas e essa mudança implica no surgimento de novas variantes. Em áreas onde há contato com outras línguas ou dialetos, as características fonéticas podem ser influenciadas, resultando em mudanças na pronúncia dos sons. (Silva, 2005, 176). Isso acontece, por vários fatores: 1) Mudanças Fonológicas: Assim como outros sons na língua, o "o" pode sofrer mudanças ao longo do tempo devido a processos fonológicos. Essa vocalização muitas vezes resulta em uma alteração na forma como as vogais são percebidas e pronunciadas pelos falantes. (Silva. 2005 p.172); 2. Silabificação: Quando o "o" está no final de uma sílaba, ele pode ser pronunciado de maneira mais suave, transformando-se em um som semelhante a uma semivogal. Isso pode ocorrer em palavras como "mão", onde o "ão" pode ser percebido como um som que se aproxima de uma semivogal. (Andrade, 1993. pg.9); 3) Dialetos e Variedades Regionais: Em algumas regiões do Brasil, especialmente no Nordeste, essa

vocalização é mais comum e faz parte da identidade linguística local. As variações regionais enriquecem a língua e refletem a diversidade cultural. (Câmara Jr. 1989, pg.38).

Podemos dizer que em nosso estudo a variante mais usada na fala dos manauaras é a [-ndu], a maioria dos informantes utilizam como norma padrão de uso em sua fala natural, isso quer dizer que nem toda variante eleita pelos seus falantes como norma padrão de uso, é uma variante de alto prestígio ou que obedece as normas convencionais da língua portuguesa.

Ao final de cada categoria analisada, disponibilizamos uma tabela com todos os fatores da mesma categoria, apresentando resultado geral com peso relativo, input e significância. (Araújo, 2019, p. 143)

Carta morfofonológica 2 -Terminação verbal de 1ª conjugação

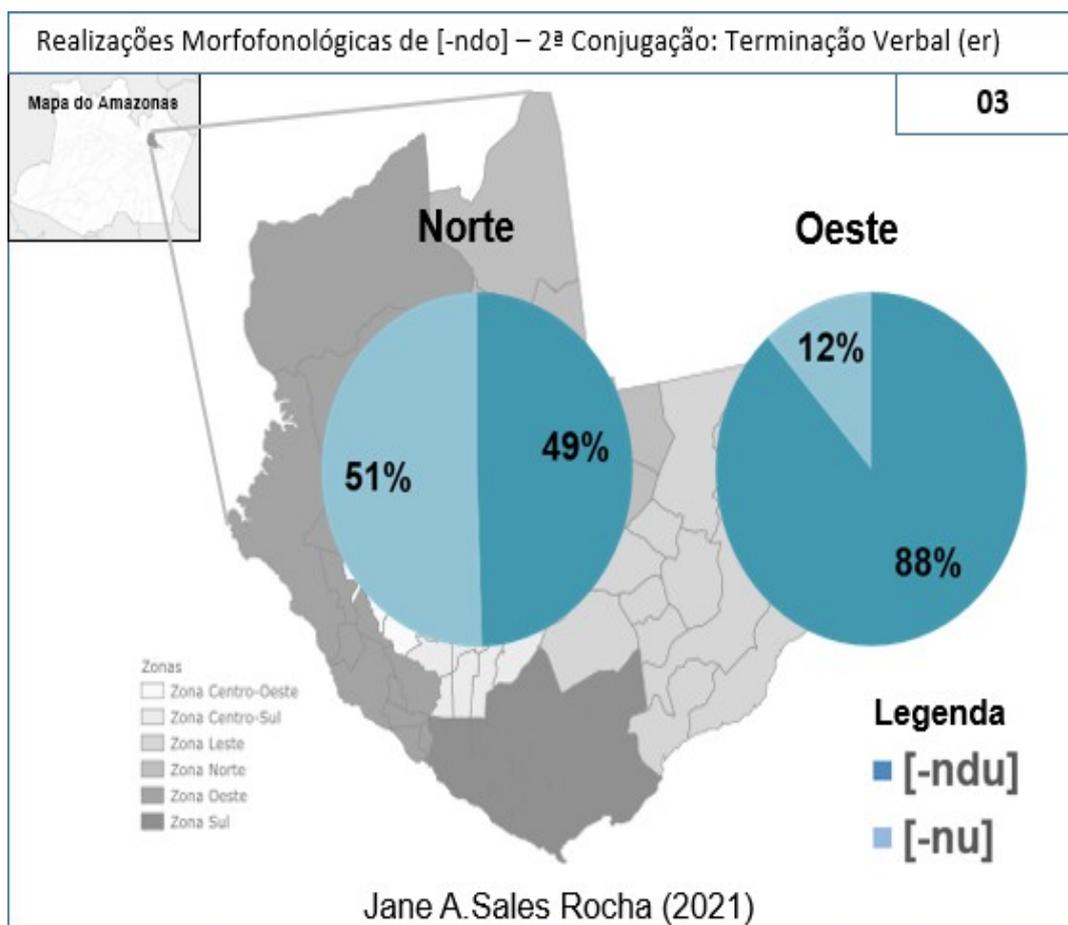


Fonte: Dados da pesquisa

As terminações verbais se apresentam nas gramáticas para definir em qual conjugação um determinado verbo está. De acordo com carta 02, a 1ª conjugação cuja terminação é (-ar) ou vogal temática - A, mostra que o fenômeno estudado é mais produtivo na zona mais afastada do centro da cidade. A zona oeste apresenta menor produtividade para regra do apagamento,

enquanto, que a Zona Norte exibe maior produtividade para o uso da variante [-nu], com 56% do percentual. Enquanto 44% dos entrevistados utilizam a variante [-ndu]. A zona oeste apresenta somente 13% para ocorrência do fenômeno, ou seja, baixa produtividade, mas fazem uso da variante [-ndu] com maior frequência. De acordo com os resultados a forma de apagamento [-nu] se mostra relevante nos verbos gerundivos da 1ª conjugação na zona Norte.

Carta morfofonológica 3 - Terminação verbal de 2ª conjugação

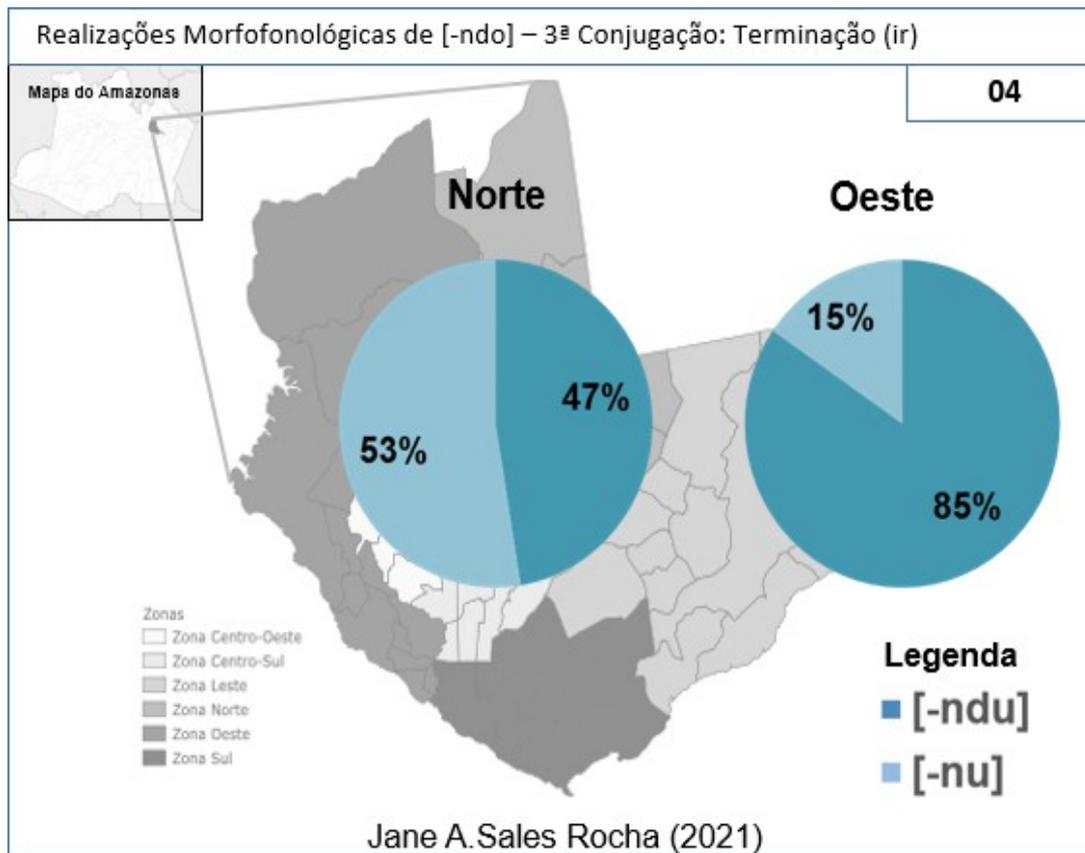


Fonte: Dados da pesquisa

Referente à 2ª terminação (-er) da carta 03 apresentou um resultado relevante para a regra do apagamento. A segunda conjugação é um desses modelos, no qual se encaixam todos os verbos regulares terminados em -er, ou seja, que possuem a vogal temática e. O modelo de conjugação verbal define as terminações nas diferentes pessoas, modos e tempos verbais. A Zona Oeste apresentou um percentual baixo para ocorrência do fenômeno do apagamento da oclusiva /d/, que podemos considerar como um quantitativo baixo. Em relação ao uso da

variante [-ndu] nesta localidade, foi alto com percentual de 88%. A zona norte apresenta um percentual de 51% para ocorrência do fenômeno do apagamento de /d/ em morfema de gerúndio, ou seja, alta frequência da forma elidida [-nu] e 49% para o uso da variante [-ndu], o que nos leva a considerar que a 2ª conjugação, principalmente na zona norte da capital, influência a regra do apagamento em morfema de gerúndio.

Carta morfofonológica 4 - Terminação verbal de 3ª conjugação.



Fonte: Dados da pesquisa

Na 3ª terminação verbal (-ir), da carta 04 do Mapa 7, apresenta um resultado bastante produtivo para o apagamento da oclusiva /d/ em morfema de Gerúndio na fala manauara. A zona norte apresenta produtividade para ocorrência do fenômeno do apagamento, com percentual de 53% para o uso da variante [-nu] e 47% para o uso da variante [-ndu]. Na zona oeste 85% fazem uso da variante [-ndu], já para forma elidida [-nu], apresenta alta produtividade para aplicação da regra da variável. De modo geral, os resultados da forma de apagamento [-nu] se apresentam bastante promissor nos verbos gerúndios da 3ª conjugação na

fala manauara dos informantes da zona norte de Manaus.

Tabela 02 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema degerúndio: terminação verbal.

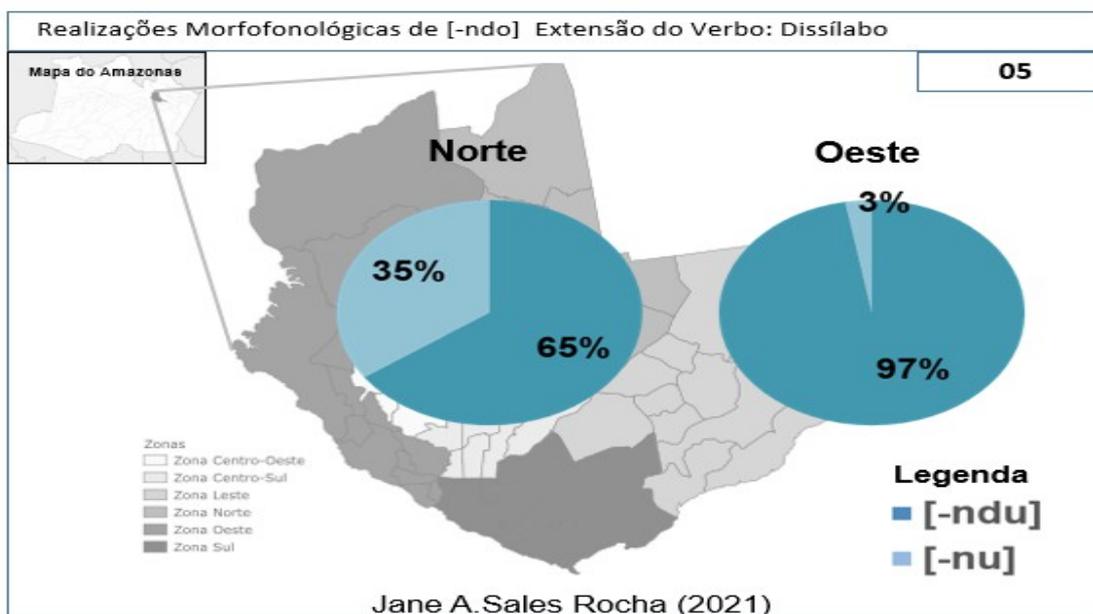
Tabela 02 - Atuação da variável Terminação Verbal no uso do -ndu

T.Verbal U/R	[-ndu]	%	[-nu]	%	Total	PR	Input	Significancia
1ª -ar	607	64,9	329	35,1	936	0,554		
2ª -er	273	68,9	123	31,1	396	0,577	0,865	0,008
3ª -ir	301	64,3	167	35,7	468	0,333		

Fonte: Dados da pesquisa

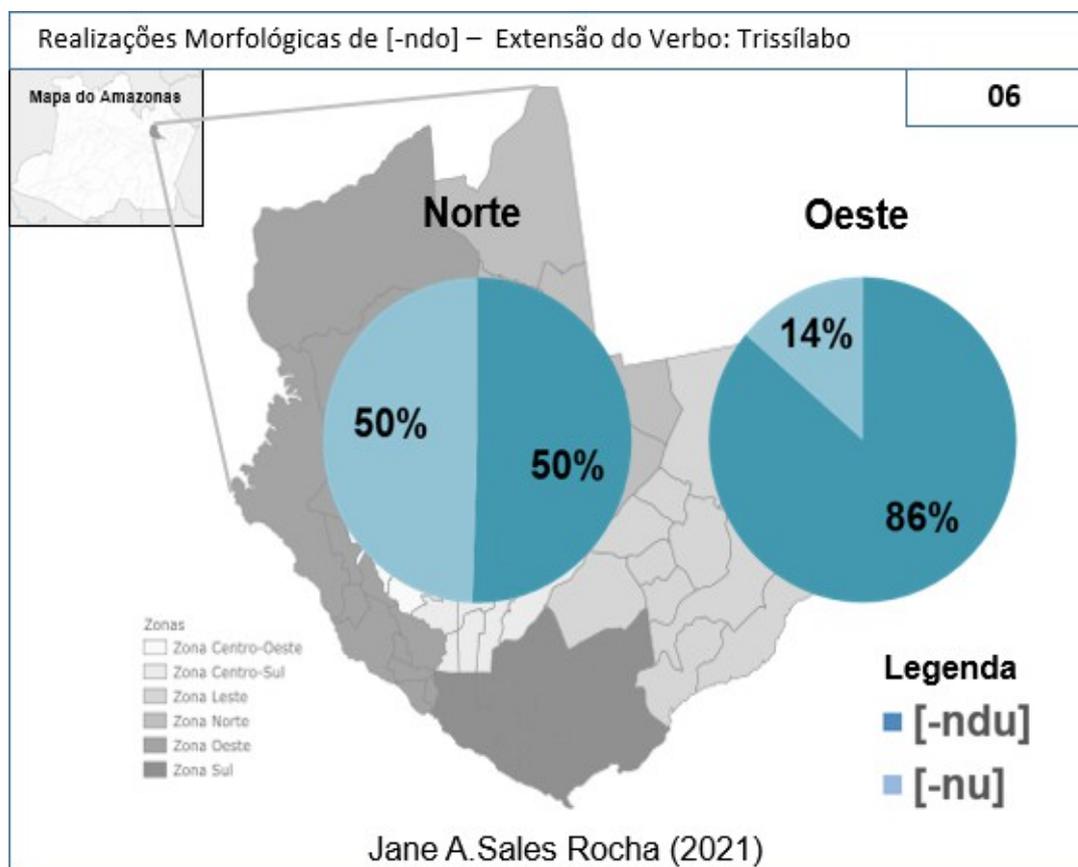
Observando a Tabela, de modo geral, verificamos o desempenho muito próximo da 1ª conjugação e da 2ª terminação verbal que representa a variável [-nu], com peso relativo da primeira conjugação de 0.554 e da segunda conjugação com 0.577, apresentando proximidade nos resultados. Já a 3ª conjugação, o resultado é bem mais relevante, com peso relativo de 0,333, para realização do apagamento. Diferente dos resultados de Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), que concluem que o processo é desfavorecido quando antecedido de /i/, ou seja, verbos da 3ª conjugação. Em nossa pesquisa, verificamos que a 1ª, 2ª e 3ª conjugação favorece o apagamento da oclusiva [d] em morfema de gerúndio, refutando nossa hipótese de que a 3ª conjugação é um fator determinante para o apagamento de /d/ em morfema de gerúndio. Os nossos resultados mostram que nas três terminações podem ocorrer o fenômeno, não apenas em uma, mas a terceira se sobressai levemente. Vale ressaltar que o referido grupo de fatores não está entre os melhores resultados sugeridos pelo programa estatístico. Com relação à categorização, a terminação verbal ocupou o 6º lugar na ordem dos fatores.

Carta morfofonológica 5 - Extensão verbal: dissílabo



De acordo com carta 05, é possível observar um menor desempenho da variável [-nu] nos verbos dissílabos. A zona Oeste, com 3% das ocorrências não teve produtividade para a variável [-nu] como podemos verificar em seus resultados, já para variante [-ndu], percebemos grande produtividade. A Zona Norte, área mais distante do centro da capital, tivemos um favorecimento moderado, apresentando 35% das ocorrências para a forma elidida [-nu] e 97% para variante [-ndu].

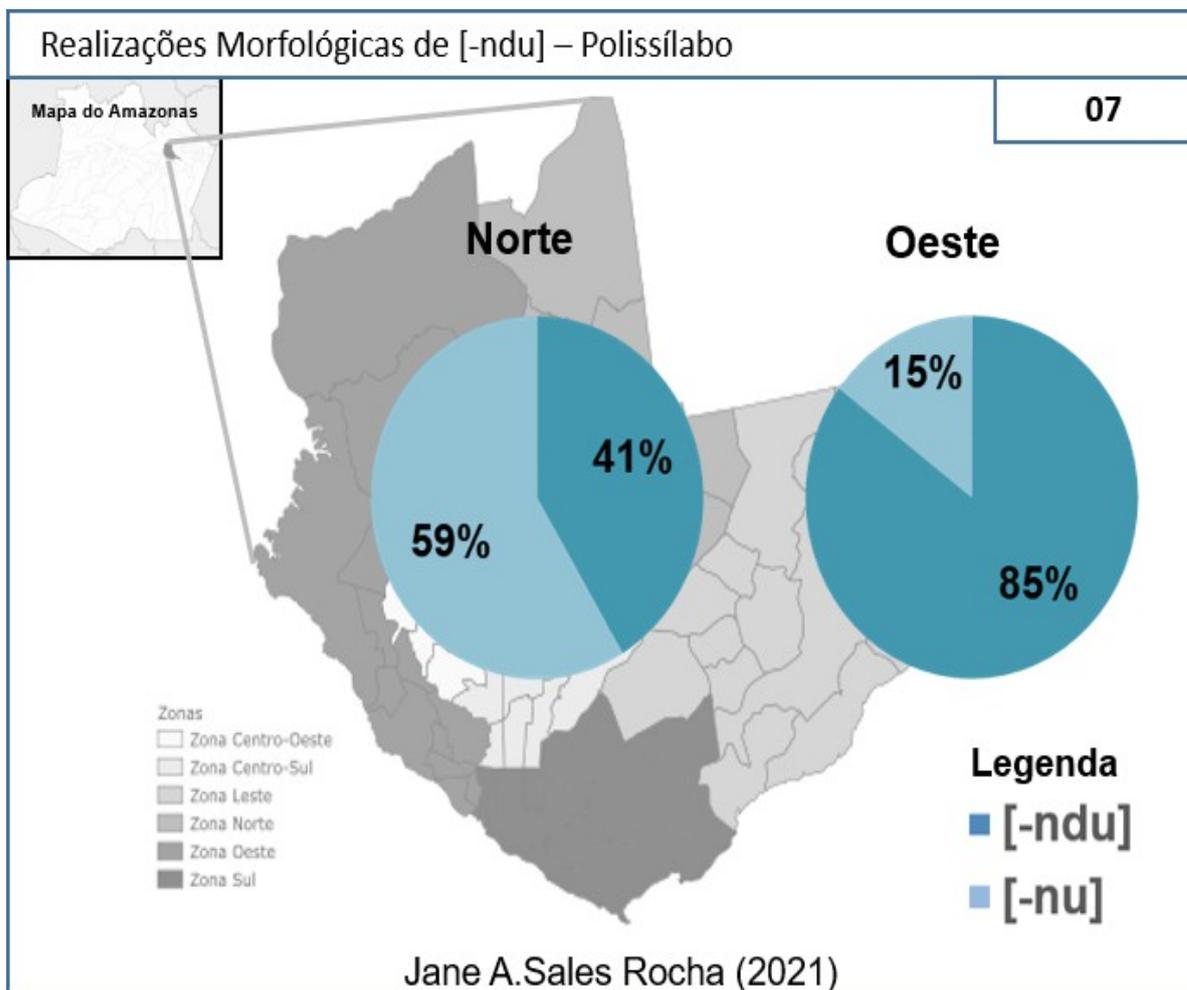
Carta morfofonológica 6 - Extensão verbal: trissílabo



Fonte: Dados da pesquisa

Verificamos na carta 06 do Mapa seis, que os vocábulos trissílabos na zona Norte, apresentam um favorecimento na realização do apagamento da oclusiva [-nu]. Já na zona Oeste, apresentou um grande desfavorecimento para forma elidida [-nu]. A terceira conjugação é um dos três modelos fixos de conjugação verbal, juntamente com a primeira conjugação e a segunda conjugação. Todos os verbos regulares terminados em -ir, ou seja, que possuem a vogal temática i, encaixam-se no modelo da terceira conjugação, apresentando as terminações definidas para as diferentes pessoas, modos e tempos verbais. Em suma, o resultado geral nos leva a concluir que os verbos trissílabos influenciam a forma reduzida do gerúndio.

Carta morfofonológica 7 - Extensão verbal: Polissílabo



Fonte: Dados da pesquisa

Analisando a carta 07, verificamos o favorecimento dos verbos polissílabos na zona norte da cidade, com percentual de 59% que conduzem ao apagamento da variável [-nu] e 44% faz uso da variante [-ndu]. A zona oeste continua não apresentar dados expressivos na realização do apagamento da oclusiva [d] em morfema de gerúndio, temos 15% das ocorrências para [-nu]. Consideramos o termo polissílabo para palavras com quatro ou mais sílabas. Desse modo, constatamos que os verbos polissílabos revelaram forte influência sobre o fenômeno estudado na zona norte da cidade de Manaus. A seguir faremos uma análise geral da extensão dos verbos, levando em consideração o peso relativo desse grupo de fator, conforme exposto na tabela 3.

Tabela 03 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema degerúndio: Extensão verbal.

Tabela 03 - Atuação da variável Extensão do Verbo

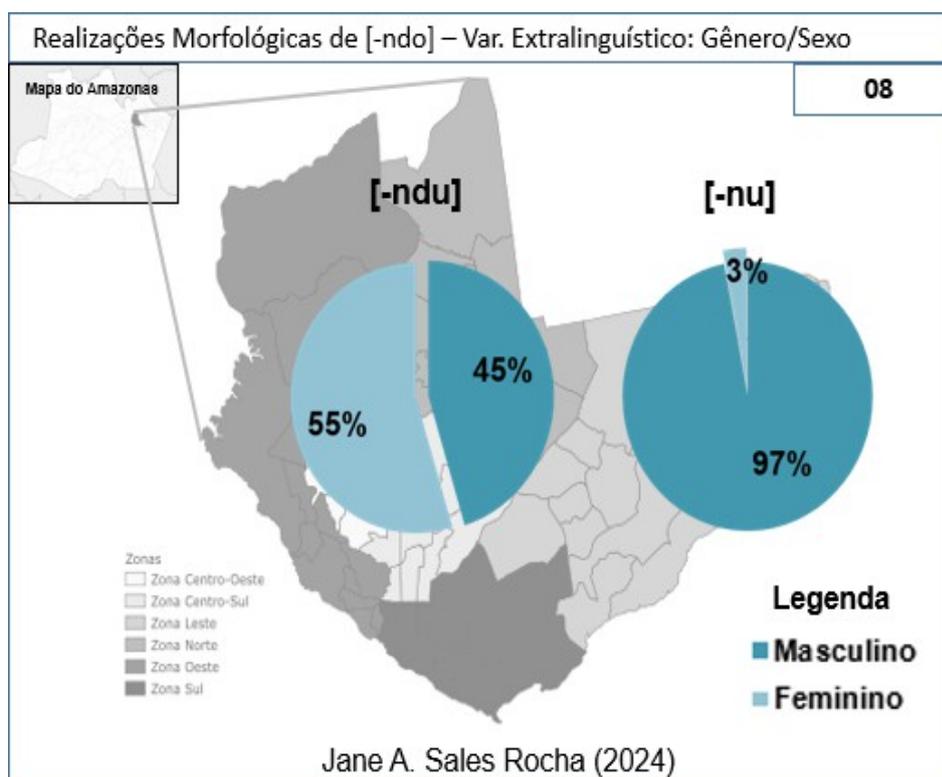
Extensão do Verbo	[-ndu]	%	[-nu]	%	Total	PR	Input	Significancia
Dissílabo	117	81,2	27	18,8	144	0,930		
Trissílabo	560	67,6	268	32,4	828	0,564	0,865	0,008
Polissílabo	504	60,9	324	39,1	828	0,330		

Fonte: Dados da pesquisa

Na tabela 03 que apresenta dados sobre a extensão do verbo, podemos destacar as três terminações verbais as quais tivemos bastante expressividade, porém o destaque é para os verbos polissílabos que apresentam uma leve acentuação das demais. Verbos dissílabos apresentam peso relativo de 0,930, verbos trissílabos com 0,564 e os verbos polissílabos com 0,330 como o mais produtivo se levar em consideração as realizações da variável [- nu]. Porém em relação ao peso relativo, contudo, há uma discrepância em seu resultado. O peso relativo revela que os polissílabos têm maior chance de influenciar o apagamento do [d] no morfema de gerúndio, conforme apresentamos na tabela supracitada. Para Guy e Zilles (2007). Scherre (1993) o nível de significância corresponde à margem de erro de até 5%, ou seja, indica o grau de confiabilidade referente aos resultados produzidos pelo programa estatístico GoldVarb X. Mollica e Mattos, (1992) confirmam o favorecimento dos verbos polissílabos para o apagamento, afirmam ainda que quanto mais extenso o item for, a chance de /d/ ser apagado é maior. “Se o nível de significância for acima deste valor, previamente arbitrado, os resultados não são considerados estatisticamente significativos.” (Scherre, 1993, p.27). Esses dados confirmam nossa hipótese de que os verbos polissílabos tendem a favorecer o apagamento da oclusiva /d/ em morfema de gerúndio.

De acordo com Tarallo (1998), são os fatores externos que possibilitam maiores perspectivas de análise da linguagem. Sendo assim, o encaixamento das variáveis sociais é de extrema importância principalmente em relação à normatização e a standardização linguística. Seguimos agora, para variáveis sociais:

Carta morfofonológica 8 – Fator Extralinguístico: Sexo masculino/Feminino



Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se na carta 8, do Mapa oito, que o fenômeno do apagamento na zona oeste neste grupo de fator é bastante relevante, 97% das ocorrências da variante [-nu], foram realizadas pelo discurso masculino e apenas 3% para a fala feminina. As ocorrências para a variante [-ndu] com bastante produtividade para a fala das mulheres, que adotam maior resistência às mudanças e preservam as variantes de alto prestígio em seu vernáculo. Conclui-se, portanto, com esse resultado, que os homens estão mais sujeitos às mudanças linguísticas e são mais influencias na aquisição de variantes menos prestigiosa em seu discurso diário culminando na representação de um fator influenciador para o apagamento de /d/ em morfema formador de gerúndio na fala manauara. .

Tabela 04 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema de gerúndio: Sexo.

Tabela 04 - Atuação da variável Sexo no uso do -ndu

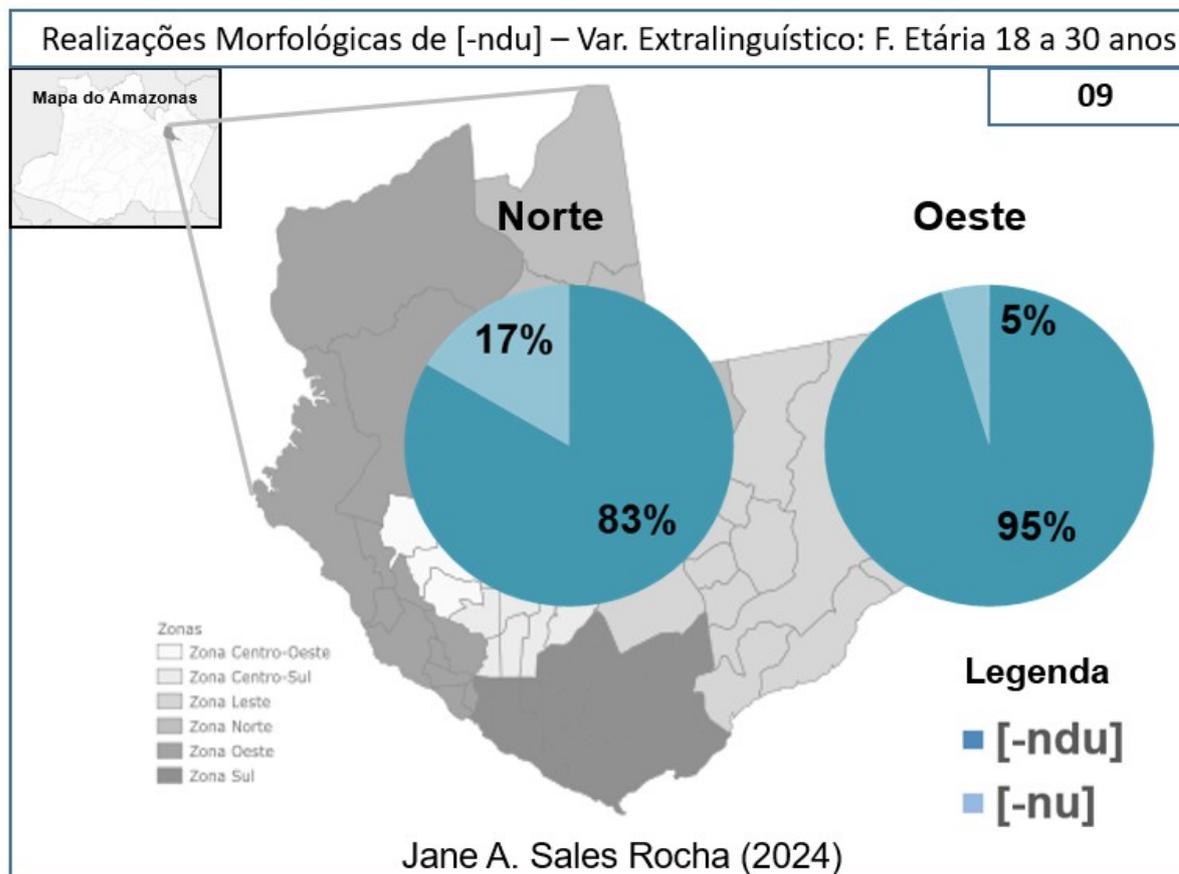
Fatores	[-ndu]	%	[-nu]	%	Total	PR	Input	Significancia
F	746	93,2	54	6,8	800	0,938	0,865	0,008
M	435	43,5	565	56,5	1000	0,103		

Fonte: Dados da pesquisa

A nossa análise coaduna com estudos importantes sobre influência do gênero feminino. O estereótipo de que as mulheres são mais polidas e conservadas que os homens se concretiza nos dados coletados para esta investigação. De acordo com estudos sociolinguísticos, tais como os do linguista Labov (2008), as mulheres usam de preferência mais variantes de prestígio que os homens. Em nossa pesquisa, confirmamos esta hipótese levantada anteriormente, de que as mulheres engajaram em estilos mais monitorado que os homens, levando em conta que essas variações estão relacionadas ao ambiente em que os usuários se encontram, e neste estudo, estamos apresentando a “fala urbana”.

Segundo Mollica (2004 p.35) a análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de necessariamente fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala. Na abordagem de Labov (2008) sobre as variações linguísticas existentes em grupos sociais, diz que o discurso cuidado, que é aquele que apresenta maior grau de formalidade que em outras conversações, as mulheres apresentam menos variantes estigmatizadas do que os homens e parecem ser mais sensíveis nos valores sociais que condicionam o uso da língua. E nosso estudo confirma que os homens estão mais suscetíveis as mudanças linguísticas, usam com maior frequência as variantes que não estão dentro de uma linguagem considerada prestigiosa enquanto as mulheres por sua vez, estão preservando com maior frequência a norma considerada “alto padrão” e estão mais resistentes as mudanças.

Carta morfofonológica 9 – Fator Extralinguístico: Faixa Etária 18 a 30 anos.

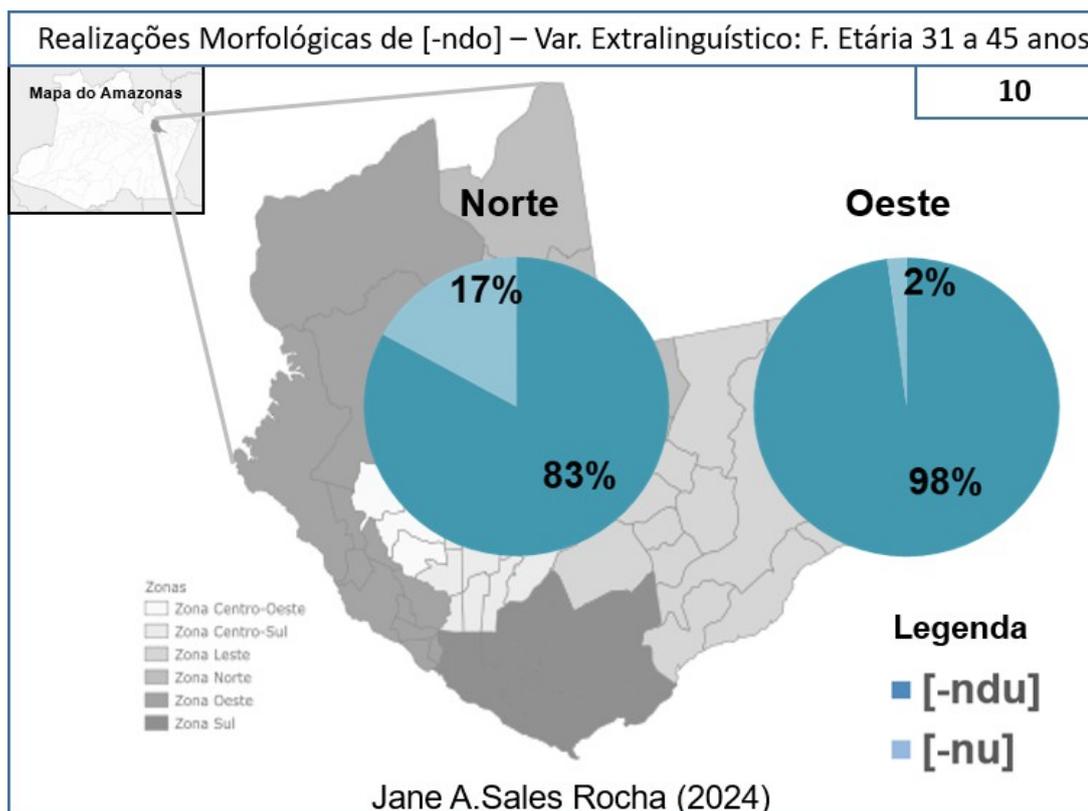


Fonte: Dados da pesquisa

Conforme observamos na carta 09 do Mapa nove, a faixa etária I de (18 a 30 anos), na zona norte, a forma elidida [-Nu] do gerúndio se mostrou moderada, com 17%. Na Zona Oeste, a variante [-Nu], não se mostrou produtiva com porcentagem de 5% e 95% para variante [-Ndu]. O fator faixa etária é importante, porque dificilmente o pesquisador acompanhará por anos a evolução de determinada variável dentro da comunidade, sendo possível assim alcançar a mesma dimensão na pesquisa das mudanças linguísticas dentro da comunidade através da observação linguística de diferentes faixas etárias. Os jovens geralmente estão mais sujeitos a mudanças, porém em nosso estudo, o resultado foi diferente, essa faixa etária, preserva mais a liguagem rebuscada, talvez porque esses jovens tenham mais acesso a leitura e isso vai implicar na resistência em não utilizar variantes de baixo prestígio social. Ferreira (2010) confirmar que os falantes mais jovens empregam mais a variante de prestígio em relação às outras faixas etárias. Contudo, somente uma análise em tempo real esclarecerá se realmente se trata de uma mudança linguística ou se o fenômeno consiste numa variação própria de graduação etária. Segundo o autor, toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação

representa mudança. É importante insistir na advertência de Labov (1994, apud Monteiro, 2000), segundo a qual as distribuições em termos de faixa etária podem não representar uma mudança na comunidade como um todo, mas apenas ser um padrão característico de determinada idade que se repete em cada geração.

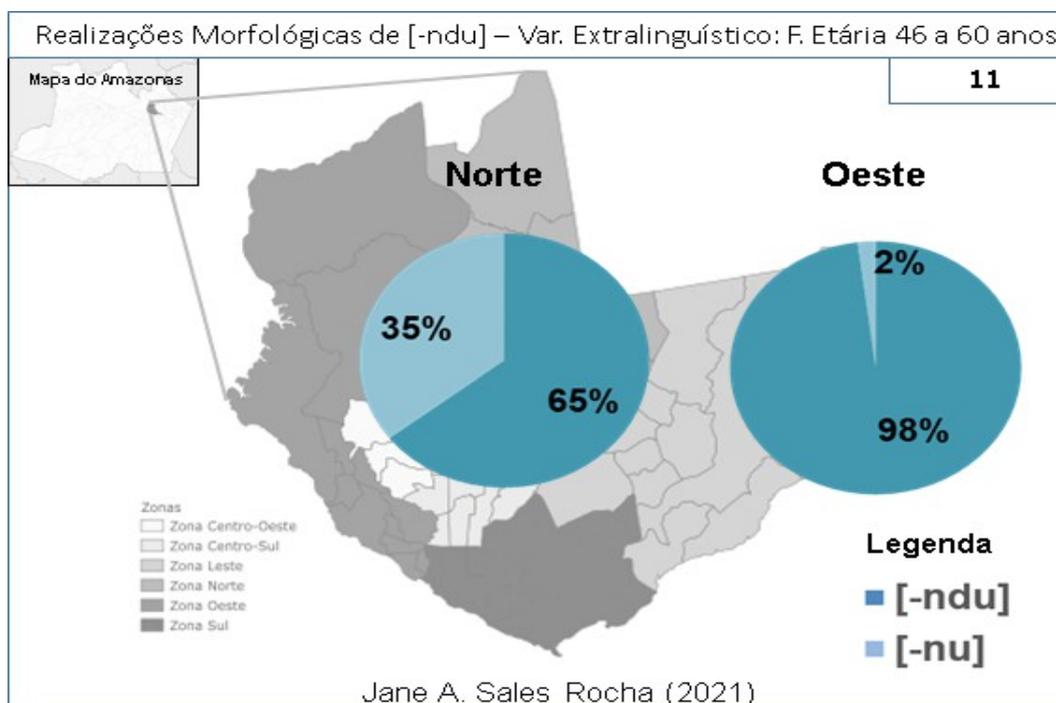
Carta morfofonológica 10 – Fator Extralinguístico: Faixa Etária 31 a 45 anos.



Fonte: Dados da pesquisa

Conforme observamos na carta 10 do Mapa dez, a faixa etária II de (31 a 45 anos), a forma elidida [-Nu] do gerúndio se mostrou moderada, com 17% de produtividade na zona norte. Na zona oeste, a variante [-Nu], não se mostrou produtiva com porcentagem de apenas 2%. Diante deste resultado podemos concluir que os adultos que residem nos bairros mais próximos ao centro da cidade são mais resistentes às mudanças linguísticas e preservam como norma padrão de uso a liguagem mais prestigiosa. Enquanto que as mulheres estão mais sijeitas as mudanças, mais suscetíveis ao uso de novas variantes, estando ou não dentro da norma padrão de uso. Nem toda variante utilizada como norma padrão de uso é a variante de alto prestígio, ou seja, a variante que obedece aos padrões e regras gramaticais.

Carta morfofonológica 9 – Fator Extralinguístico: Faixa Etária 46 a 60 anos.



Fonte: Dados da pesquisa

Na carta 11, os resultados da faixa etária III (46 a 60 anos), percebemos um índice maior das realizações da forma elidida na zona norte, 35% estão relacionadas à variável [-nu], favorável à manutenção do [d] em morfema de gerúndio. Já na zona oeste o apagamento da oclusiva não foi muito produtivo, somam-se 2% das ocorrências para forma elidida [-nu]. O resultado da nossa pesquisa mostra que os mais velhos estão mais sujeitos às mudanças linguísticas, isso ocorre por vários motivos. Ao longo da vida, as pessoas desenvolvem hábitos de fala e escrita que se tornam parte de sua identidade. Mudanças na língua podem parecer estranhas ou desnecessárias, especialmente se já estão acostumados a uma forma de comunicação. Em nosso estudo percebemos que os mais velhos estão mais flexíveis e deixaram de ver as mudanças na língua como uma ameaça à tradição e ao patrimônio cultural.

Para termos um resultado definitivo da realização do apagamento, analisamos a tabela 05, pois nela podemos ter uma visão geral das realizações da faixa etária em relação ao fenômeno estudado.

Tabela 4 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema degerúndio: faixa etária.

Tabela 4 - Atuação da variável *Idade* no uso do *-ndu*

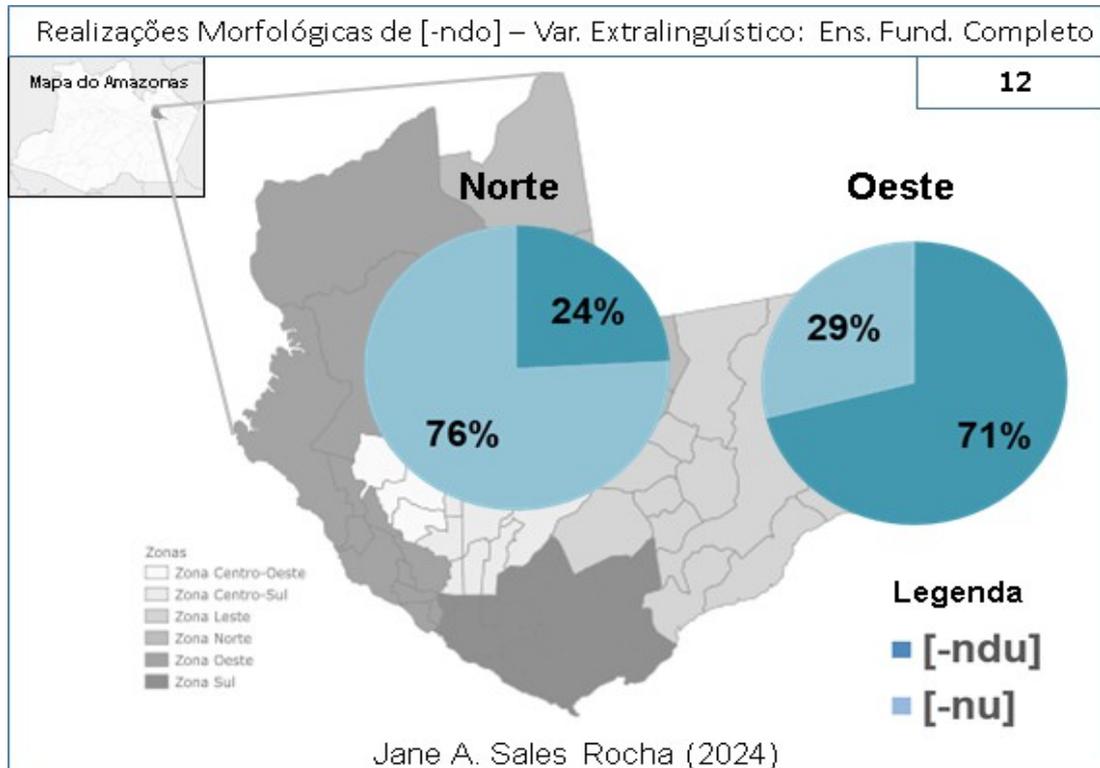
Fatores	[-ndu]	%	[-nu]	%	Total	PR	Input	Significancia
18-30 anos	448	89,6	52	10,4	500	0,920		
31-45 anos	440	80,0	110	20,0	550	0,764	0,865	0,008
46-60 anos	293	39,1	457	60,9	750	0,077		

Fonte: Dados coletados pela autora para realização desta pesquisa.

Analisando a Tabela 05, verificamos que há favorecimento do apagamento na fala manauara independente de faixa etária, contudo, na faixa etária [46-60] é mais expressivo. O peso relativo apresenta um valor próximo ao que é considerado relevante para a pesquisa, com 0,077. O resultado da nossa pesquisa diverge com os estudos de Willian Labov (2008), que mostra em seus estudos que os idosos preservam as variantes de alto prestígio e que, portanto possui resistência às mudanças que ocorrem na língua, isso quer dizer que preservam com mais afinco a norma culta, ou seja, não estão sijeitos as mudanças com facilidade.

Ferreira (2010) concluiu que quanto mais velho, menor será a realização da aplicação do apagamento, isso ocorre porque a forma como as pessoas aprendem a língua e o contexto em que foram educadas influenciam a reistir as mudanças. Aqueles que cresceram em ambientes onde normas linguísticas eram rigorosamente seguidos podem ter mais dificuldade em aceitar novas formas. Portanto, nossa hipótese de que os mais velhos favorecem o apagamento da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio {-ndo} na fala manauara foi confirmado, logo, o resultado da variável faixa etária em nossa pesquisa é favorável à regra de aplicação.

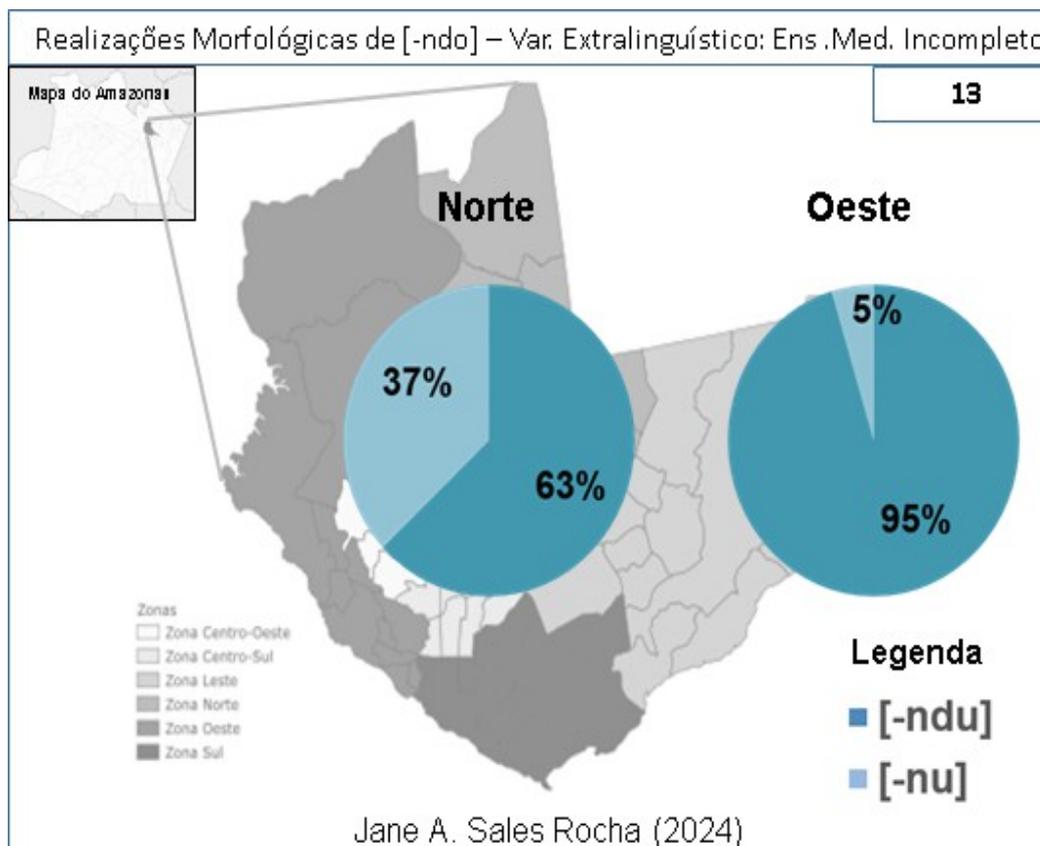
Carta morfofonológica – Fator Extralinguístico: Escolaridade Ens. Fund. Completo.



Fonte: Dados da pesquisa

Na carta 12, apresentamos o resultado do fator escolaridade: Ensino Fundamental Completo. Estes informantes que concluíram o ensino fundamental apresentam resultado bastante significativo, 76% dos entrevistados usam a forma elidida [-nu], demonstrando alta produtividade para o uso desta variante e 24% dos informantes usam a variante [-ndu]. A zona oeste apresenta produtividade moderada para uso para forma elidida [-nu] com porcentagem de 29% e 71% para variante [-ndu]. E essa variação linguística entre as pessoas menos escolarizadas pode ser atribuída a vários fatores que influenciam a forma como falam e se comunicam. O acesso limitado à Educação pode ser um desses fatores que influenciam no uso de variantes mais populares, o que pode resultar em um vocabulário mais restrito e em um uso menos rigoroso das normas gramaticais. Outra situação que pode influenciar é o contexto familiar, muitas vezes, os pais possuem baixa escolaridade ou nunca estudaram e o ambiente em que esses jovens crescem, incluindo a linguagem utilizada por familiares e amigos, influencia diretamente em sua forma de se expressar. Se a comunicação no lar é mais coloquial ou informal, isso se reflete na fala deles. (Alves, 2024, p. 97)

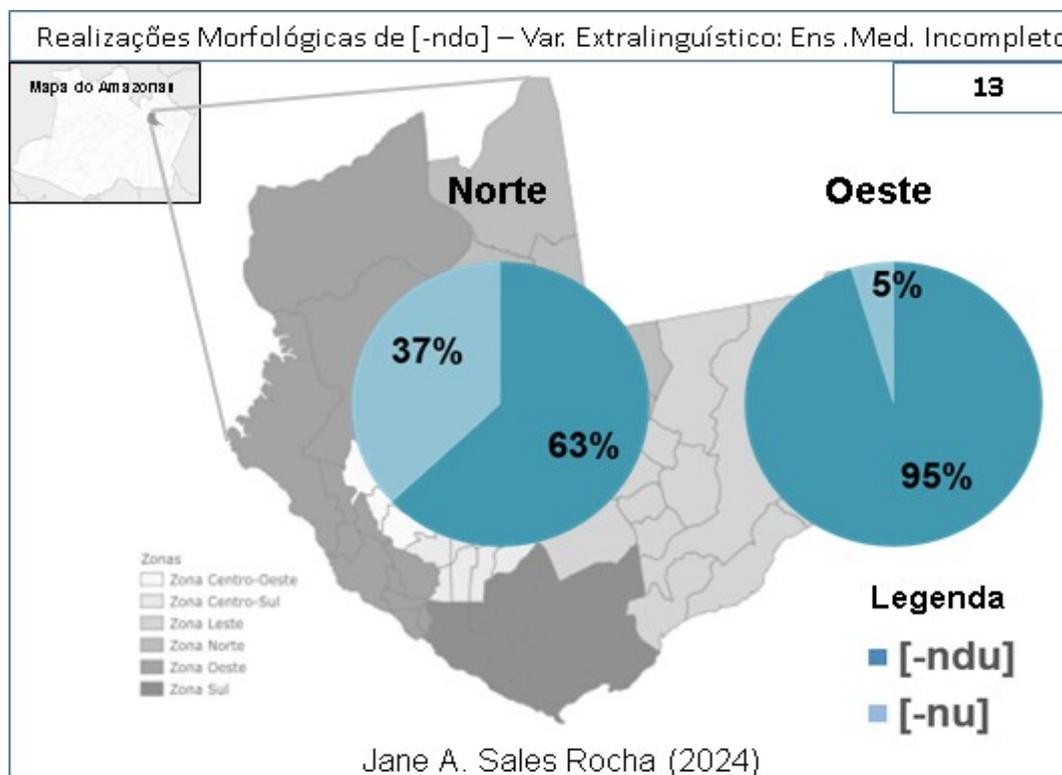
Carta morfofonológica – Fator Extralinguístico: Escolaridade Ens. Med. Incompleto.



Fonte: Dados da pesquisa

O resultado apresentado na carta 13, a zona norte apresenta uma forte tendência para realização do apagamento de [-nu], com porcentagem de 37% e 63% para o uso da variante [-ndu]. Na zona oeste, tivemos uma baixa produtividade para o fenômeno do apagamento, ou seja, ao uso da variante [-nu] com percentual de 5% e para o uso de [-ndu] 95% de porcentagem. A linguagem é uma forma de expressar identidade. Os adultos podem usar variantes linguísticas específicas para se identificar com grupos sociais, criando um senso de pertencimento e solidariedade entre eles. Em alguns casos, pode haver uma falta de interesse ou valorização pelas normas da língua padrão, levando a um uso mais livre e criativo da linguagem.

Carta morfofonológica – Fator Extralinguístico: Escolaridade Ens. Med. Completo.



Fonte: Dados da pesquisa

A carta 12 apresenta a zona norte com uma forte tendência para realização do apagamento [-nu], com porcentagem de 37%. Na zona oeste não tivemos produtividade para a forma elidida [-nu], com apenas 5% das ocorrências. A resistência pode também estar ligada ao desejo de manter um senso de comunidade e pertencimento. Mudanças linguísticas podem criar divisões entre diferentes gerações ou grupos sociais e geralmente as pessoas mais escolarizadas conseguem ter essa percepção e isso, pode causar incerteza sobre como se comunicar corretamente, levando a uma resistência por medo de cometer erros ou não ser compreendido.

Tabela 5 – Resultado geral da aplicação da regra das variantes [-ndu] e [-nu] no morfema degerúndio: escolaridade.

Fatores	[-ndu]	%	[-nu]	%	Total	PR	Input	Significancia
Fundamental Completo	327	40,9	473	59,1	800	0,407		
Ensino Médio Incompleto	412	82,4	88	17,6	500	0,453	0,865	0,008
Ensino Médio Completo	442	88,4	58	11,6	500	0,588		

Fonte: Dados da pesquisa

Fazendo uma análise geral da variável em questão nos pontos estudados, verificamos que o menor grau de escolaridade é o que mais utiliza as variantes de menor prestígio. Ferreira (2010) comprova em seus resultados que quanto menor o nível de escolaridade maior será o favorecimento do apagamento da oclusiva /d/, e em nosso estudo o resultado também, revela o mesmo resultado, a saber: A escolaridade I (Ensino Fundamental Completo) e escolaridade II (Ensino Médio Incompleto) se mostraram mais produtivas nestes dois níveis. Partimos da hipótese de que quanto menor o nível de escolaridade, maior chance de favorecimento da aplicação da regra do apagamento da oclusiva /d/ em morfema de gerúndio.

De acordo com a tabela 6, o peso relativo 0.407 revela que os informantes de menor escolaridade apresentam alta frequência de uso da variante [-nu] em relação aos outros fatores. Já para os informantes de escolaridade mais elevada, os resultados do peso relativo foram de 0.453 para Ensino Médio Incompleto e 0,588 para o Ensino Médio Completo, constatando que os informantes com menor escolaridade apresentam alta frequência no uso da variante [-nu].

Evidentemente, que esse resultado deixa uma lacuna que merece ser investigada de forma mais aprofundada, levando em consideração aspectos relevantes como selecionar informantes de classes sociais diferentes, em contextos de fala diversos e outros níveis de escolaridade. Os indivíduos mais escolarizados poderiam apresentar maior flexibilidade para introdução de novas variante, pois estão frequentemente mais sujeitos às mudanças linguísticas por várias razões: 1) acesso à educação: poderia contribuir para flexibilidade do uso de novas variantes. 2) Possuem mais acesso a diferentes formas de ensino e à leitura. Isso as expõe a uma variedade maior de estilos e registros linguísticos, permitindo que

absorvam novas formas de expressão e se adaptem a elas. 3) O fato dos indivíduos mais escolarizados interagirem com uma diversidade maior de pessoas em contextos menos formais, onde novas palavras, gírias e expressões são frequentemente utilizadas. Essas interações podem levar à adoção de novas formas linguísticas e ainda assim, não acontece, porque os indivíduos preferem manter uma fala mais monotona e linguagem mais rebuscada.

Diante das considerações aqui expostas, acreditamos ter alcançado todos os nossos objetivos, que é de descrever a realidade linguística de duas zonas localizadas na cidade de Manaus, estado do Amazonas, com enfoque prioritário na identificação do processo de apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema /ndo/ formador de gerúndio, resultando nas variantes [-nu] e [-ndu]. A norma de uso desta localidade pela frequência e distribuição regular, se dar pela variante [-ndu] que é a mais usada em contextos de fala dos informantes participantes deste estudo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi realizado no município de Manaus, capital do estado Amazonas, selecionamos seis bairros (Novo Aleixo, Monte das Oliveiras, Nova Cidade, Bairro da Glória, Compensa e Santo Antônio) distribuídos em duas zonas da cidade (zona norte e zona oeste), a escolha foi realizada com cautela, pois escolhemos três bairros que fossem afastados da área central e três bairros afastados desta área central. Os bairros afastados abrigam aquelas pessoas que possivelmente vieram do interior do estado em busca de uma melhor colocação no mercado de trabalho, uma vez que a capital dispõe de um polo industrial que oferece emprego a esta população, fazendo com que eles permaneçam mais tempo em um único local e muitas vezes por uma vida inteira. Já os bairros que beiram a orla da cidade, abrigam geralmente as pessoas que vem de outro estado e até de outros países, talvez por falta de conhecimento das áreas mais distantes, sempre permanecem nos locais mais centrais, pois geralmente estabelecem metas e quando alcançam voltam para seus locais de origem. Trabalhamos o modo de falar do povo dessa região com enfoque prioritário na identificação do processo de apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {ndo} formador de gerúndio, resultando nas variantes [-nu] e [-ndu].

As variantes linguísticas [-nu] e [-ndu] são formas que podem aparecer em diferentes dialetos do português, especialmente em algumas regiões do Brasil.

A forma [-nu] é frequentemente associada a um modo mais tradicional ou arcaico de pronunciar certas palavras, especialmente em contextos informais ou coloquiais. Por exemplo, é comum ouvir "caminho" sendo pronunciado como "caminhu" em algumas regiões, onde a nasalização se destaca. Já a variante [-ndu] tende a ser mais comum em contextos onde a influência de outras línguas ou culturas é forte, ou em áreas onde a evolução da língua está mais marcada por mudanças fonéticas. Palavras que terminam com {-ndo}, como "andando", podem ser pronunciadas como "andandu" em algumas localidades. (Araújo, 2019, p. 128)

Para aplicação dos questionários da pesquisa, realizamos primeiro uma visita para conhecimento da área, para verificarmos os pontos críticos (áreas dominadas pelo tráfico), ou seja, verificar se precisaríamos de autorização para entramos nestes locais e realizar a pesquisa, pois geralmente acontece com bastante frequência o pedido de autorização de alguma facção dominante. Não foi o nosso caso, mas mesmo assim, procuramos seguir o protocolo. Não encontramos nenhuma dificuldade para aplicação do questionário e realização das entrevistas, pelo contrário quando nos identificávamos como “professora de Língua e Literatura de Portuguesa” da Universidade Federal do Amazonas, percebemos que atraíamos a admiração e respeito e nos recebiam de bom grado e cordialidade, sempre dispostos a contribuir com este estudo. Usamos como meio de transporte o carro da própria pesquisadora, levamos 60 dias para terminar a aplicação de todos os questionários, pois os nossos informantes principalmente os mais idosos, tinham dificuldade de entender as perguntas e frequentemente gostavam de contar suas histórias do passado e nesta oportunidade aproveitamos para gravar a fala natural e analisar a ocorrência do fenômeno e não tínhamos alternativa, se não, escutá-los e só depois retomávamos as perguntas e todo esse processo é cansativo.

Outro fator que resultou na demora foi justamente o fato de trabalhar o dia inteiro e ter tempo somente aos finais de semana, sou mãe de duas meninas, divorciada e toda responsabilidade está sobre mim. Contudo, conseguimos com êxito o nosso objetivo que era descrever a realidade sociolinguística do município de Manaus, especificamente o apagamento da oclusiva dental/d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio na fala manauara, como mencionado anteriormente. Trabalhamos com 36 informantes, sendo oito por ponto de inquérito e distribuídos por células sociais (sexo; faixa etária e escolaridade). Além das variáveis sociais, verificamos também a atuação das variáveis linguísticas, a conjugação verbal e a extensão do verbo. Queríamos saber quais fatores internos e externos influenciam nas ocorrências da variável em estudo. (Araújo, 2019, p.127)

Para tratar os fenômenos variáveis utilizamos o programa estatístico *GoldVarb X*,

versão criada por Sankof, Tagliamonte e Smith (2005). Com os resultados prontos, trabalhamos com o programa Excel 2010 para gerar os gráficos em formatos de pizzas com valores totais e percentuais arredondados para menos ou para mais. Os dados foram inseridos na carta através do Adobe Illustrator 2019, programa específico para este fim, utilizando um mapa preexistente. (Araújo. 2019, p.129).

Observadas as 1800 ocorrências verificamos o resultado para a manutenção [-ndu] e o fenômeno do apagamento [-nu]. Então, o programa *GoldVarb X*, selecionou a melhor rodada para a análise deste estudo os que estão no stepping up Run #22 e stepping down Run #44, e apresentaram um input de 0,998. A Série mostra que os quatro fatores que foram incluídos na análise (Grupos 3, 4,2 e 6, nesta ordem, conforme descrito no quadro 5- Codificação das variáveis, localizado na página 91 desta pesquisa) têm um efeito estatisticamente significativo (significance = 0,001, onde $p < 0,05$) na ocorrência da variável dependente. A figura também mostra a probabilidade de log (log likelihood) que mostra o quão bom o modelo se ajusta aos dados, cujo resultado foi de -117.006 (quanto mais próximo de “zero”, mais o modelo se adequa aos dados). É importante salientar, que a apresentação dos resultados seguiu a ordem que o programa selecionou como os grupos de maior probabilidade para ocorrência do fenômeno, por isso seguiu essa ordem, primeiro pelos fatores internos e posteriormente os fatores externos.

Analisando a variável interna que o programa *GoldVarb X* selecionou o grupo de fatores, Terminação Verbal ar, er, ir, de modo geral, verificamos o desempenho muito próximo da 1ª conjugação com 56% e 2ª terminação, 51% e 3ª terminação com 53%, resultado da zona norte. A zona Oeste apresenta baixa produtividade para ocorrência do apagamento, 1ª conjugação com 13% e 2ª terminação, 12% e 3ª terminação com 15%, diferente dos resultados que apresentamos. Para Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), o processo é desfavorecido quando antecedido de /i/, ou seja, verbos da 3ª conjugação tem maior probabilidade para ocorrência do fenômeno. Em síntese, verificamos que a 1ª, 2ª e 3ª conjugação favorece o apagamento da oclusiva [d] em morfema de gerúndio, refutando nossa hipótese de que a 3ª conjugação é um fator determinante para o apagamento do /d/ em morfema de gerúndio. Em nossa pesquisa, nas três terminações pode ocorrer o fenômeno, não apenas uma, porém a terceira sobressai levemente.

A segunda variável interna que o programa *GoldVarbX* selecionou, foi a Extensão da Forma Verbal, esta possui grande produtividade para ocorrência do fenômeno do apagamento em morfema formador de gerúndio na fala manauara. Os verbos dissílabos

apresentaram uma produtividade moderada para ocorrência do apagamento, com 35% das ocorrências, seguido dos verbos trissílabos com 50% das ocorrências, mostrando uma produtividade expressiva e por fim, os verbos polissílabos com uma porcentagem de 59% de chance para ocorrência do fenômeno. Isso quer dizer que o apagamento de /d/ em morfema formador de gerúndio [-ndo] na fala manauara pode ocorrer nas três extensões apresentadas, porém com maior expressão nos verbos polissílabos. Ressaltamos que este resultado é intrínseco da zona norte, onde obtivemos um resultado satisfatório. A zona oeste não apresentou resultado satisfatório, sendo verbos dissílabos 3%, verbos trissílabos 14% e por fim os polissílabos com 15%. Logo, podemos dizer que a zona oeste não foi favorável à aplicação da regra do apagamento na forma verbal de gerúndio. Em resumo, podemos confirmar nossa hipótese de que quanto maior a extensão do verbo, maior será a chance de ocorrer o fenômeno do apagamento de [-ndo] em morfema de gerúndio. Seguimos para apresentação da conclusão dos resultados das variáveis externas.

A variável Sexo, foi a primeira dos fatores externos selecionada pelo Goldvarb X, o que significa dizer que é uma variável bastante relevante para esse estudo, pois apresentou um resultado satisfatório para forma elidida [-nu]. Conforme a tabela 04 (pg.114), as mulheres, cujo peso relativo é 0938, tende a ser mais resistente às mudanças linguísticas, ou seja, adotou uma fala mais monitorada, resistente às mudanças, são mais conservadoras no uso da linguagem considerada “correta”. Os homens por sua vez, apresentou bastante produtividade para o fenômeno do apagamento da oclusiva /d/ em morfema formador de gerúndio, o que indica alta probabilidade de aplicação da regra, ou seja, favorecimento do uso da forma elidida [-nu]. Em nosso estudo, eles adotaram uma fala menos monitorada, por serem menos conservadores no uso da linguagem correta, os homens favorecem a aplicação de [-nu] e as mulheres, mais conservadoras, privilegiam o uso do [-ndu], o que pode ser inferido através de seu peso relativo. Isso implica dizer que os homens estão mais sujeitos às mudanças linguísticas e são mais influenciáveis na aquisição de variantes menos prestigiosas em seu discurso diário culminando na representação de um fator influenciador para o apagamento de /d/ em morfema formador de gerúndio na fala manauara.

Fazendo uma análise geral da variável em questão nos dois pontos estudados, verificamos que a exemplo de Ferreira (2010) que comprova em seus resultados que quanto menor o nível de escolaridade maior será o favorecimento do apagamento da oclusiva /d/, nossos estudos revelaram o mesmo resultado.

Em relação a variável Faixa Etária, percebemos o favorecimento do apagamento nas três faixas etárias escolhidas. Isso vai ocorrer independente da idade do informante, contudo, na faixa etária [46-60] apresenta maior expressividade. Com esses dados, o nosso resultado se contrapõe aos resultados apresentados por Willian Labov (2008), que mostra em seus estudos que os idosos preservam as variantes de alto prestígio e que, portanto possui resistência às mudanças que ocorrem na língua, isso quer dizer que preservam com mais afinco a norma culta, ou seja, não estão sijeitos as mudanças com facilidade. Ferreira (2010) concluiu que quanto mais velho, menor será a realização da aplicação do apagamento, isso ocorre porque a forma como as pessoas aprendem a língua e o contexto em que foram educadas influenciam essa resistência às mudanças. Aqueles que cresceram em ambientes onde normas linguísticas eram rigorosamente seguidas podem ter mais dificuldade em aceitar novas formas. Portanto, nossa hipótese de que os mais velhos favorecem o apagamento da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio {-ndo} na fala manauara foi confirmado, logo, o resultado da variável faixa etária em nossa pesquisa é favorável à regra de aplicação.

O fator escolaridade, a exemplo de Ferreira (2010) que comprova em seus resultados que quanto menor o nível de escolaridade maior será o favorecimento do apagamento da oclusiva /d/. Nosso estudo revelou também o mesmo resultado. A escolaridade I (Ensino Fundamental Completo) apresenta dados bastante produtivos para ocorrência do fenômeno do apagamento. A escolaridade II (Ensino Médio Incompleto) e escolaridade III (Ensino Médio Completo) se mostraram menos produtivas nestes dois níveis. Partimos da hipótese de que quanto menor o nível de escolaridade, maior chance de favorecimento da aplicação da regra variável do apagamento da oclusiva /d/. De acordo com nossos resultados, os informantes de menor escolaridade apresentaram alta frequência de uso da variante [-nu] em relação aos níveis de escolaridade. Os informantes de escolaridade mais elevada, Ensino Médio Incompleto e Ensino Médio Completo, se mostram mais resistentes as mudanças linguísticas. Evidentemente que esse resultado deixa uma lacuna que merece ser investigada de forma mais aprofundada, levando em consideração aspectos relevantes como selecionar informantes de classes sociais diferentes, em contextos de fala diversos e outros níveis de escolaridade.

Diante das considerações aqui expostas, acreditamos ter alcançado todos os nossos objetivos, como o de descrever a realidade linguística de duas zonas da cidade Manaus, localizado no Estado do Amazonas, com enfoque prioritário na identificação do processo de apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema /ndo/ formador de gerúndio, resultando

nas variáveis [-nu] e [-ndu] e apresentar a norma de uso da localidade pela frequência e distribuição regular. Verificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciaram as ocorrências de [-nu] e de [-ndu] e elaborar cartas morfofonológicas sobre as realizações fonéticas de /-ndo/. (Araújo, 2019, p.127).

Dessa forma o fator diatópico foi decisivo nos resultados deste estudo, pois a variável que se apresenta com maior expressividade na cidade de Manaus é a variável [-ndu] com 66% de produtividade em superioridade a forma elidida [-nu] com 34 % que trata do fenômeno do apagamento. Isso significa dizer que a norma de uso na cidade de Manaus é [-ndu], isso significa dizer que é a forma mais utilizada pelos falantes destas regiões onde o estudo foi realizado e ainda que em menor quantidade a não padrão é representada pela variável [-nu].

Certamente, existe a necessidade de aprofundar o estudo sobre o fenômeno do apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema formador de gerúndio em nível de mestrado. Para isso, é necessário controlar outros fatores tais como ampliar os pontos de inquéritos, além de outros fatores de ordem extralinguística. Desse modo, esperamos que esta pesquisa contribua de maneira significativa para os estudos sociolinguísticos e dialetais na cidade de Manaus.

REFERÊNCIAS

Aguilera, V. de A., Doiron, M. P. B. (Orgs.). (2015). Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus. Londrina: Eduel.

ALVES, Chicon Alves, (et.al). A Sociolinguística em Perspectiva: pesquisa e ensino de línguas [recurso eletrônico]. (orgs.). – Mossoró, RN: Edições UERN, 2024.

ANDRADE, Amália. 1994. Estudo Acústico de Sequências de Oclusivas em Português Europeu. Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Coimbra, 1993). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Colibri: 1-15.

ARAÚJO, Risonilde Clementino de. Apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio na fala envirense. 2019. Dissertação de Mestrado/UFAM.

AZEVEDO, Orlando da Silva. Aspectos dialetais do português da região Norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM). Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, 2013.

BAIRRO MONTE DAS OLIVEIRAS. 2024. Imagem panorâmica do bairro, Disponível em: <http://www.seas.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/BOLETIM-INFORMATIVO-MONTE-DAS-OLIVEIRAS-MANAUS>. Acesso disponível: em pdf 03 de maio de 2024.

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BATISTA, Bryana Connie Linda Lopes. Aspectos Dialetais do Médio Amazonas: um estudo sobre o léxico. 2019. Dissertação de Mestrado/UFAM.

BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco-antes e além-depois. 2ª ed. Revisada. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. A geografia linguística no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.
CAMACHO, R. G. Sociolinguística — parte II, In: MUSSALLIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. V.1 São Paulo: Cortez, 2012, p. 51- 83.

CHAMBERS, J. k.; TRUDGILL, P. La Dialectologia. Madri: Visor Libros, 1994. 189

CAMPOS, Odete. A. de Souza. O gerúndio no português (estudo histórico-descritivo). Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1980.

CARDOSO, S.A.N. Atlas linguístico de Sergipe II. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- CARDOSO, Susana Alice. Projeto AliB: descrição e estágio atual. In: Revista da ABRALIN, v.8, n.1, p. 185-198, 2009.
- CARDOSO, Susana Alice. Geolinguística: tradição e modernidade. São Paulo: parábola 2010.
- CARDOSO, Susana Alice; FERREIRA, Carlota. A Dialectologia no Brasil. São Paulo: Contexto, 1994.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis: Vozes (1970 ed., 1989).
- COSERIU, Eugenio. Sistema, Norma y Habla. In: Teoría del Leguaje y Lingüística General. 3 ed. Madrid: Biblioteca Românica Hispânica / Editorial Gredos, 1973, (p.11-113).
- COELHO, I. L. et al. Para conhecer sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2021.
- COUTINHO, I. de L. Pontos de gramática histórica. 6. Ed. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1999
- CRISTIANINI, Adriana Cristina. Atlas semântico-lexical da região do grande ABC. Tese apresentada ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.
- CRISTÓFARO SILVA, Thais. Fonologia: Por uma análise integrada entre a morfologia e a sintaxe. Viva Voz, Belo Horizonte, v. 2, p. 61-70, 1996.
- CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM). 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.
- DAOU, Ana Maria. A Belle Époque Amazônica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FARACO, Carlos Alberto. Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. A dialetologia no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010.
- GUGLIOTTA, Alexandre Carlos. Entre trabalhadores imigrantes e nacionais: Tavares Bastos e seus projetos para a nação. / Alexandre Carlos Gugliotta. – Niterói: UFF, 2007. Tese (mestrado) – UFF/Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Área de História. /Programa de Pós-Graduação em História Social, 2007.
- HOUAISS, A et al. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE. Censo Demográfico 2010: Características da População e dos Domicílios: Resultados do Universo. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 28 agosto 2022.

LABOV, William. Padrões Sociolinguísticos. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARROQUIM, M. A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Nacional, 1934.

MARTINS, Ivone da Silva; BUENO, Elza Sabino da Silva. (2011). Estudo do gerúndio – a transformação de [-nd] em [-n] no Português falado na região de fronteira (v.1, n.4, p.1 - 24). UEMS/Campo Grande: Sociodialeto (Online). In <http://www.sociodialeto.com.br/edições/9/28092011064716.pdf>. Acesso em 16 de maio de 2022.

MARGOTTI, Felício Wessling. Difusão Sócio-Geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil. Tese defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília; JUNIOR, Celso Ferrarezi. Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução / São Paulo: Editora Contexto, 2016.

NASCENTES, Antenor. O linguajar carioca. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

OLIVEIRA, J.B. de.; JACOMINE, P.K.T.; CAMARGO, M.N. Classes gerais de solos do Brasil: guia auxiliar para seu reconhecimento. 2.ed. Jaboticabal: FUNEP, 1992. 201p.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925). Editora UFAM/UEA, 2003, (Série Amazônia: a terra do homem).

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. Editora Cultrix: São Paulo, 2006.

SOUZA, Márcio. A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo. Manaus: Editora Valer, 2010.

SILVA NETO, S. da. Guia para estudos dialetológicos. Belém, Instituto Nacional de Pesquisas do Amazônia, 1957.

TARALLO, Fernando. A Pesquisa Sociolinguística. São Paulo: Ática, 1985

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. 1995, Palermo. In: RUFFINO, Giovanni (org.). Atti Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

VELOSO, João. Reavaliando o estatuto silábico das seqüências obstruinte+lateral em português europeu. Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto , , Portugal. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-44502006000100005>. Acesso em 03 de junho de 2024.

VIEIRA, Shirley. O comportamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo [dissertação] / Shirley Vieira; orientador, Felício Wessling Margotti. - Florianópolis, SC, 2010.

APÊNDICE A – Ficha do informante

Localidade:

Nome:

Idade:

Profissão:

Sexo:

Escolaridade:

Região de nascimento: _

Lugar de origem dos pais:

Quantos anos vive na localidade?

APÊNDICE B – Questionário morfofonológico (QMF)

O que a moça está fazendo com o copo d'água?

1. Bebendo

O que o homem está fazendo com a banana?

2. Comendo

O que o bebê está fazendo em cima da cama?

3. Dormindo

O que o aluno está fazendo no quadro ao lado da professora?

4. Escrevendo

O que os homens estão fazendo no campo de futebol?

5. Jogando

O que a pessoa está fazendo com a massa dentro da peneira?

6. Peneirando

O que o homem está fazendo no rio?

7. Pescando

O que os cantores estão fazendo com o violão?

8. Tocando

O que o pássaro está fazendo no céu

9. Voando

Complete:

Quando alguém entrega alguma coisa para outra pessoa, ela está

10. Dando

Quando uma comida tem cheiro ruim, a comida está

11. Fedendo

Complete:

Quando alguém guarda um objeto para que outra pessoa não veja, ela está

13. Escondendo

Quando um carpinteiro está no final de um trabalho ele está

14. Terminando

Como o rapaz está atravessando o rio?

15. Nadando

O que a senhora está fazendo todo dia para emagrecer?

16. Caminhando

Complete:

O dedo da garota quebrou e agora está ...

17. Doendo

O que o homem está fazendo com aquela tarrafa?

18. Tarrafeando

Complete:

Eles ouviram uma piada e estão.....

19. Rindo

Aquele homem está ao nosso encontro.

20. Vindo

Quando você olha para alguma coisa, você está

21 Vendo

O que ela está fazendo com o livro?

22. Lendo

Complete:

Quando duas pessoas discutem alto, ela estão....

23. Brigando

Quando o repórter está conversando com um jogador, ele está

24. Entrevistando

O que ela está fazendo com a vassoura?

25. Varrendo

Você costuma ir à taberna

26. Andando

a) De carro

b) De moto

c) andando

O que ela está fazendo com aquela blusa?

27. Vestindo

O que ele está fazendo pertinho do rádio?

28. Ouvindo

O que o cantor está fazendo no show?

29. Cantando

Complete:

Ele está para a praia cedo.

30. Indo

O que ela está fazendo com a colher no mungunzá?

31. Mexendo

Complete:

Quando não estamos descendo o rio, estamos.....

32. Subindo

A cobra está..... o sapo.

33. Engolindo

Quando eu falo algo para uma pessoa e ela compreende, posso dizer que ela está.....

34. Entendendo

Quando eu pego um objeto posso dizer que estou

35. Segurando

Quando uma coisa não está aumentando, ela está

36. Diminuindo

O que o casal está fazendo no altar?

37. Casando

O que aquela senhora está fazendo naquela máquina?

38. Costurando

Qual o percurso mais rápido na viagem de canoa?

39. Descendo

Qual o contrário de chegando?

40. Saindo

O que a atendente está fazendo no hospital?

41. Atendendo

Complete:

Quando o barranco está desmoronando, ele está.....

42. Caíndo

O que ela está fazendo com o leque?

43. Abanando

O que ela está fazendo juntando a goma e o sal?

44. Misturando

Complete:

Quando um rapaz e uma moça estão abraçados , eles estão

45. Namorando

Como se chama quando alguém se corta e fica derramando sangue:

46. Sangrando

Quando se coloca peixe numa frigideira com óleo quente, o que a pessoa fazendo?

47. Fritando

Complete:

Quando alguém está ajoelhado costumamos dizer que está ...

48. Rezando / orando

Quando uma pessoa está em seu local de trabalho ela está

49. Trabalhando

Quando colocamos uma quantidade exagerada de leite no copo, esse líquido fica....

50. Escorrendo

APÊNDICE C – Questionário morfofonológico integrado (QMF)

1-O que a moça está fazendo com o copo de cerveja?



2-O que o homem está fazendo com o frango?



3-O que o bebê está fazendo em cima da cama?



4-O que o aluno está fazendo com o lápis?



5-O que os homens estão fazendo no campo de futebol?



6-O que a pessoa está fazendo com a massa dentro da peneira?



7-O que o homem está fazendo no rio?



8-O que os cantores estão fazendo com o violão?



9-O que o pássaro está fazendo no céu?



Complete:

10-Quando alguém entrega alguma coisa para outra pessoa, ela está?



11-Quando uma comida tem cheiro ruim, a comida está?



12- Quando alguém guarda um objeto para que outra pessoa não veja, ela está?



13- Quando um carpinteiro está no final de um trabalho ele está?



14- Como o rapaz está atravessando o rio?



15- O que a senhora está fazendo todo dia para emagrecer?



Complete:

16-O dedo da garota quebrou e agora está ...

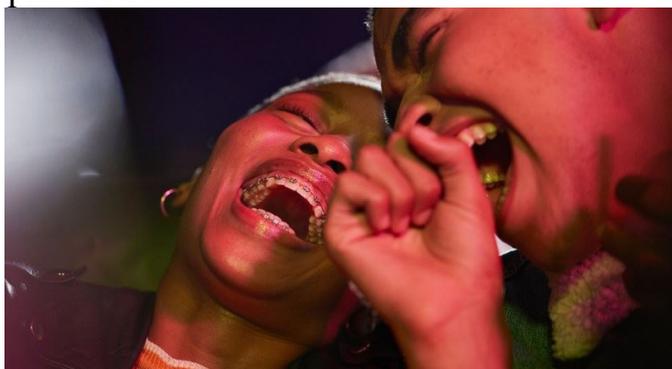


17-O que o homem está fazendo com aquela tarrafa?



Complete:

18- Eles ouviram uma piada e estão?



19- Aquele homem está.....ao nosso encontro.



20- Quando você olha para alguma coisa, você está?



21- O que ela está fazendo com o livro?

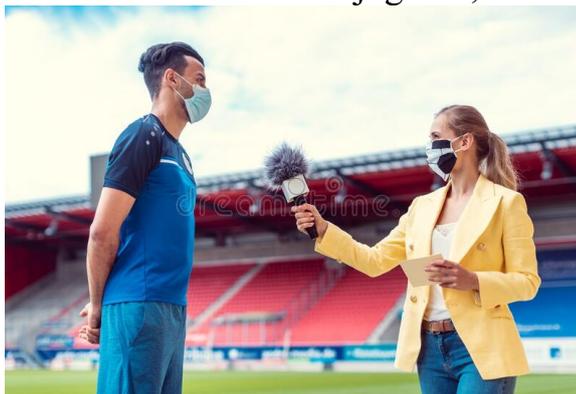


Complete:

22- Quando duas pessoas discutem alto, elas estão...



23- Quando o repórter está conversando com um jogador, ele está?



24-O que ela está fazendo com a vassoura?



25-O CASAL ESTÁ?



26-O que ela está fazendo com aquela blusa?



27-O que ele está fazendo pertinho do rádio?



28-O que o cantor está fazendo no show?



Complete:

29-Ele está _____ para a praia cedo.



30-O que ela está fazendo com a colher no mungunzá?



Complete:

31-Quando não estamos descendo o rio, estamos.....



32-A cobra está _____ o sapo.



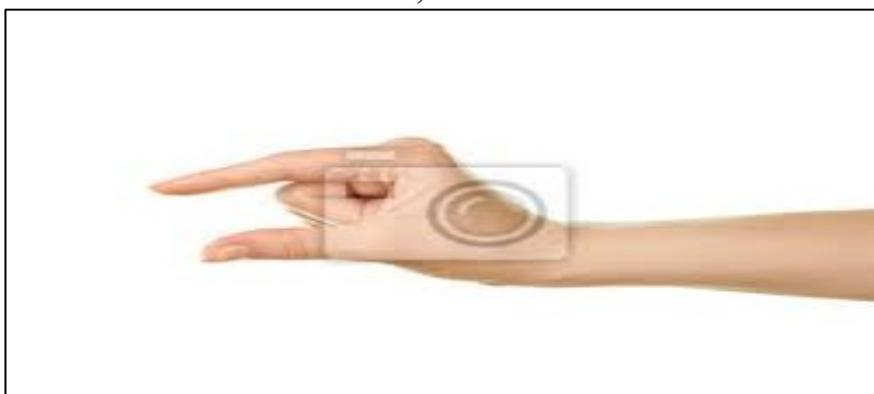
33- Quando eu falo algo para uma pessoa e ela compreende, posso dizer que ela está?



34- Quando eu pego um objeto por muito tempo quero dizer que estou?



35- Quando uma coisa não está aumentando, ela está?



36-O que o casal está fazendo no altar?



37-O que aquela senhora está fazendo naquela máquina?



38- Qual o percurso mais rápido na viagem de canoa?



39- Qual o contrário de chegando?



40- O que a atendente está fazendo no hospital?



Complete:

41- Quando o barranco está desmoronando, ele está?



42- O que ela está fazendo com o leque?



43-O que ela está fazendo juntando a goma e o sal?



Complete:

44- Quando um rapaz e uma moça estão abraçados, eles estão?



45- Quando alguém se corta e fica derramando sangue, dizemos que está?



46) Quando se coloca peixe numa frigideira com óleo quente, o que a pessoa fazendo?



Complete:

47- Quando alguém está ajoelhado costumamos dizer que está?



48- Quando uma pessoa está em seu local de trabalho ela está?



49- Quando colocamos uma quantidade exagerada de leite no copo, esse líquido fica?



50- As crianças estão?

